

USP

Campus de São Carlos

Uma análise dos olhares dos moradores e da
imprensa escrita sobre a degradação do rio Pardo
no município de São José do Rio Pardo, SP

Maria Alice Vaz Ferreira

Orientadora: Profa. Dra. Haydée Torres de Oliveira

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS

**Uma análise dos olhares dos moradores e da imprensa
escrita sobre a degradação do rio Pardo no município de
São José do Rio Pardo, SP.**

Maria Alice Vaz Ferreira

Dissertação apresentada à Escola de
Engenharia de São Carlos – USP, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de mestre em Ciências da
Engenharia Ambiental



Orientadora: Profa. Dra. Haydée Torres de Oliveira

<p>Serviço de Pós-Graduação EESC/USP</p> <p>EXEMPLAR REVISADO</p> <p>Data de entrada no Serviço: 30/04/02</p> <p>Ass.: <i>YAG</i></p>

São Carlos
2002

DEDALUS - Acervo - EESC



31100036926

Class. TESE-EESC
Cód. 2146
Tombo T0088/02

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Tratamento
da Informação do Serviço de Biblioteca – EESC/USP

F383a Ferreira, Maria Alice Vaz. -- São Carlos, 2002.
Uma análise dos olhares dos moradores e da imprensa
escrita sobre a degradação do rio Pardo no município
de São José do Rio Pardo, SP / Maria Alice Vaz
Ferreira. -- São Carlos, 2002.

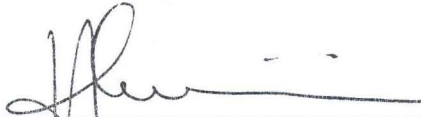
Dissertação (Mestrado) -- Escola de Engenharia de
São Carlos-Universidade de São Paulo, 2002.
Área: Ciências da Engenharia Ambiental.
Orientadora : Profa. Dra. Haydée Torres de
Oliveira.

1. Percepção. 2. Memória. 3. Imprensa Escrita. 4.
Rio Pardo. 5. São José do Rio Pardo. 6. Degradação
Ambiental. Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

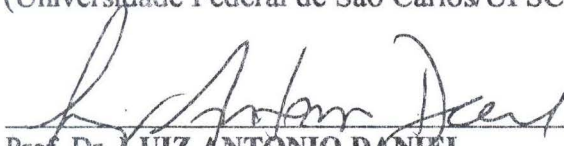
Candidata: Bacharela **MARIA ALICE VAZ FERREIRA**

Dissertação defendida e julgada em 08-02-2002 perante a Comissão Julgadora:



Prof. Dra. **HAYDÉE TORRES DE OLIVEIRA** (Orientadora)
(Universidade Federal de São Carlos/UFSCar)

APROVADA



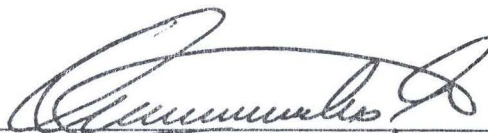
Prof. Dr. **LUIZ ANTONIO DANIEL**
(Escola de Engenharia de São Carlos/USP)

APROVADA

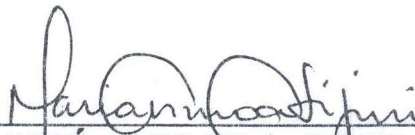


Prof. Dr. **NIVALDO NORDI**
(Universidade Federal de São Carlos/UFSCar)

APROVADO



Prof. Doutor **VALDIR SCHALCH**
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Engenharia Ambiental



p/ **JOSÉ CARLOS A. CINTRA**
Presidente da Comissão de Pós-Graduação da EESC

Dedicatória

“A esperança adiada faz mal ao coração; desejo realizado é uma árvore frutífera.” (Provérbios de Salomão)

Dedico este trabalho àquele que me ajudou
concluir mais esta etapa; ao Deus que sempre
faz brotar mananciais nos desertos da minha
vida.

Agradecimentos

Aos meus pais, *José Ferreira* e *Elza de Lourdes Vaz Ferreira*, pelo exemplo de vida que são para mim, pelo amor incondicional com que me cercam e por terem se esforçado tanto para que eu pudesse chegar até aqui.

À *Profa. Dra. Haydée Torres de Oliveira*, pela orientação amiga e pelas valiosas contribuições para minha formação como pesquisadora e como ser humano, sem as quais este trabalho não poderia ter sido realizado;

Aos professores *Dr. Nivaldo Nale* e *Dra. Norma Felicidade Valêncio*, membros da minha banca de qualificação, e aos professores *Dr. Luiz Antônio Daniel* e *Dr. Nivaldo Nordi*, membros da minha banca de defesa, pelas importantes contribuições apresentadas, já incluídas neste trabalho;

Ao *Prof. Dr. Evaldo G. Espíndola* por seu trabalho e dedicação em prol do aperfeiçoamento deste programa de pós-graduação;

À *Claudete* pelo ótimo atendimento que recebi sempre que precisei;

À *CAPES* e ao *CRHEA*, pelo importante apoio financeiro concedido à esta pesquisa;

À amiga *Sílvia Ana Cruz Lofrano*, que facilitou (e muito!) o meu trabalho de campo, me ajudando a encontrar pessoas que satisfizessem os critérios estabelecidos nesta pesquisa, me acompanhando nas “saídas a campo” na área urbana; e ao meu pai que me ajudou de maneira similar na área rural;

À minha vizinha *Isaura Elias Couto* que “madrugou” por muitos dias para me acompanhar até o ponto de ônibus, para as coletas de dados no museu;

Ao pessoal do museu riopardense: *Maria Dulce*, *Sílvia Helena*, *Cleusa*, *Sr. Osvaldo* e, em especial, ao *Fábio* que me ensinou localizar os pesados arquivos de jornais, me ajudando também a carregá-los por muitas vezes “até o xerox mais próximo”;

Ao amigo *Rogério Siqueira*, pelas contribuições tão grandes “em momentos de desespero”, quando o conhecimento básico com os recursos do *WORLD*, *POWER POINT* e do *scanner* me faltaram e pela amizade verdadeira;

Aos amigos da *ABU*, pela amizade, carinho e companheirismo, também expressos inúmeras vezes através da frase: “Má, tem como fazer alguma coisa para te ajudar?” Em especial, àqueles que encontraram o que fazer: *Alessandro Ferreira*, *Dani Braatz*, *Edwin Carvalho*, *Gisele Porto*, *Luciana Santos*, *Thiago Buosi* e *Tomás Wey*;

Um agradecimento especial às meninas lá de casa: *Carol*, *Clene*, *Fá*, *Kelly* e *Melina*, pela amizade enorme e insubstituível, pelas palavras de incentivo e pelas muitas outras contribuições que cada uma delas deram para que eu pudesse concluir este trabalho;

Às amigas da graduação *Irene, Kátia Sendra, Mariana, Renata Canteiro e Renata Pires*, pessoas a quem eu quero muito bem;

Aos meus irmãos *Ana Paula e Paulo*, ao meu sobrinho *Felipe* e a minha tia *Maria*, alvos do meu amor enquanto eu viver;

Ao primeiro contador de histórias que eu conheci, meu “*vozinho Zé*”, que me ensinou ouvir as pessoas e me sentir bem, descobrindo tesouros no “ouro” que o outro tem;

E, finalmente, aos grandes responsáveis por este trabalho, que me concederam entrevistas, gastando um tempo considerável, me ensinando coisas tão importantes sobre “o rio da minha aldeia”

Sumário

RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA E SEUS PROCESSOS DE DEGRADAÇÃO.....	6
CAPÍTULO II: IMPORTÂNCIA DO RIO PARDO PARA A CIDADE DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO.....	10
CAPÍTULO III: A PERCEPÇÃO DOS PROCESSOS DE DEGRADAÇÃO DO RIO PARDO PELOS MORADORES DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO.....	17
1- INTRODUÇÃO.....	17
1.1- Bases teóricas do trabalho: introdução aos conceitos de memória, percepção, topofilia e topofobia.....	17
1.1.2- Memória.....	18
1.1.2- Percepção.....	20
1.1.3- Topofilia e Tofobia.....	20
2- OBJETIVOS.....	21
2.1- Objetivo Geral.....	21
2.2- Objetivos Específicos.....	21
3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1- Parâmetros utilizados na escolha dos informantes da pesquisa.....	22
3.2 Os entrevistados.....	23
3.3- O método de coleta dos dados.....	25
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
4.1- Percepção de modificações no rio sobre a ótica da população urbana.....	26
4.2- Percepção de modificações no rio sobre a ótica da população rural.....	34
4.3- Espécies populares de peixes mencionadas nas entrevistas.....	40
4.4- Discussão geral.....	40
4.5- Memórias dos entrevistados descritas nos depoimentos.....	43
4.5.1- Memórias da enchente de 1977.....	43
4.5.2- Lembranças do rio "trançado de peixes".....	47
4.5.3- Memória do rio como um "rio assassino".....	50
4.6- Mudanças topofílicas e topofóbicas nas relações da população com o rio no decorrer do tempo.....	51
4.7- Perspectivas dos entrevistados sobre a escassez de água.....	54
4.8- O conhecimento sobre os ecossistemas aquáticos apresentado pelos moradores da área rural.....	57
4.8.1- Conhecimento sobre a rede de drenagem do rio Pardo.....	57
4.8.2- Conhecimentos sobre a Ictiofauna.....	58
5- CONCLUSÕES.....	60
CAPÍTULO IV: A PRESENÇA DA TEMÁTICA AMBIENTAL NA IMPRENSA ESCRITA: TEMAS, CONTEXTOS E ABORDAGENS.....	62
1- INTRODUÇÃO.....	62
1.1- Os meios de comunicação nas sociedades atuais: com que pressupostos interpretá-los?.....	62
2- OBJETIVOS.....	64
2.1- Objetivo Geral.....	64
2.2- Objetivos Específicos.....	64
3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	65
3.1- Breve histórico do jornal Gazeta do Rio Pardo.....	65

3.2- Definição de “temática ambiental” e a coleta de dados	65
3.3- Discussão metodológica	66
4- RESULTADOS E DISCUSSÕES	69
4.1- Abordagem da temática ambiental na década dos anos cinquenta	69
4.1.1- Solos	70
4.1.2- Flora e fauna	71
4.1.3- Abordagem da temática ambiental relacionada à água	76
4.1.4 - Energia	81
4.2- Abordagem da temática ambiental nas décadas dos anos sessenta aos anos noventa	88
4.2.1- A abordagem de temas relacionados à flora	88
4.2.2- A Abordagem da água enquanto recurso para os seres humanos	92
4.2.3- A abordagem do problema representado pelo excesso ou pela escassez de chuvas	95
4.2.4- Energia	97
4.2.5- Abordagens sobre o rio Pardo e Ictiofauna	102
5- CONCLUSÕES	113
CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
1- O RIO SEGUNDO OS OLHARES DOS MORADORES, O RIO SEGUNDO OS OLHARES DA IMPRENSA ESCRITA	115
2- RECOMENDAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS FUTURAS	119
5 REFERÊNCIAS	121

Lista de quadros e figuras

Figura 1: Localização da cidade de São José do Rio Pardo no Estado de São Paulo...	p. 10
Figura 2: Cabana de zinco e sarrafos às margens do rio Pardo.....	p. 14
Figura 3: Foto do desfile da semana euclidiana.....	p. 15
Figura 4: Modificações nas características da água (área urbana).....	p. 27
Figura 5: Modificações na quantidade de água (área urbana).....	p. 28
Figura 6: Modificações na ictiofauna (área urbana).....	p. 30
Figura 7: Modificações no tipo de uso da água (área urbana).....	p. 32
Figura 8: Modificações na ictiofauna (área rural).....	p. 34
Figura 9: Modificações na quantidade de água (área rural).....	p. 37
Figura 10: Modificações no tipo de uso da água (área rural).....	p. 38
Quadro 1: Moradores da área urbana.....	p. 24
Quadro 2: Moradores da área rural.....	p. 24
Quadro 3: Mudanças ocorridas no rio e suas causas.....	p. 33
Quadro 4: Peixes citados nas entrevistas (áreas urbana e rural).....	p. 39

Resumo

FERREIRA, M. A. V. Uma análise dos olhares dos moradores e da imprensa escrita sobre a degradação do rio Pardo no município de São José do Rio Pardo, SP. São Carlos, 2001. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada, Universidade de São Paulo.

O presente trabalho foi realizado na cidade de São José do Rio Pardo (SP), tendo como objetivo a análise da percepção dos moradores das áreas urbana e rural sobre os processos de degradação do Rio Pardo, bem como a análise da abordagem da imprensa escrita sobre os problemas ambientais da cidade, particularmente, sobre o rio Pardo. Para isto foram realizadas entrevistas para o levantamento das percepções dos moradores, bem como a análise documental para o levantamento da abordagem de temas ambientais pela imprensa escrita. Os resultados das entrevistas mostraram que os moradores estabeleceram uma relação entre a degradação do rio Pardo e as atividades humanas, sendo citadas as modificações nas características da água, na quantidade da água, na fauna de peixes e nos usos múltiplos da água. A análise do principal jornal da cidade mostrou que tal veículo dedicou um espaço considerável para a discussão da temática ambiental, nos últimos cinquenta anos, sendo que, em alguns casos, essa discussão não estava isenta de interesses, geralmente políticos. As discussões dos resultados obtidos possibilitaram uma melhor compreensão das relações estabelecidas pela população da cidade de São José do Rio Pardo com rio Pardo, sendo apresentadas sugestões que possam contribuir para a resolução dos problemas levantados.

Palavras-chaves: Percepção; Memória; Imprensa Escrita; rio Pardo; São José do Rio Pardo; Degradação Ambiental.

Abstract

FERREIRA, M. A. V. An analysis of the inhabitants' view and of the printing press about the degradation of the Rio Pardo River in the town of São José do Rio Pardo, SP. São Carlos, 2001. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada, Universidade de São Paulo.

The present work was done in the city of São José do Rio Pardo (SP), and its goal was the analysis of the city and countryside inhabitants' perception of the processes of degradation of the Rio Pardo River, as well as the analysis of the printed press approach on the environmental problems of the city, particularly on the Rio Pardo River. Because of this, interviews were done to collect the inhabitants' understanding, as well as the analysis of the documents to understand the approach given by the printed press on the environmental themes. What we collected showed that the inhabitants can clearly establish a relationship between the degradation of the Rio Pardo River and the human activities, being mentioned the changes in the water characteristics, on the amount of water, on the fauna of fish and in the multiple use of the bodies of water. On the other hand, the analysis of the main newspaper in the city showed that this newspaper dedicated a remarkable space to the discussion of the environmental theme, in the last fifty years, and this discussion, in some cases, was not free of interests, generally political ones. The discussion of the results made possible a better understanding of the relationships established by the population of the city of São José do Rio Pardo with its river, and suggestions were presented to contribute with the solving of the found problems.

Key-words: Perception; Memory; Printing Press; rio Pardo; São José do Rio Pardo, Environmental Degradation

Capítulo I: Considerações sobre a importância da água e seus processos de degradação

Nenhum outro líquido no planeta Terra é tão fundamental para a manutenção da vida quanto a água. Componente indispensável da maioria dos ecossistemas, ela pode ser diretamente relacionada com a alta diversidade de espécies encontradas em determinados países ou regiões. Todas as funções orgânicas (digestão, circulação, respiração, excreção, transpiração, etc.) exigem a renovação rápida da água contida nas células ou nos líquidos intersticiais, sendo que muitos animais resistem à ausência de alimentos por semanas, enquanto a sobrevivência na ausência de água só pode perdurar por poucos dias.

Mas, a importância e o significado da água, para os seres humanos, vão muito além das suas necessidades biológicas (BRUNI, 1993). O controle da água pode fazer fortunas, sustentar o poder de políticos e definir o desenvolvimento que uma região, país ou sociedade pode alcançar, já que essa substância é indispensável na realização de quase todas as atividades humanas. A maioria dos historiadores ressalta a relação entre

as grandes civilizações e o vale de rios: vale do Nilo, no Egito, vale do Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, vale do Indo, no Paquistão, vale do rio Amarelo, na China entre outros (PERRY et. al, 1985).

De fato, sem os rios as primeiras civilizações não poderiam ter alcançado o estágio de desenvolvimento que obtiveram. O Egito, por exemplo, seria praticamente um deserto sem o rio Nilo, sendo tal rio associado não somente à fertilidade do local, como também a um importante meio de transporte e integração do Alto e Baixo Egito. Nos períodos de cheias, tanto o Nilo, no Egito, como o Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, depositavam um lodo fértil que propiciou o desenvolvimento da agricultura. Com a produção de alimentos em determinado local, os seres humanos puderam abandonar os hábitos nômades e, ao se estabelecerem em uma região, puderam transformá-la dando origem às primeiras civilizações.

Os recursos hídricos tiveram participação igualmente fundamental no desenvolvimento das diferentes regiões do Brasil, sendo que, no Estado de São Paulo, por exemplo, eles tiveram grande importância em todos os períodos da sua história. Não foi por acaso que grande número de cidades paulistas iniciou seu povoamento nos vales de rios. Durante os primeiros séculos do período colonial, os rios forneciam principalmente água, peixes e atraíam animais que complementavam a alimentação tanto dos índios que ali já habitavam, os quais mantinham uma relação de respeito e equilíbrio com o ambiente, quanto para os colonizadores europeus, que mantinham apenas uma relação de exploração com os recursos naturais da região (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, 1999).

Com o surgimento do movimento bandeirantes e das monções, os rios paulistas serviam, ainda, como via de comunicação e escoamento de produtos. Tal uso, porém, era restrito, uma vez que os rios paulistas, em geral, apresentavam muitas quedas d'água, não propiciando a navegação. Já no último quarto do século XVIII, com a produção da cana-de-açúcar, os usos da água se multiplicaram, servindo esta tanto na movimentação das moendas e resfriamento dos alambiques, como também na dessedentação de animais utilizados no trabalho do engenho e no transporte da produção.

Foi, porém, a partir do final do século XIX que os rios paulistas começaram ser mais amplamente utilizados, com os processos de industrialização, urbanização e crescimento populacional. Deste período até os dias atuais os rios tem sofrido seus maiores impactos, devido à maior demanda de água para a realização das diversas atividades humanas, tais como, abastecimento doméstico e industrial, geração de energia elétrica, assimilação e afastamento de esgotos, irrigação de culturas agrícolas, navegação, piscicultura, pesca, recreação, entre outras.

Em decorrência destas atividades, ODUM (1988) afirma que, em nível global, o ciclo hidrológico é um dos ciclos mais importantes para a humanidade, sendo, ao mesmo tempo, um dos mais vulneráveis às perturbações antropogênicas. Tais perturbações desestabilizam os ecossistemas, afetando negativamente as condições de vida de diversas espécies, já que os recursos hídricos apresentam uma capacidade limitada de recuperação face a velocidade e intensidade dos impactos aos quais tem sido submetidos.

Como consequência deste quadro apresentado, atualmente, a maioria dos cidadãos brasileiros é capaz de apontar em suas cidades, ou em suas regiões, corpos d'água que

estão amplamente degradados em decorrência de ações humanas (BONETI, 1997). Considerando-se a grande importância da água para os mais diversos ecossistemas do planeta, bem como os processos de degradação aos quais os recursos hídricos têm sido submetidos, torna-se evidente a necessidade de se buscar caminhos que levem à conservação dos ecossistemas aquáticos como forma de garantir a propiciação e manutenção da vida em todas as suas formas.

Neste contexto, refletir sobre as relações que as comunidades e a imprensa mantiveram com os recursos hídricos é um caminho para repensar atitudes e encontrar formas de recuperação e de preservação dos ecossistemas aquáticos e demais ecossistemas.

Capítulo II: Importância do Rio Pardo para a cidade de São José do Rio Pardo

O rio Pardo tem sua nascente na região de Caldas, em uma gruta na Serra do Servo, no sudeste do Estado de Minas Gerais, seguindo em direção noroeste e adentrando o estado de São Paulo. Percorre 525 quilômetros, onde banha 12 cidades mineiras e 38 cidades paulistas. Seu principal afluente é o rio Mogi-Guaçu, sendo o rio Pardo o principal afluente do rio Grande (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, 1995).

A cidade de São José do Rio Pardo está localizada no estado de São Paulo (Figura 1) na bacia hidrográfica do alto rio Pardo. Sua população total é de 50.036 habitantes, sendo destes 41.627 moradores da área urbana e 8.409 moradores da área rural (IBGE, 2000).

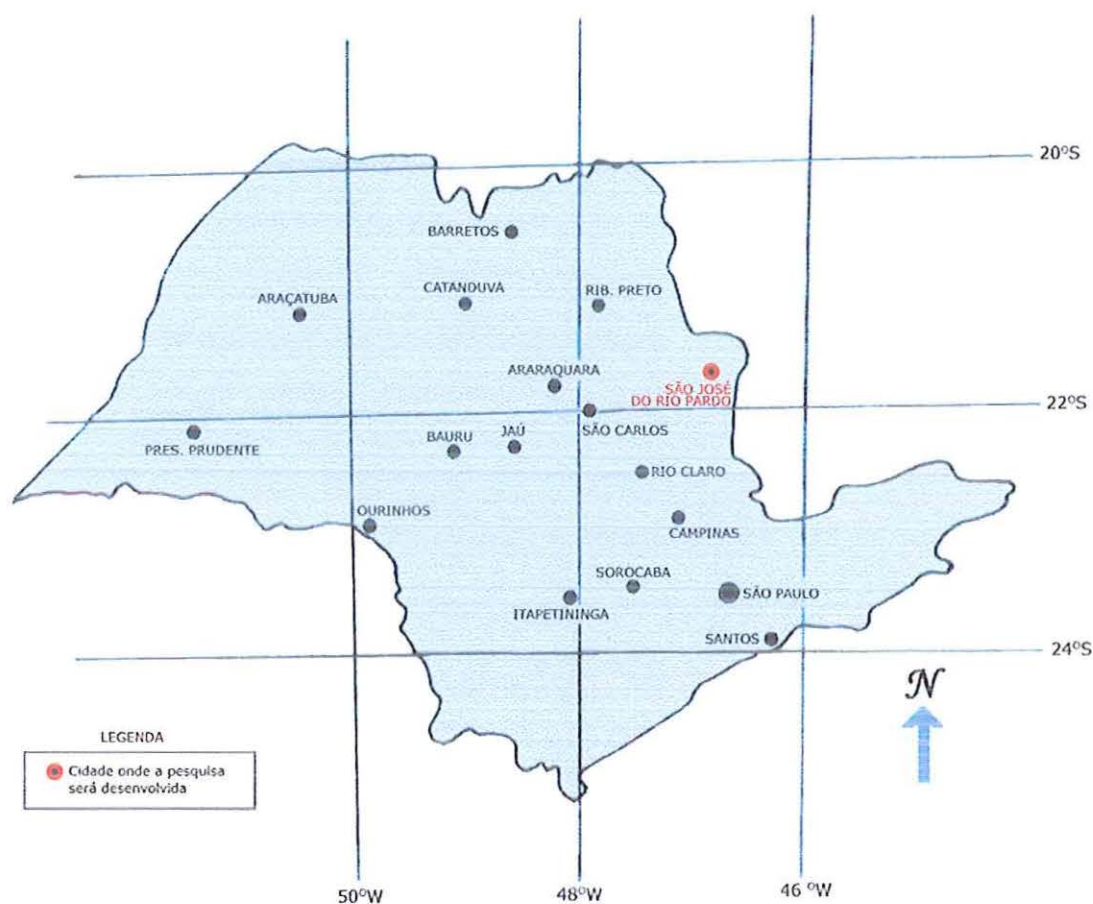


Figura 1 – Localização da cidade de São José do Rio Pardo no estado de São Paulo.

O Rio Pardo está estritamente relacionado com a história da cidade que leva o seu nome – São José do Rio Pardo – sendo de grande importância para esta. Os primeiros moradores da região já procuraram a proximidade com os recursos hídricos para se estabelecer:

“(...) por volta de 1815, o sesmeiro português, Capitão Alexandre Luiz de Mello e seu clã, vindos de Minas Gerais, instalaram-se nas terras do vale do rio Pardo entre os afluentes: rios Fartura e do Peixe.” (TREVISAN, 1982)

A grande abundância de recursos hídricos e a fertilidade dos solos atraiu para a cidade imigrantes das mais variadas nacionalidades, sendo estes, em maior número, italianos, espanhóis, portugueses, japoneses e sírios-libaneses e em menor número, argentinos, uruguaios, alemães, austríacos, russos, gregos, romenos, poloneses, tchecoslovacos, iugoslavos, entre outros, como documentado em antigos livros de registro, hoje dispostos no Centro Cultural Ítalo Brasileiro – São José do Rio Pardo, SP. (DELL GUERRA, 2000)

A presença destes imigrantes em São José do Rio Pardo acabou por gerar fatos históricos bastante peculiares. Dentre estes, pode-se citar o episódio republicano, que acabou levando a cidade a proclamar a república, três meses antes da proclamação no país (DELL GUERRA, 1997). No ano de 1889, havia em São José do Rio Pardo dois grupos razoavelmente consolidados, com grandes divergências políticas. O primeiro grupo era constituído por monarquistas, filiados ao Partido Liberal; o segundo, constituído por republicanos, havendo em sua formação um grande número de imigrantes, principalmente italianos, adeptos das idéias divulgadas na Europa sobre o novo regime.

O primeiro confronto público entre os dois grupos ocorreu no dia 30 de julho de 1889 (DELL GUERRA, 2001), na inauguração da nova sede da colônia italiana “Società di Mutuo Soccorso 20 Settembre”. Os dois grupos se encontraram na celebração, estando os monarquistas acompanhados da banda de música local, que tocava o Hino Nacional, e os republicanos, acompanhados da banda Giuseppe Verdi, que entoavam a Marselhesa, hino de guerra do novo regime. “Houve gritarias e troca de insultos” (DELL GUERRA, 2001).

Os desentendimentos entre os dois grupos tiveram seu ápice em 10 de agosto de 1889, quando o hotel de propriedade do republicano Ananias Barbosa foi atacado, depredado e saqueado por praças do destacamento policial, acompanhados de alguns civis. O hotel hospedava no dia o candidato à deputado do Partido Republicano, Francisco Glicério. Horas depois do ocorrido, Ananias Barbosa e Glicério saíram pela cidade, reunindo os republicanos. Fazendeiros e seus colonos armados se juntaram ao movimento, dirigindo-se à Casa de Câmara e Cadeia que foram tomadas, tendo sido presas as autoridades monárquicas e retirado o retrato de D. Pedro II. O povo se juntou aos líderes republicanos, proclamando a república na cidade “ao som da Marselhesa e de outros hinos”.

Chegando tal episódio ao conhecimento do governador da província de São Paulo, foram enviados à cidade reforços militares. Os monarquistas foram libertos, retomando a cidade o seu cotidiano normal. Três meses depois, foi proclamada a república no país, sendo que, dois anos após o episódio republicano em São José, a cidade recebeu, por decreto do governador de São Paulo, o nome de Cidade Livre do Rio Pardo. Os riopardenses, embora agradecidos pelo reconhecimento, pediram a volta do nome original, permanecendo a denominação de Cidade Livre do Rio Pardo por apenas oito dias.

Um outro fato histórico bastante relevante para a cidade, intimamente relacionado à presença do rio, foi a estadia do engenheiro e escritor Euclides da Cunha e sua família, de 1898 a 1901, em São José do Rio Pardo. Euclides esteve na cidade para supervisionar a construção de uma ponte, que uniria as duas partes da cidade separadas pelo rio Pardo.

Durante o período de construção da ponte, o autor escreveu o livro “Os Sertões”, que se tornou conhecido mundialmente.

Em carta enviada a Francisco de Escobar, um amigo rio-pardense, o autor reconhece a importância da tranquilidade que este encontrou em uma cabana de zinco construída às margens do Rio Pardo (figura 2), para a elaboração de sua obra:

“Que saudades do meu escritório de folhas de zinco e sarrafos, da margem do Rio Pardo! Creio que se persistir nesta agitação estéril não produzirei mais nada de duradouro” (TRECHO DA CARTA DE EUCLIDES, 1908).

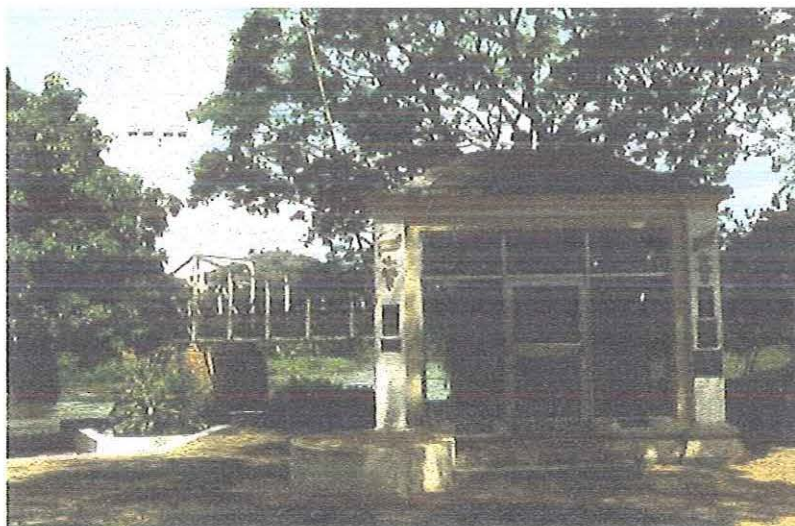


Figura 2- Cabana de zinco e sarrafos às margens do rio Pardo

Pelo fato do importante livro ter sido escrito às margens do rio, a cabana de zinco foi envolvida por uma redoma de vidro, e em 15 de agosto de 1982 os restos mortais de Euclides da Cunha foram trazidos para a cidade, onde se encontram até os dias de hoje em um mausoléu às margens do rio. A ponte construída tornou-se símbolo do brasão de São José do Rio Pardo, e desde 1912 surgiu na cidade o movimento euclidiano, “um movimento de gratidão e amor ao engenheiro e escritor que, mesmo morto, continuava a

e elevar a cidade, fazendo-a conhecida mundialmente como o berço de “Os Sertões” (DEL GUERRA, 1998).”

Todo ano, as escolas riopardenses, bem como algumas instituições e clubes da cidade, realizam um desfile pelas principais ruas do centro de São José do Rio Pardo, no dia 15 de agosto, feriado municipal dedicado à Euclides da Cunha. As escolas recebem temas, relacionados à vida, obra ou ideais do engenheiro e escritor, que devem ser apresentados no desfile. O movimento euclidiano pode ser considerado como uma das mais importantes expressões culturais da cidade; para muitos uma herança a mais do escritor e, em minha análise, herança também do rio, que justificou sua estadia na cidade.



Figura3- Foto do desfile da Semana Euclides

Apesar da grande contribuição do rio Pardo para a cidade de São José do Rio Pardo, em variados aspectos, este não tem tido uma história diferente dos demais rios do estado de São Paulo. As pressões demográficas e atividades econômicas tem impactado o rio de diversas formas, com construção de barragens, deposição de esgoto doméstico e

industrial sem tratamento, destruição das matas ciliares, aterro das margens, contaminação por parte dos pesticidas empregados na agricultura, entre outros.

Uma vez iniciados os processos de degradação dos rios, inicia-se também um processo de desafeição para com o mesmo por parte da população que com ele convive, tornando-se problemas sérios não somente os focos de degradação, mas também o distanciamento e a indiferença das pessoas com relação ao rio. Torna-se evidente a necessidade de se reverter as relações dos seres humanos com os ecossistemas aquáticos, tanto no que diz respeito aos processos que geram degradação quanto na sensibilização e tomada de atitude, no sentido de se melhorar a qualidade ambiental e, por consequência, a qualidade de todas as formas de vida associadas a este ambiente.

Capítulo III: A percepção dos processos de degradação do Rio Pardo pelos moradores de São José do Rio Pardo

1- Introdução

1.1- Bases teóricas do trabalho: introdução aos conceitos de memória, percepção, topofilia e topofobia

Os conceitos de memória, percepção, topofilia e topofobia foram constantemente utilizados nesta pesquisa, sendo variadas as definições e áreas do conhecimento que a estes conceitos se associam. Sendo assim, visando uma maior validade e compreensão do presente trabalho, torna-se necessário explicitar a quais autores recorri para subsidiar esta pesquisa, bem como quais são as definições propostas pelos mesmos para cada um destes termos.

1.1.2- Memória

Uma das mais corriqueiras definições atribuídas ao termo “memória” é a “a faculdade de reter as idéias, impressões ou conhecimentos adquiridos” (FERREIRA, 1985), ou ainda, “a propriedade de conservar informações” (LE GOFF, 1996). Estas primeiras definições remetem os conceitos de memória principalmente às ciências biológicas, psicológicas e médicas, tendo sido amplos e variados os estudos já realizados sobre fisiologia e distúrbios da memória, bem como estudos relacionando a capacidade de memorização com os processos de aprendizagem e inteligência.

Muito mais recentemente, o desenvolvimento da cibernética e da genética enriqueceram de maneira considerável, sobretudo metaforicamente, o conceito de memória, passando essa a relacionar-se a máquinas, como a memória principal e secundária dos computadores, ou ao código genético, também chamado de memória da hereditariedade. Apesar dos inúmeros enfoques que um estudo sobre memórias poderia apresentar, os aspectos dessa que terão inserção direta neste trabalho são aqueles relacionados às ciências humanas, sobretudo os aspectos sociais da memória ou memória social, considerada “um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1996).

De fato, a memória tem uma importante função social, desde as sociedades que a transmitiam de forma oral, passando pelas fases de transição da oralidade à escrita, até às sociedades de memória essencialmente escrita. A memória pode ser usada como instrumento de manipulação, sendo uma das principais preocupações das classes, grupos

ou indivíduos dominantes de uma sociedade o “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento” (LE GOFF, op. cit.). Através da memória puderam-se perpetuar os ritos que uniam uma sociedade, os grandes feitos passados, bem como os conhecimentos que permitiam uma maior sobrevivência.

Um outro aspecto importante que pode ser conservado tanto na memória individual, quanto na memória coletiva de uma sociedade são as transformações no ambiente que a cerca, sendo que tais transformações servem, muitas vezes, como indicativos de sucessão temporal, podendo um ambiente estático comprometer a noção de tempo, como elucidada e exemplifica TUAN (1983, p.209):

“Os pigmeus da floresta úmida do Congo têm uma noção primária de tempo. Parecem viver inteiramente no presente. O que há em seu meio ambiente para lembrá-lo de um longo passado? A floresta úmida é imutável.”

Para ALMEIDA (2001), as memórias têm, ainda, um importante papel na detecção de padrões de desenvolvimento e dos impactos ambientais dele decorrentes, já que na memória podemos encontrar as marcas significativas da história de um povo, reconstruindo assim os espaços, modificados no decorrer do tempo. Ao rememorarmos fatos e cenários de um tempo passado estabelecemos conexões imediatas com o momento atual, uma vez que “é inevitável fazer comparações entre o passado e o presente” (HOBSBAWN, 1997). Há, assim, uma relação intrínseca entre memórias e as percepções imediatas (BOSI, 1994), sendo que tal relação tornou-se bastante evidente no presente trabalho. Torna-se necessário neste momento a definição de percepção adotada nesta pesquisa.

1.1.2- Percepção

Percepção é tanto a resposta dada pelos nossos órgãos do sentido aos estímulos externos, como também a atividade proposital, na qual registramos certos fenômenos com clareza, enquanto ignoramos outros, permitindo que estes “retrocedam para a sombra” (TUAN, 1983).

Por possuírem órgãos de sentido similares, todos os seres humanos compartilham percepções comuns, tendo então, um mundo em comum, do ponto de vista fisiológico. Porém, ao olhar para uma determinada paisagem, dificilmente duas pessoas terão a mesma visão ou compreensão do que estão vendo. Isto porque, o que cada pessoa seleciona para ver depende muito de sua história de vida e bagagem cultural (LUDKE & ANDRÉ, 1986). Fatores como aptidões, predileções, formação pessoal e grupo social a que pertence fazem com que uma pessoa se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros. Considera-se ainda que “as percepções estão impregnadas de lembranças” (BOSI, 1994).

Estes fatores podem justificar não somente as diferenças da visão de um determinado ambiente, mas também os diferentes graus de afetividade associados a este ambiente. As relações estabelecidas entre a percepção de um ambiente por um indivíduo e o valor afetivo a ele atribuído serão melhor explicadas nas definições que se seguem.

1.1.3- Topofilia e Tofobia

Segundo TUAN (1980), “topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Associam-se a tal conceito, lugares e paisagens que provocam

sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética. Um sentimento contrário a topofilia é a topofobia, associada a lugares e paisagens que geram qualquer tipo de aversão, repulsa, desconforto e medo (DEL RIO & OLIVEIRA, 1996). A topofilia e topofobia estão intimamente associadas às percepções e memórias relacionadas à um determinado ambiente.

A compreensão das relações topofílicas e topofóbicas de uma população para com o ambiente que a cerca pode nos conduzir à compreensão das atitudes (ou falta de atitudes) que geram (ou permitem) a degradação ambiental, sendo então importante área de estudo.

2- Objetivos

2.1- Objetivo Geral

Esta etapa da pesquisa tem por objetivo geral a reflexão sobre os processos de degradação dos ecossistemas aquáticos, relacionando estes processos ao crescimento das cidades, sendo discutidas as modificações ocorridas tanto nos corpos d'água, quanto nas relações dos seres humanos com estes.

2.2- Objetivos Específicos

⇒ Caracterizar as principais mudanças ocorridas no rio Pardo, na perspectiva dos moradores das suas proximidades, nas áreas urbana e rural;

⇒ Obter destes moradores possíveis causas para as mudanças descritas, estabelecendo uma relação entre os processos de degradação e o padrão de desenvolvimento da cidade;

⇒ Levantar a perspectiva da população estudada sobre a possibilidade de se solucionar os problemas descritos, permitindo ao rio retornar às suas características anteriores às mudanças observadas;

⇒ Levantar as relações afetivas estabelecidas por estes moradores com o rio, no passado e no presente, verificando as possíveis mudanças ocorridas.

3- Procedimentos Metodológicos

3.1- Parâmetros utilizados na escolha dos informantes da pesquisa

Em um primeiro momento, foram estabelecidas como possíveis informantes desta pesquisa, pessoas com idade igual ou superior à 70 anos e que tivessem nascido na cidade de São José do Rio Pardo, ou ali residissem desde a infância. Tais pessoas deviam ainda ser moradoras das proximidades do rio Pardo, na área urbana ou rural, tendo um contato duradouro com o mesmo, ainda que apenas visual, durante sua vida.

Na tentativa de localizar pessoas com tais características, na área urbana, recorri à ajuda de uma amiga, com 52 anos de idade, moradora nas proximidades do rio há 35 anos. Após eu ter explicado os objetivos da pesquisa, ela, espontaneamente, começou contar algumas histórias passadas relacionadas ao rio, bem como apontar algumas mudanças ocorridas no córrego São José, afluente do rio Pardo, próximo à sua casa. Resolvi então, aplicar algumas “entrevistas-teste”, tanto na área rural, como na área urbana, afim de verificar se pessoas com idade inferior à 70 anos não apresentariam informações relevantes, relacionadas aos processos de degradação do rio.

Os resultados dos testes mostraram que, quando uma pessoa morava há mais de 40 anos nas proximidades do rio, descrevia mudanças bastante relevantes, mesmo tendo idade inferior aos 70 anos previamente estabelecidos. O critério da idade foi então substituído pelo critério de tempo de residência nas proximidades do rio, sendo este, no mínimo, 40 anos. Com relação ao número de entrevistados, foram coletados depoimentos até que a amostra se esgotasse, não havendo acréscimo de novas informações. Este critério também foi utilizado por ALMEIDA (2001) em sua pesquisa com memórias sobre o rio do Monjolinho.

Foram realizadas 19 entrevistas, sendo destas, 12 na área urbana e 7 na área rural, incluídos neste total três das entrevistas-teste realizadas na área urbana, com pessoas que não satisfaziam o critério tempo de residência próximo ao rio, por estas possuírem informações importantes para esta pesquisa.

3.2 Os entrevistados

Algumas variáveis qualitativas e quantitativas sobre os entrevistados foram julgadas relevantes para a compreensão dos resultados obtidos à partir das entrevistas, sendo estas apresentadas nos quadro 1 (entrevistados na área urbana) e no quadro 2 (entrevistados na área rural). Cabe salientar que alguns nomes não serão acompanhados pelos sobrenomes, quando as pessoas entrevistadas fizeram esta opção.

Quadro 1- Moradores da área urbana: Nome, idade, profissão e tempo de residência próximo ao rio.

Nome	Profissão	Idade	Tempo que reside próximo ao rio
Amélia	Dona de casa	70 anos	Mais de quarenta
Antônio Carlos Escudeiro	Pedreiro	58 anos	55 anos
Araci	Dona de casa	59 anos	44 anos
Auzira Moreno	Dona de casa	67 anos	55 anos
Francisco Gonsalves	Aposentado (Fepasa)	73 anos	40 anos
Geralda Moreira Melo Vieira	Dona de casa	65 anos	31 anos
José Luiz do Nascimento	Pintor	50 anos	46 anos
João Martineli	Comerciante	55 anos	45 anos
José Roberto Lofrano	Aposentado (bancário)	53 anos	35 anos
Maria Vital	Dona de casa	74 anos	74 anos
Sílvia Ana Cruz Lofrano	Dona de casa	52 anos	35 anos
Vera Lúcia Barbosa Fernandes	Dona de casa	54 anos	54 anos

Quadro 2- Moradores da área rural: Nome, idade, profissão e tempo de residência próximo ao rio.

Nome	Profissão	idade	Tempo que reside próximo ao rio
Carlos Junqueira	Lavrador	72 anos	53 anos
Guilherme Beo	Lavrador	83 anos	53 anos
Guilherme Valentim Beo	Lavrador	57 anos	52 anos
João Batista da Silva	Lavrador	83 anos	61
José Ferreira	Lavrador	61 anos	61 anos
Oswaldo Gomes	Lavrador	64 anos	64 anos
Nilce Beo Domingos	Cozinheira	53 anos	41 anos

Considerando-se o número de entrevistados, pode-se notar que este foi maior na área urbana que na área rural. Este fato se deve, principalmente, a dificuldade de se encontrar pessoas que morassem na área rural, próximo ao rio e que ali residissem por pelo menos 40 anos. Também, a repetição do conteúdo das entrevistas realizadas na área rural deu indícios de que as informações obtidas eram as mais significativas.

Com relação ao gênero, percebe-se ainda que há uma proporção mais equitativa entre homens e mulheres entrevistados na área urbana que na rural. Isto se deve ao fato das mulheres na área rural preferirem indicar para as entrevistas os maridos, que, segundo elas, possuem um maior contato com os rios nos horários de trabalho e lazer (pesca), não concedendo elas mesmas as entrevistas.

3.3- O método de coleta dos dados

O relato, também denominado “história oral” têm sido considerado uma das principais técnicas para se contrapor ou complementar os dados quantitativos. Para QUEIROZ (1988), enquanto estes últimos reduzem a realidade social à “aridez dos números”, amputando muitas vezes seu significado, o relato “encerra a vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que representa todo fato social.”

O tipo de relato utilizado neste trabalho foi o depoimento oral que pode ser caracterizado como o documento obtido em uma entrevista, direcionada para um determinado tema (LANG, 1992). Tal entrevista consiste na abordagem oral direta dos participantes sobre determinado tema, afim de que estes possam disponibilizar suas

informações, experiências, opiniões ou outros arquivos interiores que venham contribuir com a pesquisa a ser realizada (SELLTIZ, 1974).

Para a realização das entrevistas foi necessária uma cuidadosa análise dos objetivos que se pretendia alcançar ao aplicá-la, sendo elaborado um roteiro prévio que direcionou as questões no sentido de se obter as informações almejadas (Anexo). Os dias, horários e locais em que as entrevistas foram realizadas foram previamente combinados com os entrevistados, sendo esclarecido para os mesmos os objetivos visados por esta pesquisa. Finalmente, só foi utilizado gravador e máquina fotográfica mediante a autorização dos participantes, por questões éticas óbvias. Todos os participantes autorizaram o uso do gravador, sendo as entrevistas transcritas e transformadas em documentos para análise posterior.

4- Resultados e Discussão

4.1- Percepção de modificações no rio sobre a ótica da população urbana

As principais modificações apresentadas pelo rio, segundo a percepção dos moradores da área urbana, serão apresentadas através de esquemas (ver legenda) e de trechos das falas dos entrevistados. As alterações mais citadas referem-se a: modificações nas características da água, na quantidade de água, modificações na ictiofauna e no tipo de uso da água, entre outras, e serão apresentadas em seqüência de acordo com a representatividade de cada categoria (das mudanças mais citadas para as menos citadas).

Legenda do fluxogramas

■	Modificações apresentadas
■	Causas das Modificações
□	Soluções para os problemas ou justificativas para sua irreversibilidade .

Modificações nas Características da Água

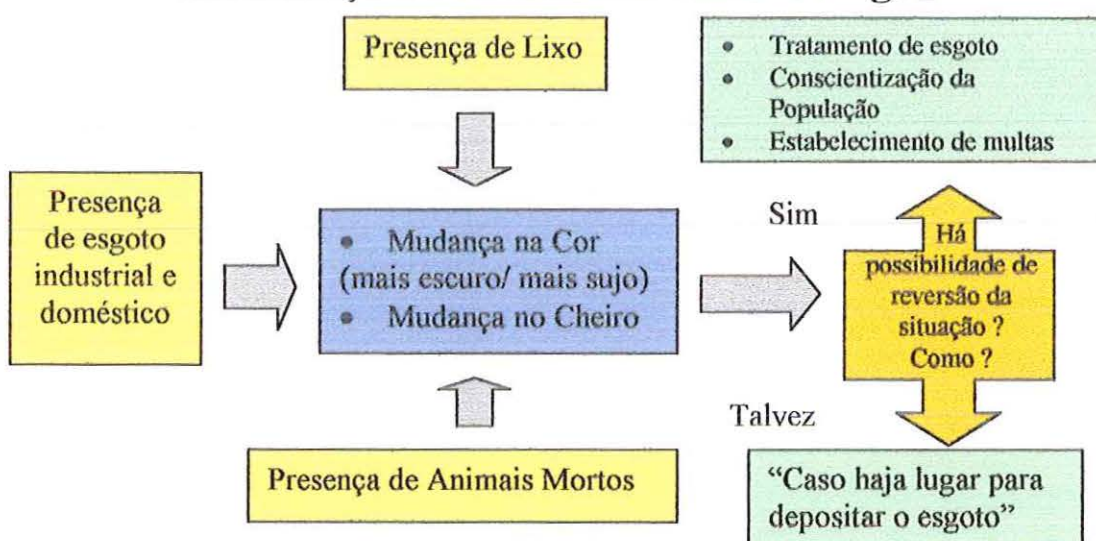


Figura 4: Modificações nas características da água (área urbana)

Depoimentos

“Eu sinto assim que o rio tá mudando e no aspecto da água, ela tá mais, é... Antes eu achava que ela era mais clara. Hoje eu passo por ali parece que ela tá mais escura (..)” (Silvia Ana Cruz Lofrano)

“Ah! Do tempo que eu to aqui a gente nota modificação assim: mais imundo, mais sujo, mais poluição, né. (...) Ah! É o lixo, né! As coisas que jogam na beira do rio, né. Plásticos, né, animais mortos que jogam”(Geralda Moreira)

“A gente vai na beira do rio, só vê os lodo da poluição. Tem dia que até o rio mesmo chega a cheirar mau cheiro. Já não falando do córrego, o rio (...)” (Francisco Gonsalvez)

“O esgoto é terrível! Falta de chuva a gente não aguenta nem passar na beira do rio, do corguinho. Desce tudo lá de cima aí. Tem dia que a água tá cor de óleo preto.”(Amélia)

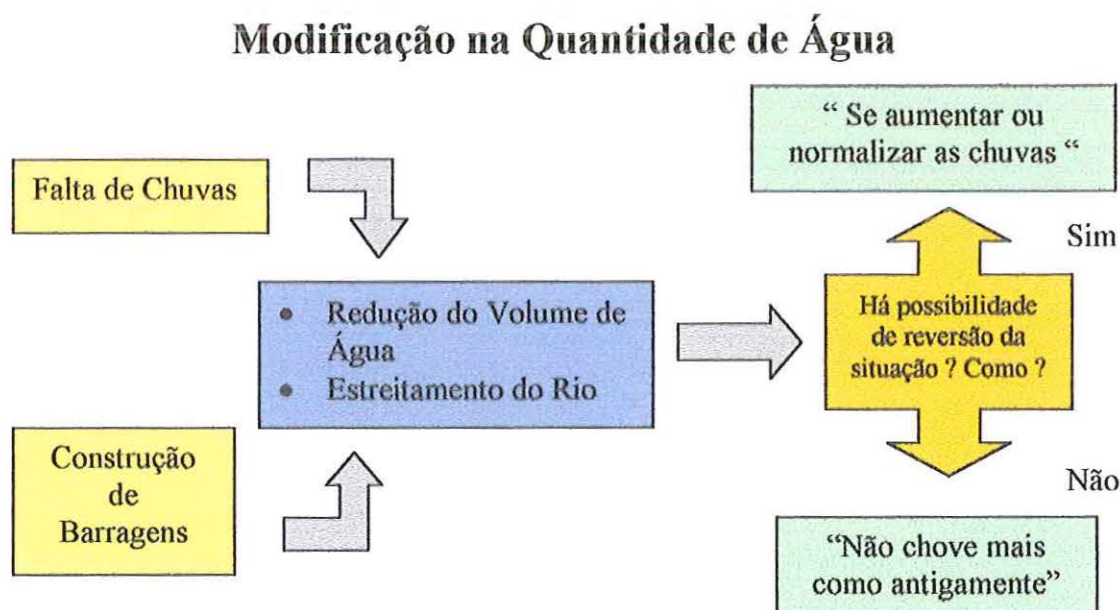


Figura 5: Modificações na quantidade de água (área urbana)

Depoimentos

“(...) ele era um rio, pra começar, ele nunca chegou a ficar tão vazio assim, como ele tá. Porque dá medo de ir lá, olhar a régua. Dá medo! Difícil chegar a ter um metro e vinte; é um metro, é 95 cm. Num chega a ter nem um metro. Eu nunca vi o rio tão baixo assim

(...)Nunca foi isto. Eles falam, falam, mas acho que cada ano tem chovido menos, né. É isto aí! Será? Pode ser isto também, né. Então, cada ano, menos água, menos água, menos água. Se torna este tanto aí (...).” (Francisco)

“O rio tá vazio. Nossa! O rio nunca ficou tão vazio. Do jeito que tá, nunca lembro. Aquelas pedra nunca apareceu, agora tá vazio em todo lugar. Tá sem água de tudo o rio Pardo! (...) antigamente era bem mais cheio. Quando ele fica mais cheio, fica mais bonito, né. Antigamente, no aniversário da ponte Euclides da Cunha era mais bonito. Faziam demonstração, tinha canoa, caiaque, era muito bonito. Agora não tem jeito de fazer nada, tá muito cheio de pedra, não pode fazer nada, nada.” (João Martinele)

“Porque eu adorava nadar, e eu apanhava na hora do almoço e à noite; na hora do almoço do meu irmão e à noite da minha mãe, né, porque eu gostava de nadar. E era muito gostoso, né, porque a gente pulava de cima da ponte aí, né. Então, não tinha tanta pedra, tanto entulho. Aqui na ponte era bem profundo. Hoje, tá em média aí, um metro de água passando em baixo da ponte, né. Chega a um metro, um metro e vinte só. (...)Eu creio também que um pouco foi a represa, né, desmatamento da beira das margens do rio.” (José Luiz do Nascimento)

“(...) as usinas, né, o rio foi diminuindo, fechando.” (Antônio Carlos Escudeiro)

Modificações na Ictiofauna

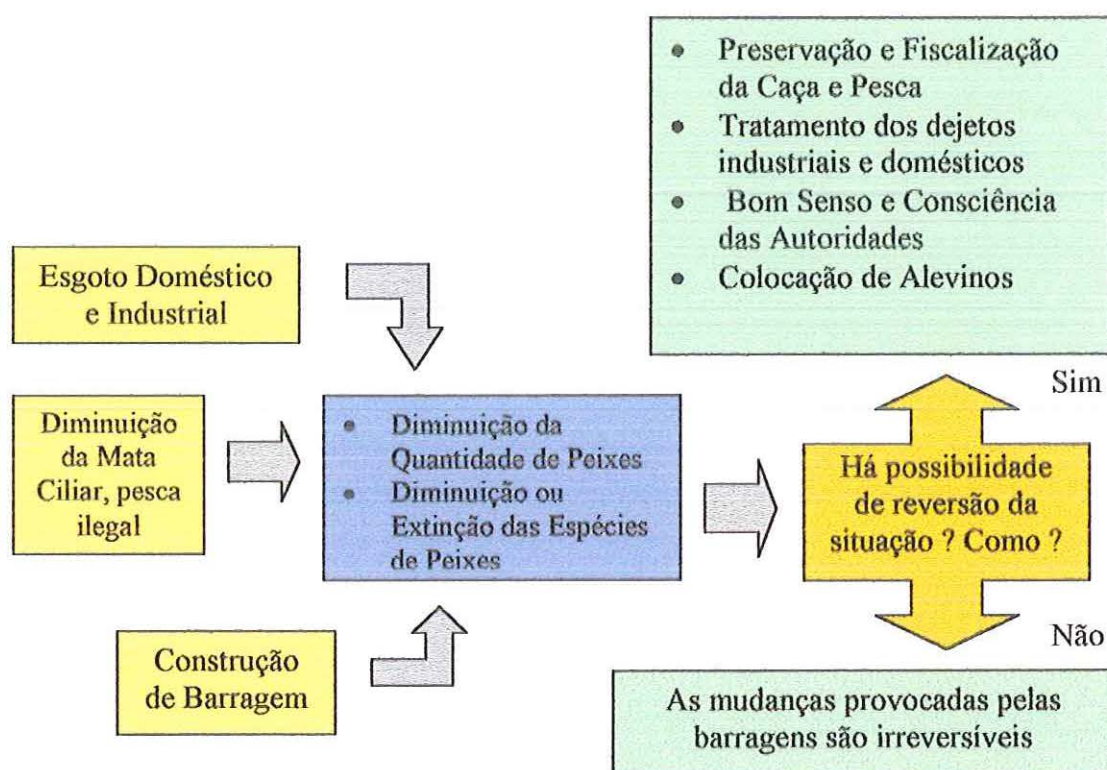


Figura 6: Modificações na ictiofauna (área urbana)

Depoimentos

“O Rio Pardo sempre foi fonte de muita pescaria, antes das usinas. Tinha muito peixe mesmo. Curimatá, muitos pescadores de São José fizeram a vida no Rio Pardo e tem muitas histórias pra contar, ao longo de todo o Rio Pardo, ao longo de todo o Rio Pardo antes das usinas, né.” (José Roberto Lofrano)

“Ah! Eu acho que por causa das usinas, não tem mais como voltar a ser como era mais não. Pegava peixe de mais da conta. Hoje é tudo diferente. Naquele tempo era (pausa). Eu acho que este negócio de usina acabou com o rio.” (Vera Lúcia)

“Olha, pra mim seria o ideal a prefeitura fazer um tratamento de esgoto, não deixar jogar mais esgoto no rio. Ai voltaria até os peixes, né. E a conservação das matas ciliares, né. Que já não tem mais no rio.” (Sílvia Ana Cruz Lofrano)

“Houve uma mudança muito ... (pausa). É até entristecedora, né. Antigamente era um rio muito bonito, vistoso. Hoje o que a gente vê é apenas poluição, né. Existe várias partes do rio, que até o corpo do rio chegou a ter uma alteração, né. Por exemplo, aqui no Euclides da Cunha mesmo, aqui na ponte, a gente via assim, aqueles cardumes de curimbatá (...)(Agora)Muito raro peixe no rio, muito raro. Porque o pessoal também, não só pela poluição, muita rede, muita tarrafa, então vai acabando. (...) Ah! Pegava mandi, curimbatá, tilápia, traíras, pegava até dourado, né, mais isto ficou no passado, né, no passado só.” (José Luiz do Nascimento)

“Geralmente o rio dava mais peixe, tinha mais água, era mais limpo, não era tão poluído que nem hoje, né. Tinha muito peixe na época quando eu era moleque, eu pegava peixe até com paulada aí, ó. Agora hoje é novidade quando você pega um peixe.” (Antônio Carlos Escudeiro)

Modificações no Tipo de Uso da Água

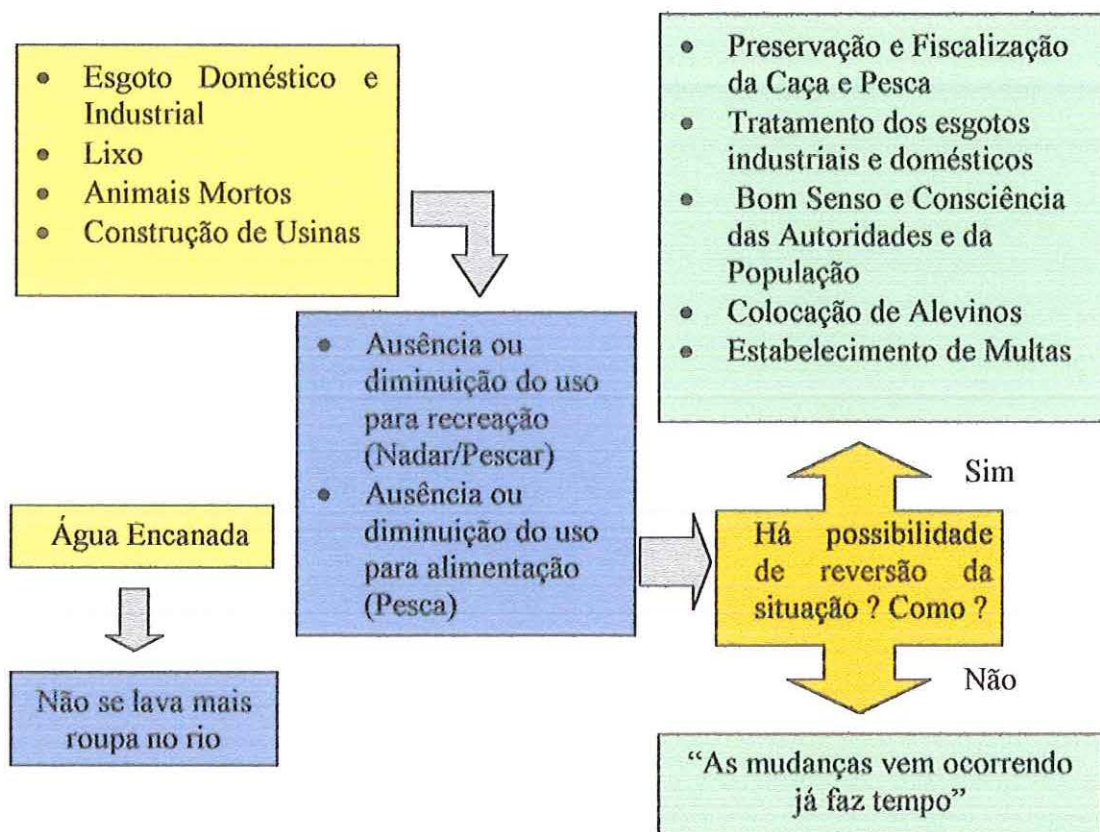


Figura 7: Modificações no tipo de uso da água (área urbana)

Depoimentos

“Ah! É que naquele tempo a gente lavava roupa no rio que não tinha água encanada. Então todas as mulheres lavavam roupa no rio, tinha do lado de lá e do lado de cá, lavavam roupa no rio. Depois eles pois água encanada, aí ficou abandonado o rio (...) O rio Pardo mesmo tá lá. O que a gente mais lembra é das pessoas lavando roupa, tudo na beirada do rio.” (Maria Vital)

“(...) antigamente dava muito peixe, hoje tá poluído, né, com esgoto. A gente de criança, a gente lembra de todas estas coisas. Eu saía com uma varinha aqui, meia hora eu trazia mistura pra casa, né.” (Antônio Carlos Escudeiro)

“É, mais moço, né, tinha muita gente que nadava neste rio antigamente. Hoje já não nada mais, não vê mais.” (Antônio Carlos Escudeiro)

Outras Mudanças

Quadro 3: Mudanças ocorridas no rio e suas causas

Causa	Modificações
Sazonalidade	Alterações no cheiro (“piora”) e na cor (“mais sujo”) quando chove. Mais Seco em épocas de Estiagem. Mais cheio em épocas de chuvas
Natural	Os coqueiros cresceram .
Iniciativas Públicas	Limpeza do mato na beira do Rio. Concerto da “Pontinha”.
Não especificada	A casa da Ilha foi derrubada. As ilhas cresceram e outras diminuíram.

Depoimentos

*“Agora, por causa da seca, ele tá muito seco, mas ele sempre foi normal, né”
(Auzira Moreno)*

“Falta de chuva a gente não aguenta nem passar na beira do rio, do corguinho. Desce tudo lá de cima aí. Tem dia que a água tá cor de óleo preto.” (Amélia)

*“(…) ele só modifica quando tá chovendo muito, porque aí ele enche e a água vem parar na porta da minha cozinha (...) Ah! Eu acho que agora eles deram uma limpada na beirada e tá bom, porque era uma imundície que não tinha bem jeito.”
(Araci)*

“E o rio ficou na mesma, né, com as pedras, tinha os coqueiros, os coqueiros cresceu, tá lá os coqueiros até hoje, né”(Maria Vital)

“(…) e outras ilhas pequenas que cresceram, outras diminuíram.” (José Luiz do Nascimento)

“acho que pra mim conserva o mesmo, só a pontinha aqui foi consertada”(Amélia)

4.2- Percepção de modificações no rio sobre a ótica da população rural

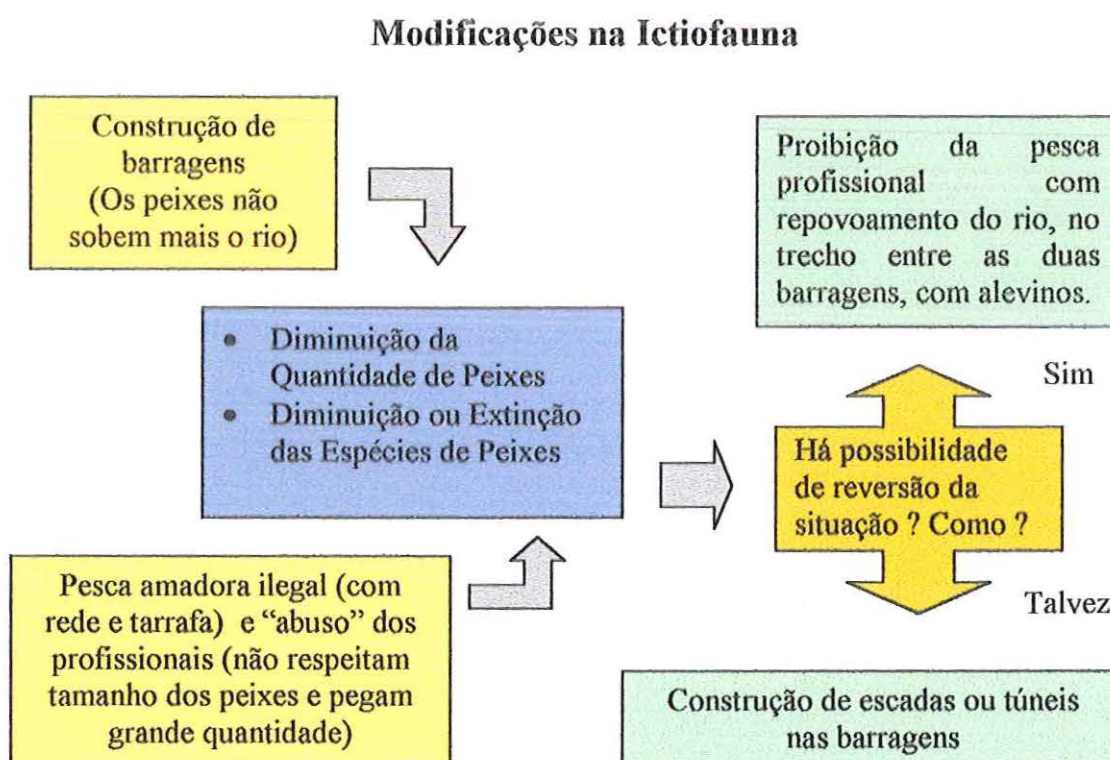


Figura 8: Modificações na ictiofauna (área rural)

Depoimentos

“Diminui as espécies do peixe, não é pelo rio, nem por nada. É que as duas represas lá embaixo é paredão, não tem escada. Então, não tem regresso mais prá cima, pro peixe subi. Chega lá o peixe pára lá (...) Depois, com esse negócio de represa, sobe água prá principalmente outubro, novembro, dezembro que é tempo de desova. Sobe a água porque sorta lá em cima que pega até enchente. Ai depois fecha lá em cima abaixa no nível. Aquela desova que fica no capim na margem de rio, aquela gora, não nasce, perde . Então perde tudo, né. Perde tudo. Agora o cascudo que é de buraco, cascudo existe.

Ah! Mais isto é culpa das duas represas ali de baixo que não tem subida de peixe. Deviam ter feito um canal de um e meia (polegadas), numa fundura de 40 ou 50 cm, vertical assim, fazendo curva, o peixe subia. Ou então escada, mas não fizeram, acabo (...).

Tinha muito peixe. Rio Pardo foi um rio de muito curimbatá. Até quase que dos rios que eu conheço, porque eu pesquei em diversos rio, o Rio Pardo ganhava de outros rio maior em curimbatá (...)Se fizer escada ou então um túnel de 30, 40 cm de água, que daí o peixe sobe. A água pode ser forte, mas o peixe sobe. Mesmo lugar que a gente vê tombo d'água, cachoeira, quando é tempo da subida, eles vão, chega naquela água braba, eles pula prá cima. Agora uma escada da altura de 50 m, daí não vai conseguir nunca.”(Carlos Junqueira)

“(peixe) é muito menos. É muito menos. Depois que fez aquela barrage aqui prá baxo, os pexe aqui as vezes não pegô peixe nenhum, sabe! Um ano fez farta e quase não pegô nada.(..) Do rio tá igual, foi isto que eu falei, foi os pexe que mudô. Esse ano não pegô nada, nada, nada... E antes pegava, pegava bastante, mais bastante mémo, né.”
(Guilherme Beo)

“Ah, (usina) altera porque lá num sobe peixe né, eles põem peixe aí, né, mais não adianta muito né porque antes eles subia né, agora num sobe.”(Guilherme Valetim Beo)

“Peixe acabou! Você sabe que acabou porque na época nossa, nessa época lá, a gente morava lá, você saía ia na beira do Rio Pardo, tinha curimatá, tinha dourado, tinha tudo quanto é tipo de peixe. (...). Depois teve aquelas represa aqui embaixo, a Euclides da Cunha e a Limoeiro, então não sobe mais peixe. Então acabou negócio de pescaria, negócio de peixe, acabou (...) E com os peixe, é rede prá todo lado, tarrafa prá todo lado” (Osvaldo Gomes)

“A modificação é que tem menos peixe, né. Por causa destas usina. Daí os pescador vê que tem pouca água, o quê que eles faz? Saqueia! Bate tarrafa, põem rede, canoa de um lado pro outro, eles põem rede pra todo lado” (José Ferreira)

Modificação na Quantidade de Água

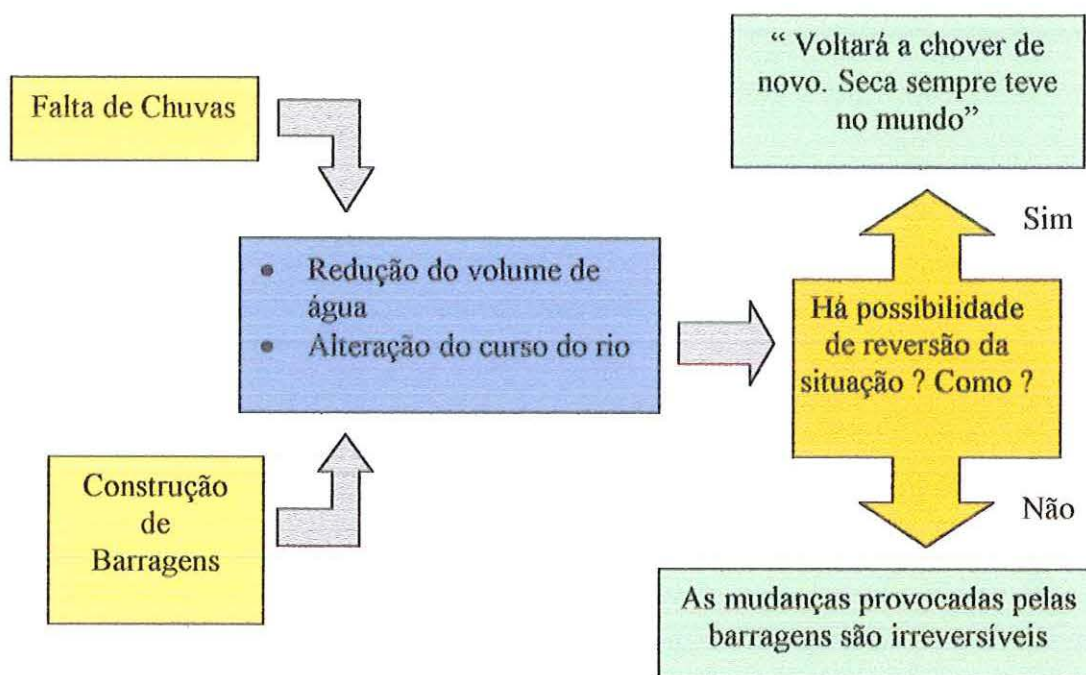


Figura 9: Modificação na quantidade de água (área rural)

Depoimentos

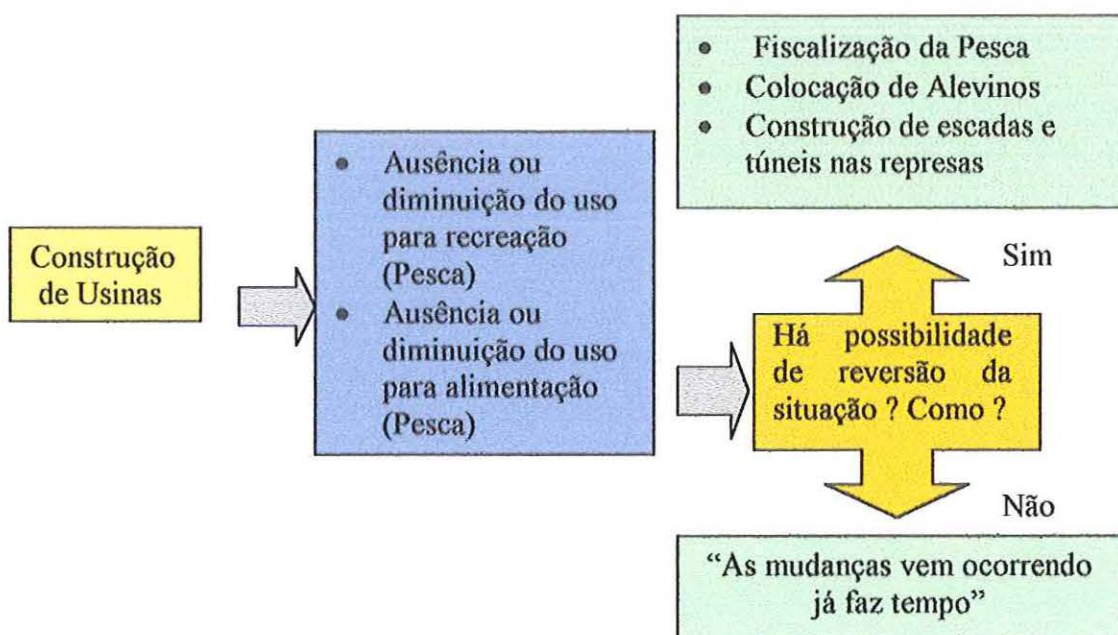
“Ah, do tempo que eu nasci aqui mudou muito o rio. Por exemplo, lá em cima onde eu morava o rio, ele tinha um bico que ia prá cima. Hoje secou tudo. E aqui perto da sede ele era bem mais aberto, agora ele já ficou mais pequeno” (Nilce Beo Domingos)

“Baxô, a água diminuiu por causa da represa. E tem outra represa prá riba desta. Tem outra pra riba de Caconde. Ah! Diminuiu a água, né! A água diminuiu. No começo tinha muita água, viu. Uma vez aí quase arrombou a represa. Foi sorta a água lá em riba, Caconde, e São José encheu de água. Depois a água minguiu, agora eles nem fecha a água lá em cima mais, num fecha porque a água tá pôca” (João Batista da Silva)

“Modificou que não tem mais água. Por exemplo, que o Rio Pardo nós ia pra cidade e não conseguia passar. Cê lembra também né? Baixava, enchia água e tudo. Hoje... não tem, ué. Cê vai pra lá a estrada tá cheia de buraco, tudo, mas o Rio Pardo tá lá embaixo. Ele não chega nem na lateral da estrada, mais nada. Não tem condição. O que eu tenho pra explicá é isso aí porque não tá tendo (...) É falta de chuva mesmo uai, não tem outro programa porque se chove bastante, chove bastante, deixa eu explicá uma coisa: tem que chover bastante, enche os açude, aumenta a água dos riozinho, dos córregos... o problema é que não tá chovendo. (...)

Se vai fazer o quê? Por exemplo, aqui prá cima tinha duas mina do Toninho Machitti, fundiu; aquela outra lá de cima do João, fundiu; a do japonês não tem água nem pros cachorros lá, seco lá naquela bananeira. Então, o que que tá acontecendo? Falta de chuva, eu acho, né, no meu parecer. Sei lá, né,. A gente tá em cima da terra, tem que esperar o que vim.” (Oswaldo Gomes)

Modificações no Tipo de Uso da Água



Depoimentos

"Depois que fez aquela barragem aqui prá baxo, os peixe aqui as vezes não pegô peixe nenhum, sabe! Um ano fez farta e quase não pegô nada.(...) Esse ano não pegô nada, nada, nada..."(Guilherme Beo)

"Quando eu mudei prá cá eu pescava (...) um pouquinho só cê enchia a bacia de pêxe, agora num pega mais, acabou." (João Batista da Silva)

"Prá peixe agora ficou muito ruim. (...) não posso dizer, né, mais eles falam que é estas usina, as represa que tem, né." (Guilherme Valentim Beo)

"(...) você saía ia na beira do Rio Pardo, tinha curimatá, tinha dourado, tinha tudo quanto é tipo de peixe. (...). Depois teve aquelas represa aqui embaixo, a Euclides da Cunha e a Limoeiro, então não sobe mais peixe. Então acabou negócio de pescaria, negócio de peixe, acabou. (...) Tinha piracajuba, pirapara, tinha corimba, tinha dourado... e nós chegemo a pegar muito. Na véspera do meu casamento mesmo eu peguei quatro dourado, peguei uns trinta corimba. (...) Tinha peixe. Hoje se for pescá não acha mais. Acabou. O ambiente nosso aqui tá complicado. Não é... porque o rio não tem peixe. Uma que tem muito pescador e outra que não sobe." (Osvaldo Gomes)

"A modificação é que tem menos peixe, né. Por causa destas usina. Daí os pescador vê que tem pouca água, o quê que eles faz? Saqueia! Bate tarrafa, pões rede, canoa de um lado pro outro, eles põem rede pra todo lado. (...) quando era criança, era muitos pescador, tudo beira barranco. Tudo de vara pescando aí, na beira do barranco. Hoje não se vê mais, só se vê ... Antigamente se via tudo mundo era conhecido no rio." (José Ferreira)

4.3- Espécies populares de peixes mencionadas nas entrevistas

Quadro 4- Peixes citados nas entrevistas (áreas urbana e rural)

Espécies populares ainda encontradas	Espécies populares encontradas em pequena quantidade	Espécies populares que não existem mais no rio Pardo
Lambari	Asa-vermelha	Catirino ou Peixe-sapo
Lambari-prata	Bagre	Curimba
Lambari-canivetinho	Cabaê	Curimbatá
Lambari de corgo	Cará	Dourado
Mandi-braco	Cascudo	Mandi-amarelo
Mandi-guaçú	Chorão	Mandi-bicudo
	Campineiro	Piaba
	Mandi	Piaba-três-pintas
	Peixe espada	Piapara
	Tilápia	Piracajú
	traíra	

4.4- Discussão geral

Os resultados obtidos mostraram que tanto os entrevistados da zona urbana, quanto da rural, perceberam uma grande quantidade de modificações, sendo estas associadas à diferentes fatores, como fenômenos naturais, alterações causadas pelos seres humanos em decorrência dos processos de expansão da área urbana ou em decorrência da falta de “consciência” e “educação” da população e de seus representantes políticos. Algumas modificações são percebidas pelos entrevistados das áreas urbana e rural, enquanto outras são mencionadas somente por moradores da área urbana.

Entre as modificações mencionadas por moradores de ambas as áreas, destacam-se a diminuição do nível da água do rio e a modificação da ictiofauna, sendo mencionadas perdas tanto no número de espécies que havia, quanto na quantidade das espécies que ainda são encontradas. Os moradores da área urbana apontaram uma série de fatores que contribuíram para as modificações descritas na ictiofauna, entre elas, o barramento do rio para a construção de usinas hidrelétricas, a poluição da água por esgoto doméstico e industrial, a destruição das matas ciliares e a pesca ilegal durante a piracema e/ou a utilização de instrumentos de pesca proibidos para pescadores amadores (redes e tarrafas). Já os moradores da área rural apontaram apenas a construção de barragens e a pesca ilegal como causas da diminuição das espécies e da quantidade de peixes no rio Pardo.

Sendo assim, as propostas para resolução deste problema também foram mais amplas na área urbana, incluindo tratamento de esgoto doméstico e industrial, preservação das matas ciliares, fiscalização da pesca ilegal e estabelecimento de multas. Já na área rural são apresentadas alternativas divergentes para aumentar a quantidade e diversidade dos peixes no rio Pardo. A primeira alternativa proposta foi a construção de escadas e de túneis que auxiliassem os peixes na subida do rio durante a piracema. A construção de escadas, porém, é criticada por um dos entrevistados, que alegou ter observado que as escadas, quando construídas, não ficam imersas, uma vez que o nível das águas do rio não é suficiente para encobri-las. Logo, não há a possibilidade de utilização das mesmas pelos peixes. A segunda alternativa, proposta por ele, foi o repovoamento dos trechos do rio Pardo entre as barragens por alevinos, com proibição da pesca profissional neste percurso.

As diferenças nas causas apontadas para a diminuição das espécies de peixes podem estar associadas aos diferentes focos de degradação nas áreas citadas, sendo que a presença de esgotos domésticos, industriais, deposição de lixo pela população nos corpos d'água entre outros não é significativo nas áreas rurais. Este fato pode explicar também a ausência de relatos sobre as modificações nas características da água na percepção dos moradores da área rural, sendo esta a principal modificação citada na área urbana.

A diminuição da quantidade da água no rio Pardo foi percebida pelas populações rurais e urbanas, sendo que a população rural citou como causa da modificação apenas a presença de barragens no rio e o longo período de estiagem, enquanto alguns relatos da área urbana apontaram, também, como possíveis causas da diminuição do volume de águas do rio, o desmatamento e os processos erosivos.

Outra modificação observada tanto na área urbana, como na área rural se refere aos usos múltiplos da água, que foram reduzidos em decorrência dos processos de degradação dos corpos d'água e pela diminuição ou extinção de espécies de peixes encontradas anteriormente nos rios. Esta redução dos usos da água também foi identificada na cidade de São Paulo, nos rios Tietê e Pinheiros (SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, 1999) e na cidade de São Carlos, no córrego do Monjolinho (ALMEIDA, 2001), indicando ser uma constante nos processos de crescimento das cidades.

Finalmente, foram observados na área urbana modificações mais recentes, associadas aos fenômenos naturais (chuvas, estiagem, crescimento das árvores ao redor do rio) e à iniciativas públicas, tais como limpeza das margens e reparos em pontes.

4.5- Memórias dos entrevistados descritas nos depoimentos

4.5.1- Memórias da enchente de 1977

No dia 19 de janeiro do ano de 1977, ocorreu uma grande tormenta, produzindo uma onda de enchentes sem precedentes na bacia do Alto Rio Pardo, tendo seu epicentro na cidade de São José do Rio Pardo (CESP, 1977). Este episódio foi o fato mais lembrado pela população urbana quando foi perguntado se havia alguma lembrança, recordação ou algo relacionado ao rio que tenha marcado suas vidas.

Depoimentos

“Olha, o fator principal mesmo que eles acham, alegam que foi... foi uma época de chuva. Foi um ano que choveu muito, a represa de Caconde estava muito cheia, e eles soltaram, abriram a represa de Caconde. Junto com quando eles abriram a represa de Caconde, caiu uma chuva muito forte acima deste córrego, então ele foi... dizem que ele foi assim rompendo vários açudes, vários açudes que eles fazem pras plantações, e isso desceu a água com tudo.

Então, o córrego aqui começou subir, subiu o rio e foi inundando tudo. Em prazo assim, começou mais ou menos, era uma hora da tarde mesmo subir a água. Quando foi seis horas da tarde já estava tudo inundado. Num prazo de cinco horas esta casa aqui ficou de baixo da água.” (Sílvia Ana Cruz Lofrano)

“Foi uma enchente feia mesmo, aquela foi feia. Porque choveu muito, né, e as comportas acho que ficaram apertadas, não abriram, e quando eles foram tentar abrir a água já estava aqui voltando prá trás, e lá da usina vinha água, aqui deste rio e daqui então voltou tudo e isto daqui virou um mar, né. Esta casa aqui é uma casa antiga e alta mas chegou até encima. Foi uma coisa feia viu, tenho no coração até hoje (...)

Sabe, foi com esta história de enchente que eu fiquei com problema no coração. De tanto nervoso que eu fiquei, né. A gente tinha tudo arrumadinho, tinha feito compra por causa das festas, tinha uma roupinha melhor, né. E, cê vê tudo cheio de água,

perdeu roupa, perdeu tudo, móveis, máquinas, tudo, né. As assadeiras redondas que eu tinha saiu nadando, rodando (...)

É, sabe o Gustavo? Eu tava lavando roupa aqui no tanque. Aqui onde é a cozinha era o tanque. Ai o Óliver tava sentado no muro, ele era mulecão, né. Sentado assim, né, olhando, brincando assim, né, e eu lavando roupa. Não tinha visto nada ainda, não. Ele ainda falou assim... não tava surgindo assim água no quinta, nada ainda não. Ele sentado assim olhando falou assim: Ah, mãe! Podia dá bem uma enchente prá gente mudar daqui, né mãe.

Eu falei: Credo menino! Vira esta boca prá lá. A gente vai morar onde? Nós não temos condição de morar em outro lugar. Ih! Não demorou nada. Foi muito rápido né Silvia. Virou uma piscina isto daqui. Daí eu fiquei doente, só que eu não demonstrava, né. A gente ficava nervoso por dentro, né. (...) Alguma coisa eu peguei, alguma roupa assim, na lama, ficou na lama, né Silvia. E não podia lavar porque não tinha água, a cidade ficou sem água muitos dias, né Silvia.”(Geralda Moreira)

“Eu não tava aqui, tava em Campinas. Quando telefonaram para mim, eu falei: Ah! Foi embora a família, foi embora a casa, foi embora tudo. Eu vim embora, até levei um colega comigo. Ele falou: eu vou junto que cê não tá com a memória boa, cê não tá bom não. Vou junto com você até São José. Chegando aqui na ponte da Fartura, tinha guardas, tinha rompido o poço, o guarda tava ali e eu falei: preciso ir embora, preciso ir pra casa, uai! Como é que faz? Então eu vou dar um jeito.

Quando eu cheguei aqui, já tava tudo embaxo. Eu vi minha mulher. Eu disse: como é que tá aí? Ela falou assim: tá tudo vivo. Eu falei: tá tudo vivo, então graças a Deus! A casa tá em pé e tá tudo vivo, graças a Deus! Vamos cuidar agora da limpeza, vamos limpá e arrumá. E aqui, ó, não aconteceu nada, tá bom demais. Como é que tão as crianças? Ela falou: um tá lá, outro tá lá. Esparramô os filhos. Gente do céu! Se eu for contar... Virge Maria!” (Francisco Gonsalves)

“Foi 77, a enchente que deu, mexeu muito com a minha cabeça! Porque eu tava com minhas crianças na rua e quando eu cheguei, não tinha mais casa. E não foi só eu

não, como foi todo mundo aqui, aqui inundou de água até lá em cima. E eu queria entrar prá dentro e tinha um metro e meio de barro. Levou tudo e eu com a chave na mão. Mala de enxoval, dormitório, levou a roupa das minha meninas, levou tudo. Mexeu muito com a minha cabeça sim. A gente queria tomar banho e não tinha roupa. Sabe onde eu fiquei? Não vou te mentir, eu fiquei no asilo ali, até o prefeito arrumar minha casa.” (Araci)

“A enchente, 77. Nossa! Aquilo lá marcou demais! A água passou por cima, cobriu as casas, aqui na lateral da ponte, 77. Nós perdemos quase tudo de freguês, que nós temos a tapeçaria. Tinha muito móvel de freguês, então não teve jeito de acudir. Nem dentro de casa também. Só que a prefeitura, na época do Dr. Celso, que na época ele tinha entrado como prefeito; 19 de janeiro, né, que foi 19 de janeiro a enchente.

Então, os caminhão, a primeira casa que eles vieram acudir foi aqui. Dentro de casa eles tirou, mais a oficina não teve jeito. Aí, arreventou açude em todo lugar. Aí o rio veio mansinho; nós voltamos aqui só depois disso. 8 dia, 10 dia pra começar limpar a casa. Isto marcou bastante. De vez em quando a gente fala e faz muito tempo já, né. Mais de 23 anos. Pra quem morava no alto era bonito, né, parecia um mar. Mais prá nós não foi bonito não.” (João Martineli)

“Eu morava aqui mesmo, perdi tudo, né. Ah! Começou chover bastante, choveu muito, né. Antes dava muita enchente, mais nenhuma como aquela. Aquela lá, até as roupas que eu tinha eu perdi: bujão de gás, fiquei uns três ou quatro meses aí, molecada pequena sem ter o que comer, sem roupa, sem nada. Sem móveis porque não deu tempo de tirar os móveis.” (Antônio Carlos Escudeiro)

A grande quantidade de detalhes sobre o episódio mostra que ele deixou marcas profundas na população que vivia próximo ao rio. O sofrimento, a revolta, o desespero ao presenciar a perda de tudo que possuíam, dos móveis, das roupas, e, em alguns casos da saúde, pareciam reviver nos entrevistados durante os relatos. De fato, para alguns

deles, a enchente teve um efeito muito maior que a perda dos bens que possuíam. Segundo BOSI (1994), existe na memória uma sucessão de etapas da vida que é dividida por “marcos” que são “pontos onde a significação da vida se concentra”.

Para a maioria das pessoas entrevistadas, a enchente, com certeza, foi um “marco”, um divisor do tempo em antes e depois do ocorrido:

“Aí começou o meu calvário, né. Por isto que eu falo: a minha tristeza foi isto daí, né. Por que as coisas, não, né, porque eu consegui ficar até melhorzinha depois, porque a gente ganha também as coisas dos outros, né. Um vem e dá uma coisa. Depois teve uma ajuda da prefeitura, o pessoal de São José também ajudou muito, né. Eu fiquei até melhor do que eu tinha, mas fica aquela coisa na cabeça da gente, né Silvia. Aquela coisa bem triste.” (Geralda Moreira)

As lembranças sobre a enchente geram sentimentos contraditórios nos moradores das proximidades do rio que ao mesmo tempo se entristecem por ver o rio “secando”, porém, se apavoram ao ver suas águas subindo, devido às lembranças sobre a enchente:

“As vezes quando ele (rio) enche também, deixa a gente meio apavorado e é assim mesmo. Gosto do rio que eu tenho uma canoa de motor. Gosto quando ele tá cheio pra andar, fazer movimento, então é isto mesmo.” (João Martineli)

De fato, as lembranças da enchente deixaram marcas nas pessoas por ela atingidas, marcas estas que sempre estarão presente na percepção dos moradores daquela região ao olhar para o rio. A partir da enchente, as chuvas e o rio não puderam mais ser

interpretados sem “a sombra do medo”, um sentimento que poderíamos classificar como topofóbico (AMORIM FILHO, 1996).

4.5.2- Lembranças do rio “trançado de peixes”

Uma outra memória que se fez presente em vários depoimentos, tanto na área rural, como na área urbana foi a abundância de peixes das mais variadas espécies que povoavam o rio Pardo e seus afluentes:

“A gente morava na Capiroba lá, tinha a idade de uns quinze anos, dezesseis, naquela época eu olhava lá a piracema, como chamava. Tinha a água do rio Pardo, em cima da água, nossa! Cê via tudo quanto é qualidade de peixe, de escama, né. E por baixo, depois que a água dava uma abaixada, então tinha o cascudo e outros peixes de couro, né. Mais por cima, cê via tudo quanto é qualidade de peixe. Aquilo ficava assim, ó, trançado de peixe por cima. Então, essa recordação tinha da época, né. Mais faz o quê? Trinta, quarenta anos... É uma coisa mais diferente, né. Não que nem hoje!”
(Oswaldo Gomes)

“O Rio Pardo sempre foi fonte de muita pescaria, antes das usinas. Tinha muito peixe mesmo. Curimbatá, muitos pescadores de São José fizeram a vida no Rio Pardo e tem muitas histórias pra contar, ao longo de todo o Rio Pardo, ao longo de todo o Rio Pardo antes das usinas, né.” (José Roberto Lofrano)

“ Ah! Pegava mandi, curimbatá, tilápia, traíras, pegava até dourado, né, mais isto ficou no passado, né, no passado só. Tinha bastante, inclusive aqui, quem passava pela ponte Euclides da Cunha via assim aqueles cardumes de curimbatá; curimbatá que chegava pesar três, quatro quilos, né. Hoje...”

Ah! Inclusive minha irmã chegou a pegar um curimatá, olha, isto não é causo de pescador não. Ela chegou a pegar um curimatá que deu quatro quilos e pouco com um guarda-chuva! Não é piada não! Ela tava na margem do rio, acho que ele tava comendo lodo na pedra, né. A única coisa que ela tinha lá era um guarda-chuva que eles usavam, né, pra proteger de uma chuva ou sol. Ah! Ela não resistiu. Ela abriu o guarda-chuva e enfiou o guarda chuva e puxou o curimatá. Imagina a gritaria! Foi muito grande pra ela, né!” (José Luiz do Nascimento)

“O nosso rio até que é bonito, né. Só que peixe acabou. Podia dar bastante peixe, né, a gente pescava, todo mundo pescava. Agora ninguém pesca mais, rancho ninguém tá indo no rancho mais.” (Antônio Carlos Escudeiro)

“ Tinha muito peixe. Rio Pardo foi um rio de muito curimatá. Até quase que dos rios que eu conheço, porque eu pesquei em diversos rio, o Rio Pardo ganhava de outros rio maior em curimatá (...) O Sapucaí era bom de peixe, hoje dizem que não tem mais. Pesquei no canal de São Simão. Era bom de peixe também. Dizem que hoje não tá bom de peixe também, desde que fez aquela usina lá, fez lagoa, né, Ilha Solteira, aquela outra usina no Rio Grande.

Então vai cercando os peixe. Como tem a Usina da Malha, né, no Rio Pardo. Mas lá tem escada, então sobe os peixe, mas aqui nas usinas pra cima, aqui vai ficando cada vez menos peixe. O peixe é uma coisa que devia ser criativo porque é um alimento, né. Mas se faz uma barragem e não faz escada é a mesma coisa de fazer uma cerca.” (Carlos Junqueira)

“A recordação que eu tenho é que quando era criança, era muitos pescador, tudo beira barranco. Tudo de vara pescando aí, na beira do barranco. Hoje não se vê mais, só se vê ... Antigamente se via tudo mundo era conhecido no rio, tinha muito peixe, hoje só pessoas que vai pro rumo da cidade, com armadilha, tarrafa, eles arma rede. Agora eu lembro também que o teu nono trabalhava o dia inteiro, a gente criança junto com ele, e a tarde tava cansado, ele falava: Vamo dá uma chegada no rio? Vamo

pescar? E agente criança saía com ele. Essa é minha melhor recordação.” (José Ferreira)

As memórias relacionadas às mudanças da fauna de peixes foram sempre precedidas por saudade, tristeza ou indignação. Demonstraram também a disposição dos entrevistados em procurar apresentar e discutir alternativas para que a situação pudesse ser revertida, sendo que estas alternativas, muitas vezes eram apresentadas antes mesmo que fossem questionados sobre a possibilidade de reversão do problema, fato este que não ocorreu com outros problemas apresentados.

“A escada não funciona. A água não mantém prá cobrir a escada, prá passar por cima o rio. Por que quando tem água normal, ela cobre as escadas, então o peixe usa as escadas e pode ir prá cima. Mais só que ela nunca vai conseguir manter esta normalidade. Eu conheço ali, trabalhei tantos anos, não tem capacidade de água prá cobrir as escadas. Como é que o peixe vai subir? Não cobre! O rio Pardo aqui, eu conheço ele desde de a nascente lá pros lados de Poços, até onde ele deságua no rio Grande. Prá melhorar, tinha que proibir a pesca profissional e soltar alevinos nas parte dos rio entre as barragens.” (Osvaldo Gomes)

“Ah! Mais isto é culpa das duas represas ali de baixo que não tem subida de peixe. Deviam ter feito um canal de um e meio (polegadas), numa fundura de 40 ou 50 cm, vertical assim, fazendo curva, o peixe subia. Ou então escada, mas não fizeram, acabou.” (Carlos Junqueira)

“Olha, pra mim seria o ideal a prefeitura fazer um tratamento de esgoto, não deixar jogar mais esgoto no rio. Aí voltaria até os peixes, né. E a conservação das matas ciliares, né. Que já não tem mais no rio.” (Sílvia Ana Cruz Lofrano)

“Ah! Os dejetos de cana, estas coisas assim são venenosas, né. Ai judiação dos peixe, dá uma dó, né! Deviam limpar bem, soltar bastante alevinos prá aumentar a vida do rio.” (Geralda Moreira)

Estas proposições mostram uma grande relação topofílica da população com relação aos peixes, sugerindo que programas educativos voltados para o repovoamento do rio e preservação da fauna aquática teriam, possivelmente, uma grande adesão da população.

4.5.3- Memória do rio como um “rio assassino”

Na cidade de São José do Rio Pardo, muitos foram os casos de morte por afogamento ocorridos tanto na área urbana, como na área rural. A divulgação destes acidentes, porém, sempre apresentavam o rio de uma forma bastante pejorativa:

Rio Pardo faz outra vítima (Gazeta do Rio Pardo, 01/02/1976)

“(...) a vítima estava pescando e resolveu dar um mergulho, não mais voltando à tona.”

Sete Notícias por Semana (Gazeta do Rio Pardo, 28/04/1963)

“O Rio Pardo continua fazendo vítimas. Com apenas quinze dias de diferença, apareceu boiando nas águas do rio, outro corpo.”

Também faz parte da memória dos entrevistados a lembrança de um rio que já afogou muitos:

“Naquele tempo, todo ano morria quatro, cinco pessoa afogado, só neste pedacinho aí. Ih! Agora, quanto tempo não morre mais ninguém aí. Da ponte nova até na ilha, morria cinco, seis todo ano. Era a conta certinha! Todo ano o rio comia cinco



seis moleque, mocinho, nesta fase. Ih! Nunca mais morreu ninguém, a não ser quem se matava, se joga lá da ponte nova, mais senão, nunca mais morreu ninguém neste rio.”
(Antônio Carlos Escudeiro)

“De vez em quando alguém morre no rio, a gente vê gente procurando. Só isso a gente sabe do rio pardo.” (João Martinele)

“Lembro também das pessoas que eu ajudei a sair do rio que tavam se afogando, né Principalmente aqui na ilha foram duas pessoas. Fora assim, pessoas afogadas, enroscadas em galhos de árvore. Dava enchente e ficava assim enroscado nos galhos de mangabeira, a gente ia lá, ajudava.” (José Luiz do Nascimento)

Em pesquisa realizada por FERREIRA & OLIVEIRA (2001), sobre a percepção de alunos do ensino fundamental sobre o Rio Pardo, um dos participantes deu o seguinte argumento por não considerar o rio importante:

“Não gosto do rio, lá é um lugar onde as pessoas morrem.”

Torna-se evidente a necessidade de se trabalhar melhor esta questão em possíveis programas educativos que venham a ser realizados na cidade de São José do Rio Pardo.

4.6- Mudanças topofilicas e topofóbicas nas relações da população com o rio no decorrer do tempo

A análise dos depoimentos revelou uma série de mudanças na percepção dos entrevistados, no decorrer do tempo, com relação ao rio. No passado, este despertava sentimentos de apreciação, bem estar e admiração, podendo-se considerar que haviam elos afetivos, ou uma relação topofilica da população com o rio. Com os processos de

degradação, modificação da paisagem e perturbações causadas pelo rio em decorrência da poluição, há uma ruptura dos laços afetivos, sendo que a descrição do rio no presente remete à uma paisagem de morte e “fim dos tempos”, podendo-se considerar a relação atual da maioria dos entrevistados como topofóbica.

“De primeiro nós jogava aqui, descia ali no corguinho e bebia água do corguinho, era bem limpinha, aquela água parecia um cristal. A gente saía do campinho, descia ali, tomava banho, tomava até água ali, pro cê vê como ela era limpinha. Mais isto há mais de 50 anos atrás, né. Agora Deus me livre! Nem dá pra morar aqui mais. Tem dia que é um cheiro forte aqui que Nossa Senhora!

Pernilongo, cê precisa ver que quantidade de pernilongo que tem aqui agora! É a poluição, né! Agora a gente nota que tá acabando mesmo. Tá diminuindo, né. Diminuiu tudo, parece que até a água do rio. Até o rio parece que tá fechando, ele era mais largo. Isto aí eu tô achando, sei lá. Ou nós tamo chegando no fim, ou alguma coisa, viu! (...)Mas o rio já foi bom! O rio era bom, né. Nós nadava, a gente nadava neste rio. Hoje cê não vê nem moleque mais nadando aí.” (Antônio Carlos Escudeiro)

“Antigamente também tinha muito peixe. Peixe tinha demais. Peixe tinha muito, agora não tem mais. E depois, o rio era limpo, né. O rio era uma beleza, tudo limpinho, tinha água até transparente de tão bonita que era. Agora... (Vera Lúcia)

“(...) Eu vô falá pra você, esse rio tá morrendo. Esse rio parece que tá morrendo. Ah! Não sei viu. A água escura. Deve tá poluído. Ah! Era uma água bem limpa, né, antigamente (pausa) (...) porque eu sei, eu nunca vi desta cor que tô vendo. Agora tá desta cor aí. Eu lembro que eu vi o rio bem bonito, agora eu tô vendo o rio bem feio, só isso. (Auzira Moreno)

“Houve uma mudança muito ... (pausa). É até entristecedora, né. Antigamente

era um rio muito bonito, vistoso. Hoje o que a gente vê é apenas poluição, né. A recordação que eu tenho é mais ou menos esta daí, que era muito bonito e hoje já...”
(José Luiz do Nascimento)

“A gente não vê muito por ali, né, porque pouco atravessa por ali. Mas antes disso a gente ia de vez em quando ali na ilha, olhar o rio, minhas crianças brincavam no rio e era bonito, é bonito, né. Quando eu tinha as crianças minhas pequenas, que eles eram pequenos, a gente ia na ilha, né, naquela ilha ali, a gente via as crianças brincando... tem aquelas pedras, né. Mas agora com esta seca, né, com esta imundice que tá acontecendo, né.. Agora não quero ver mais, não(...)

Mas eu lembro quando eu vim prá cá, que eu fui passear na ilha, a mãe da minha cunhada levou, a gente era tudo pequenininho. Fomos fazer piquenique na ilha lá. A gente vem de fora, de São Paulo, cidade grande. Ai que gostoso, né! Abria a toalha, então o rio fazia aquela curva assim, parece que era verde a água, não tava tão suja. Cê via aquele brilho na água, a água era escurinha, mas cê via aquele verde assim refletido. Então não via aquele barro, agora a água é barrenta, né, cor de barro.”
(Geralda Moreira)

Com relação às memórias negativas, decorrentes das enchentes, há uma mistura de sentimentos que variam entre o medo do rio e o bem estar que o mesmo desperta:

“(...) foi só isto daí (enchente) que mexeu com a minha cabeça. As vezes eu tô no para-peito, que eu tenho tempo de ficar olhando, eu gosto de ficar olhando a água, cê refresca muito a cabeça” (Araci)

“As vezes quando ele enche também, deixa a gente meio apavorado e é assim mesmo. Gosto do rio que eu tenho uma canoa de motor. Gosto quando ele tá cheio pra andar, fazer movimento, então é isto mesmo. Eu acho bonito o rio Pardo! Acho que todo mundo admira o rio, esta ponte” (João Martineli)

Pode-se perceber que apesar do rio despertar sentimentos de tristeza e perda em decorrência das lembranças da enchente, tais lembranças não impediram as pessoas de continuarem a ter sentimentos de satisfação proporcionados pelo rio, sendo mais negativos os processos de poluição do rio decorrente das ações humanas, que a enchente ocorrida.

4.7- Perspectivas dos entrevistados sobre a escassez de água

A percepção de que o rio Pardo sofreu alteração com relação ao nível d'água foi praticamente uma constante nos depoimentos obtidos, sendo tal alteração associada tanto a diminuição das chuvas nos últimos tempos, quanto a construção de barragens para o aproveitamento hidrelétrico e destruição. Porém, apenas um dos entrevistados da área urbana discutiu sobre as possíveis conseqüências que os processos de degradação e a redução da água dos rios poderia trazer para as gerações futuras:

“Então, isto eu sei que é um problema grave de infra-estrutura que não é resolvido da noite para o dia. Mas, é, se alguém não pensar nisto, este planeta vai desaparecer em pouco tempo. (...)Então, vai sobrar pra quem isto? Vai sobrar pra vocês, pros filhos de vocês.” (José Roberto Lofrano)

Tal depoimento deixa implícita a idéia de que os problemas decorrentes da degradação e redução das águas dos rios só se manifestarão em um futuro próximo. Já na área rural, dois entrevistados apresentaram opiniões divergentes. Enquanto um deles descreve os problemas já vivenciados em algumas propriedades rurais em decorrência da diminuição da água disponível, o outro se mostra completamente convencido de que a

água não chegará a faltar:

“Por exemplo, aqui prá cima tinha duas mina do Toninho Machitti, fundiu; aquela outra lá de cima do João, fundiu; a do japonês não tem água nem pros cachorros lá, seco lá naquela bananeira. Então, o que que tá acontecendo? Falta de chuva, eu acho, né, no meu parecer. Sei lá, né (...)Cê vê que tudo lugar tá a mesma coisa. Por que? Falta de água! Tá geral.

Nós não tamo tendo uma reação de água. Eu tô trabalhando com eles ali, ó. Nós perdeu uma média de 200, 300 caixas de pêssego por que não teve condição de água. A beringela ali, pois aquele cano arto para água, mais liga o poço lá, meia hora, exala. Então, o que eu tenho prá declarar pra você aí é isso.”(Oswaldo Gomes)

(Carlos Junqueira) *“O povo tava falando que vai ficar sem água pra tomar. Deus quando fez o mundo, fez 3 vezes mais água do que terra. Pode um dia faltar terra, mas não água. Não é mémo?”*

(Maria Alice) *Mas dizem que vai faltar água de boa qualidade, que dá pra beber...*

(Carlos Junqueira) *“Não, não falta não. Isso tudo é profeta falso. Quem fala isso é profecia falsa. Porque ocê pensa, hoje nós sabe que daqui a pouco é noite, amanhã amanhece, né. Isso nós sabe e é verdade. Mais outras coisas prevê? Prevê o ano que vem, prevê o outro ano. Que prevê não! Isso é tudo profeta falso. Prevê o quê? O que que nós vai adivinhar? Às vezes os outros pergunta pra mim se vai chover e eu falo assim: “Ó! A hora que tiver chovendo eu falo. Eu não falo nada porque é mentira. Mas o povo tem medo, eles andava com medo de falta de tomar água. A água não falta.”*

A idéia da abundância de água no Brasil, expressa neste depoimento, serviu durante muito tempo como suporte à cultura do desperdício dos recursos hídricos disponíveis, à sua pouca valorização, à tolerância aos processos de degradação e ao adiamento dos investimentos necessários à otimização de seu uso e recuperação. Apesar dos temas relacionados aos recursos hídricos no Brasil estarem sendo discutidos cada vez mais na esfera governamental e na própria imprensa, havendo um importante arcabouço legal para o gerenciamento de recursos hídricos, falta à população uma melhor compreensão dos problemas relacionados à escassez de água no país (THAME, 2000).

De fato, o Brasil apresenta situação privilegiada em relação a sua disponibilidade hídrica: mais de 12% da água potável do mundo (RODRIGUEZ, 1998). Porém, 70% desta encontra-se na região amazônica, que é habitada por menos de 5% da população brasileira. Sendo assim, a distribuição não uniforme dos recursos hídricos e da população acaba por gerar cenários adversos quanto a disponibilidade de água em diferentes regiões, cenários estes que podem ser piorados, mediante os processos de degradação aos quais os recursos hídricos têm sido submetidos (AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA & AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS, 2001).

Neste sentido, percebe-se a importância de se trabalhar as questões relacionadas a escassez de água, procurando ainda, verificar a influência de outros fatores, além da estiagem, para a diminuição do volume de águas descrita por alguns dos entrevistados.

4.8- O conhecimento sobre os ecossistemas aquáticos apresentado pelos moradores da área rural

O convívio íntimo e prolongado com os ecossistemas leva as comunidades inseridas neste ambiente a adquirirem conhecimentos importantes sobre estes. Alguns destes conhecimentos foram identificados neste trabalho e serão apresentados a seguir:

4.8.1- Conhecimento sobre a rede de drenagem do rio Pardo

“Agora, o Rio Pardo é mineiro né? Ele nasce em Minas. As aguinhas menor dele é lá em Ouro Fino. Depois passa em Caracol, já é mais um pouco. Passa aí pra cima de Botelhos, já não é Rio Pardo grande não, é pequeno. Uns 30 metros. E vem descendo até chegar na Represa de Graminha. E dali também a gente vê que ele é bem pequeno. Em Fortaleza (nome de fazenda) mémo é bem pequeno.

Agora aqui ele já é mais largo, né? Mas lá também tem uma diferença. Lá é mais corredeira e aqui é mais devagar. Como lá em Poços entra o Rio das Antas, entra no Rio Pardo, na cachoeirinha. Entra até uma usina na cachoeirinha, elétrica. Depois tem o Corgo do Cipó, lá onde é Ribeirão também, passa dentro de Poços, também entra no Rio das Antas e vem pro Rio Pardo.

Aí Caconde, tem o Ribeirão Bom Jesus, também entra no Rio Pardo. Tem o Gaxupezinho, também entra no Rio Pardo. Depois pra baixo o Rio Pardo vai entrar no (pausa). O Mogi Guaçu vai entrar no Rio Pardo. Continua Rio Pardo até no Rio Grande”(Carlos Junqueira)

Este conhecimento não foi identificado, por exemplo, entre alunos da última série do ensino fundamental da cidade de São José do Rio Pardo, sendo que 100% dos participantes da pesquisa, não souberam dizer onde ficava a nascente e a foz do rio Pardo (FERREIRA & OLIVEIRA, 2001). Tal conhecimento se mostra importante por gerar reflexões e permitir uma abordagem sistêmica da degradação cumulativa das águas, bem como, uma melhor compreensão do ecossistema em questão.

“Ah! Um dia a advogada perguntou pra mim se é verdade que o povo joga cachorrinho, gatinho no rio e como é que bebe uma nojeira daquela. Eu falei: Ah! Bom. Aí cê tá pensando no começo. Vamos mais longe? Lá em Poços, as enxurradas do cemitério de Botelhos, de Caconde vem tudo pro Rio Pardo. Ela falou: Mas eu nunca pensei nisso!” (Carlos Junqueira).

4.8.2- Conhecimentos sobre a Ictiofauna

Em um dos depoimentos, foi possível obter, ainda, uma grande quantidade de informações sobre a ictiofauna, como descrição das espécies, cadeia alimentar e processos de extinção das espécies do rio, bem como diferentes formas de pescar.

“O que eu mais pescava no tempo de criança , que o pessoal gostava de pegar era o mandi. O mandi é um peixe de couro, né. Tem espécie maior e espécie menor. O mandi amarelo é os grande e o mandi branco é o menor; o chorão, chamado chorãozinho, esse é com o anzol miúdo, agora o mandi branco dá um pouco maior e o amarelo é o que mais dá, né, é o maior. Eles come inseto essas coisas né, no rio, agora prá pescar, pega com massa, mais é muito difícil, a melhor isca é mesmo a chamada minhoca. Agora ceva é prá pescar campineiro, o povo falava. Falava e falam ainda, por que pega, mais nem uma terça do que pegava. O campineiro é um peixe de escama, esse não é carnífero, né, esse só vegetais, né, capim. Por exemplo, nós ia pescar, né, fazia ceva com rama de abóbora, batata, depois murchava ela no fogo, fazia bolinha e punha no anzol, prá pescá. E pega ainda, mais nem uma terça do que pegava.

Tem outros peixes também, no causo, asa-vermelha, que é de escama, né. Aquelas patinha dela, aquelas asinha é vermelha, por isso é chamada asa-vermelha. Um peixe até colorido por baixo de amarelado, dá de um tamanho até bom. Não vou falar que de 4 quilo não! Quando pega uma de meio quilo, um quilo, é um bom tamanho. E essa já é chamado, o que ceva muito ela é ração, mais no anzol é minhoca, carne,

mortadela, estas coisas aí pega ela, agora no rio ela pega inseto.

Tem também a piaba que é um peixe da família do campineiro, é igualzinho, só que ela tem uma pinta preta do lado e o campineiro é branquinho de escama, os dois são de escama só que o que difere é que a piaba é branquinha também, só que, se tem uma pinta preta do lado, é chamada piaba. E essa se pega com milho, massa e no rio naturalmente ela come inseto também, né.

E tem a piapara que é da mesma família também do campineiro, é idêntico, só que o perfil é um pouco diferente, um pouco mais lisa também, mais é praticamente idêntico. Precisa divulgar muito para saber qual que é um qual que é outro. Essa é um peixe que pega em ceva também, precisa cevar prá pegar. Pega com milho, com massa, mas no rio ela come inseto.

E o curimbatá só pegava com armadilha. Esse é um peixe diferente dos outros por que ele é um peixe chamado beijudo. Os outros tinha a boca tudo pequenininha, e ele tem a boca mais larga, maior, e os lábios bem carnudos. Mais esse, prá cum vara custava até quando tinha muito. Hoje nem se fala em pescar curimbatá. Na região aqui já não tem. E este era grandão, com três, quatro quilos, tem escama.

Agora o que ainda tem e pega de anzol, chamado "atrapalha a pesca", é o lambari, né. O lambari prata é muito bom prá pegar. O tamanho maior do lambari são eles. E depois vem o chamado canivetinho, o mais pequeno é diferente um do outro. Um é largo assim de costa, canivetinho é mais larga as costa, o outro é mais fininho, só que tem mais costela. O canivetinho tem menos custela, e o prata, que é maior, tem mais custela. Tem também o chamado lambari de corgo e tem outro que pra falar a verdade eu nem num sei o nome dele. É um lambari mais curto, tem um modelo um pouco diferente, esse sempre existiu. O lambari é bom que se joga carne ele come, se joga minhoca ele come é carnífero também, no rio come inseto, inseto que cai na água, né.

Agora tinha na época um peixe chamado catirino. Um peixe de couro, cabeça grande, boca grande, uns chamava catirino, outros chamavam peixe sapo, um peixe de couro e este sim é um peixe que tá em extinção. Era um peixe que pegava quando chovia e ficava água suja. É da família do bagre, do mandi, quando chove, fica a água suja, daí pegava. Com água limpa ele só fica escondido, difícil pegar, pegava de noite, mas é

raro ainda. Agora de dia, só pega ele com água suja e esse tem boca grande, quando pegava era na base de quilo ou mais. Esse sumiu da região aqui, não se pega mais. No rio ele come resíduos, pesca com minhoca porque ramos e estas coisas ele não come.” (José Ferreira).

Esse conhecimento acumulado pelas populações locais pode ser usado na caracterização do ambiente que os cerca, sendo tais informações relevantes tanto para o levantamento de biodiversidade, quanto para o manejo do ambiente.

5- Conclusões

⇒ Os entrevistados nas áreas urbanas e rurais identificaram uma série de modificações no rio Pardo e em seus afluentes, no decorrer do tempo;

⇒ As principais alterações apresentadas pelos entrevistados foram as modificações nas características da água, redução do volume de água do rio, modificações na quantidade e número de espécies de peixes encontradas e redução dos usos múltiplos da água;

⇒ Os entrevistados foram, ainda, capazes de identificar as principais causas de degradação do rio, apontando possíveis soluções para os problemas levantados;

⇒ A redução do volume de água do rio foi a única das modificações apontadas para a qual não foram propostas soluções passíveis de serem implementadas pelos moradores da região, uma vez que a alternativa mais citada foi o retorno das chuvas;

⇒ As memórias mais recorrentes e detalhadas apresentadas pelos moradores da área urbana foram relacionadas à enchente ocorrida no dia 19 de janeiro de 1977, enquanto as principais memórias apresentadas na área rural foram relacionadas ao grande número de espécies de peixes e recordações sobre a pesca na região;

⇒ As relações afetivas dos moradores das áreas rurais e urbanas com relação ao rio foram modificadas, havendo no passado uma relação de proximidade, contato e admiração com o rio e no presente uma relação negativa e distante deste ecossistema;

⇒ Alguns entrevistados apresentaram dados sobre escassez de água na região, demonstrando preocupação e descontentamento, enquanto um dos moradores da área rural mostrou-se bastante cético com relação ao cenário de escassez de água no mundo;

⇒ Alguns entrevistados demonstraram profundo conhecimento sobre os ecossistemas aquáticos locais, podendo tais informações servirem como fonte para a caracterização dos ecossistemas locais.

Capítulo IV: A presença da temática ambiental na imprensa escrita: temas, contextos e abordagens.

1- Introdução

1.1- Os meios de comunicação nas sociedades atuais: com que pressupostos interpretá-los?

Os meios de comunicação estão cada vez mais presentes na vida dos seres humanos. Todos os dias, de maneira direta ou indireta, somos expostos à uma grande quantidade de notícias provenientes da imprensa, sendo possível uma atualização rápida de informações sobre os mais variados temas e lugares. Fazem-se necessários, porém, alguns questionamentos e considerações a respeito das informações veiculadas através dos meios de comunicação.

O cantor e compositor Nilson Chaves inicia sua música intitulada “A notícia” com a seguinte frase: *“O New York Times não deu uma linha, a BBC de Londres nem*

uma palavra...”, referindo-se ao grande número de acontecimentos potencialmente “noticiáveis” que não encontram espaço na imprensa. Esta reflexão-denúncia do cantor nos remete ao fato de que cada órgão de comunicação utiliza-se de critérios na escolha do que deve ser noticiado, critérios estes relacionados à posições políticas, sociais, ideológicas, entre outros fatores.

Tais critérios são utilizados, ainda, na forma de se comunicar um determinado acontecimento, sendo que tal forma pode, muitas vezes, desvirtuar a realidade dos fatos, em benefício de interesses individuais ou de determinados segmentos sociais. MORGADO (2001), em seus estudos sobre violência no jornalismo apresentou dados reveladores do poder de distorção da realidade dos meios de comunicação em benefício de determinados grupos.

Em seus estudos sobre programas radiofônicos, a autora pesquisou a veracidade dos fatos noticiados, sendo exemplificados alguns resultados:

“Quando apanharia a mulher e a filha pequena para jantarem em restaurante próximo à casa da família, o vendedor Antônio Viterbo foi executado em decorrência de inimizade com policiais; Afanásio Jazadji apresentou a seguinte versão do fato: “Rota mata ladrão de lingüiça! Bem feito, ladrão tem que morrer!” (MORGADO, 2001).

A análise de notícias de jornal pela mesma autora demonstrou, igualmente, a deturpação de fatos noticiados:

“Na noite de 30 de maio, um soldado e um sargento da polícia militar perseguiram, encurralaram em uma rua sem saída e executaram um jovem de 18 anos

(...) que, saindo da lanchonete onde estivera com amigos, voltava sozinho para casa. Os principais jornais veicularam as manchetes: “Jovem morre em troca de tiros com a polícia militar”; Jovem resistiu à prisão e foi morto pela PM”; “Menor é morto por policiais militares”; “Morte de jovem pela PM causa revolta entre amigos.” (MORGADO, 2001).

Posteriormente foi comprovada a inocência absoluta da vítima, que nem arma possuía na hora do crime. Fatos como estes deixam evidente a necessidade de se interpretar as notícias veiculadas pela imprensa, especialmente, em situações de pesquisa, segundo uma visão crítica e contextualizada, que procure considerar os diversos fatores e interesses que podem estar definindo o enfoque dado à um acontecimento.

2- Objetivos

2.1- Objetivo Geral

O objetivo geral desta etapa da pesquisa é a análise da temática ambiental veiculada no principal jornal local da cidade de São José do Rio Pardo: Gazeta do Rio Pardo. Procurou-se analisar as possíveis visões relacionadas ao meio ambiente que foram e são transmitidas à população, possibilitando uma melhor compreensão das relações que esta população, os setores econômicos e políticos mantiveram e mantêm com o rio Pardo.

2.2- Objetivos Específicos

⇒ Verificar a presença ou ausência de notícias relacionadas ao meio ambiente no jornal;

⇒ Analisar a discussão de problemas ambientais globais promovida pelo jornal;

⇒ Analisar a discussão e/ou denúncia de problemas ambientais locais, principalmente as relacionadas ao rio Pardo e seus afluentes no perímetro urbano, presentes no jornal;

3- Procedimentos metodológicos

3.1- Breve histórico do jornal Gazeta do Rio Pardo

O jornal Gazeta do Rio Pardo foi fundado em 1909, sendo que desta data até o ano de 1958, tal jornal foi veiculado diariamente. No final de 1958 foi fechado, reiniciando sua edição no ano de 1962, quando foi assumido por uma família de tradição política na cidade. Desde então a Gazeta do Rio Pardo passou a ter edição semanal. Trata-se do jornal mais antigo da cidade a ser veiculado até os dias atuais, sendo sua tiragem de 2.500 exemplares semanais.

3.2- Definição de “temática ambiental” e a coleta de dados

Uma vez que o objetivo deste trabalho é a análise da temática ambiental apresentada no jornal Gazeta do Rio Pardo, torna-se fundamental apresentar a definição de meio ambiente a qual me remeti. Considerei nesta análise a definição de meio ambiente proposta por REIGOTA (1994):

“Defino meio ambiente como: um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas

relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade.”

Considerando esta definição, realizei neste trabalho não somente uma análise dos artigos que abordavam algum aspecto dos ecossistemas aquáticos e terrestres, mas também uma leitura geral do jornal, visando uma melhor compreensão dos contextos culturais, políticos e econômicos em que as notícias foram escritas, havendo, por consequência, uma melhor compreensão das relações estabelecidas entre os seres humanos e o ambiente onde estão inseridos.

O período de tempo estabelecido para a análise do jornal foi do ano de 1950 ao ano de 1999, podendo haver assim uma comparação dos dados coletados no jornal com os dados obtidos através das entrevistas, apresentados no Capítulo III. Os arquivos do jornal pesquisado estavam depositados na Hemeroteca Paschoal Artese do Museu Riopardense, em São José do Rio Pardo, SP. Os artigos que apresentavam relação direta com esta pesquisa foram xerocados ou anotados em “cadernos de campo”, e transformados em documentos da pesquisa. Tais documentos foram submetidos à análise documental, que busca “identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986).

3.3- Discussão metodológica

Uma das críticas mais recorrentes feitas à análise documental refere-se ao fato de que a interpretação dos documentos pode ser enviesada pela subjetividade do pesquisador, podendo tal viés comprometer a validade da pesquisa. Para LÜDKE & ANDRÉ (1986) tal crítica parte principalmente de pesquisadores com uma perspectiva

“objetivista” das ciências, não recaindo apenas sobre a análise documental, mas também sobre a coleta e análise dos demais dados qualitativos. Apesar de não ser esta a perspectiva da presente pesquisa, a possibilidade de uma análise excessivamente subjetiva dos jornais não foi desconsiderada, tendo sido realizado um estudo com resultados bastante interessantes.

Expliquei a um dos funcionários do museu riopardense os objetivos da pesquisa que eu estava realizando, bem como qual era a minha definição de “artigos relacionados à temática ambiental”. Solicitei, então, ao mesmo que me auxiliasse, identificando tais artigos no ano de 1957. Terminado o trabalho deste funcionário, comparei os artigos por ele selecionados com os que haviam sido por mim escolhidos e constatei uma grande quantidade de artigos em comum.

Porém, tanto eu como ele escolhemos artigos não coincidentes, comprovando que, mesmo partindo de uma concepção comum de “temas ambientais”, não fomos capazes de realizar uma mesma leitura do material que analisamos, o que já era esperado. Sendo assim, é necessário enfatizar que não esgotei a análise da temática ambiental do jornal Gazeta do Rio Pardo no período estabelecido. Apresento apenas os artigos relacionados ao meio ambiente que fui capaz de identificar, sendo também a análise dos mesmos passível de ser reinterpretada. Por isto, procuro sempre citar parte literal dos textos analisados e não apenas a minha interpretação destes.

Um outro fato que me chamou bastante atenção nesta etapa da pesquisa foi o grande interesse de pessoas, das mais variadas faixas etárias, por jornais antigos. Tanto no museu riopardense, onde analisei os jornais, quanto no estabelecimento onde fiz as cópias dos artigos, as pessoas demonstravam muita curiosidade sobre a pesquisa que eu

realizava e sobre o conteúdo das notícias antigas. Pensei, então, no grande potencial da utilização de jornais antigos em práticas de Educação Ambiental.

De fato, eu mesma me surpreendi com a sensação que senti quando iniciei a leitura dos jornais de 1950. Tive a impressão de ter sido transportada para o passado, entrando em contato com a linguagem, com a cultura, com os valores, entre outros fatores, da época. Foi necessário uma grande “disciplina” da minha parte para que eu não me detivesse por muito tempo em artigos que me interessavam, mas que não apresentavam nenhuma relação com a presente pesquisa.

Finalmente, cabe salientar a importância de ter sido realizada uma leitura geral do jornal, não somente para a contextualização dos artigos relacionados à temática ambiental, mas também para a identificação de artigos relevantes para esta pesquisa. Exemplificando, a princípio eu não pretendia analisar as colunas esportivas, mas foram nelas que pude identificar uma série de informações sobre a ictiofauna, através dos artigos publicados pelo Clube Riopardense de Pesca.

Além disso, informações importantes sobre a relação da população riopardense com o rio Pardo puderam ser identificadas nas colunas policiais, através da notificação de mortes por afogamentos ou suicídios no rio. Também, o título genérico dado à alguns artigos requeria uma leitura, além da manchete, para que a questão abordada pudesse ser identificada. Caso contrário, não teria sido possível saber o conteúdo de artigos cujas manchetes eram “Mau exemplo” ou “Perigo das coisas boas”, presentes no jornal.

Sendo assim, concluo a discussão metodológica, enfatizando a importância de ter sido realizada uma leitura do jornal como um todo, apesar de apenas parte do conteúdo ter tido inserção direta nesta pesquisa. Saliento, também, a necessidade de um bom

planejamento com relação ao tempo estipulado para a realização da coleta de dados, em pesquisas similares à esta, já que o presente estudo, apesar de ter sido muito interessante e gratificante, na minha opinião, foi também demorado e cansativo.

4- Resultados e Discussões

4.1- Abordagem da temática ambiental na década dos anos cinquenta

Na década dos anos cinquenta, os artigos e reportagens presentes na Gazeta do Rio Pardo, apresentavam uma ampla abrangência regional, nacional e internacional, fato compreensível uma vez que o jornal era veiculado diariamente, havendo então, espaço para abordagens diversificadas. Foi possível identificar variados artigos e reportagens que abordaram a temática ambiental tanto global como localmente.

Percebeu-se uma predominância de artigos que relatavam uma visão de mundo definida por GONSALVEZ (1998) como antropocêntrica, quando há uma separação entre os seres humanos e a natureza, sendo demonstrada uma relação de dominação e superioridade por parte da espécie humana para com o ambiente.

Sendo assim, a preocupação com a manutenção e cuidado com elementos da fauna, flora, solos, rios entre outros eram propostos, na maioria das vezes, quando imediatamente era apresentada a importância destes, em algum aspecto, para os seres humanos. Assim, preservar os ecossistemas era, primeiramente, uma forma de garantir a sua utilização como fonte de “matérias-primas” ou fonte de lazer e contemplação.

A seguir, serão apresentadas algumas abordagens relacionadas aos ecossistemas ou aos seres vivos e elementos abióticos que os compõem, procurando considerar o

contexto social, político econômico, entre outros, do momento em que foram escritos. Algumas frases ou palavras dos artigos do jornal serão colocados em negrito para que a idéia seja destacada, não havendo este tipo de marcação nos textos originais.

4.1.1- Solos

Já no início da década dos anos cinquenta haviam artigos comentando o desgaste e erosão dos solos brasileiros, com previsões sobre um possível processo de desertificação, caso o mesmo continuasse a ser impactado como vinha sendo. Havia apelos, principalmente para os agricultores, para que respeitassem a legislação, não devastando toda a vegetação, afim de que o solo, do qual dependiam para exploração, não perdesse sua fertilidade, observando-se os prejuízos decorrentes.

“É justamente o homem do campo, o que faz da exploração do solo o seu meio de vida, o grande interessado na fertilidade de nossas terras. Eis aí uma razão muito forte para que ele empreste sua cooperação ao Ministério da Agricultura, pois de nada adiantarão determinações legais, se elas não forem cumpridas ou se forem sabotadas.”
(SANTOS, 02/ 05/ 1950)

“A defesa do solo contra os efeitos da erosão deve constituir a principal preocupação dos agricultores. A terra também se ‘cansa’ e sofre os efeitos do tempo quando não se sabe cuidar dela. E terra ‘cansada’, só dá lavoura de rendimento fraco, de colheita sem lucros, de gado sem produção econômica.” (GAZETA DO RIO PARDO, 11/ 02/ 1956)

Não é de se estranhar que os primeiros artigos relacionados à conservação dos solos tenham sido identificados logo no início da década, uma vez que, a cidade sempre teve na agricultura sua principal fonte de contribuição para a economia local. Cabe salientar que, a necessidade de se conservar o solo foi mais justificada pelos aspectos econômicos, visando garantia de produção agrícola e o retorno financeiro da mesma, que pelos aspectos ecológicos, com reflexões sobre a perda e desgaste dos solos para os ecossistemas aquáticos e terrestres.

4.1.2- Flora e fauna

Foi possível identificar algumas informações sobre a vegetação e fauna locais e a relação da população com a mesma. No ano de 1957, foi narrado, através de uma poesia, a existência de matas ciliares no curso do rio Pardo no município de São José do Rio Pardo.

*“Num vale de esmeralda, corre o grande rio (Pardo)
Refletindo o esplendor da mata merencória
Que ergue os ramos ao céu, em verdes orações” (MARTONE, 31/ 07/ 1957)*

Houve, também, artigos denunciando a depredação de árvores na cidade por parte da população, bem como a destruição de áreas verdes na cidade de São José do Rio Pardo, em decorrência da especulação imobiliária.

*“Só seremos um povo realmente educado e maduro digno do nome de civilizado,
quando os atentados contra as árvores deixarem de se repetir com a freqüência que*

notamos hoje, quando devidamente defendidos, não pela polícia ou pelos guardas municipais, mas pelo próprio povo, quando os jardins salvarem-se da especulação imobiliária” (DAMANTE, 06/ 04/ 1957)

O desrespeito pelas árvores da cidade pôde ser identificado, também, nas ações do poder público, no ano de 1958, uma vez que a própria prefeitura determinou o corte de árvores por motivos não explicitados, provavelmente relacionados à realização de alguma obra. Houve manifestos contra o prefeito pela realização destes cortes. Porém, no artigo que descreveu tal acontecimento, os manifestantes foram taxados de “inimigos de São José do Rio Pardo” e perturbadores da “paz e progresso da família riopardense”, sendo o prefeito elogiado.

“O munícipe riopardense (prefeito), justo, meticoloso e ponderado, nunca deu ouvidos às críticas e sempre apoiou e aplaudiu as determinações do governo da urbe. Contudo, espíritos menos avisados e apressados, empreenderam uma campanha infeliz e descabida contra as determinações da municipalidade, já que não tiveram presentes os imperiosos motivos que ensejaram o corte de árvores em São José. (...) Que estes pândegos adversários do senhor prefeito, que primeiro são inimigos de São José do Rio Pardo, não continuem a perturbar a paz e o progresso da família riopardense.” (GAZETA DO RIO PARDO, 1958)

Com relação à fauna local, foram encontrados artigos que davam indícios de que a caça de animais silvestres era comum e abusiva, sendo a conservação de tais animais incentivada apenas para que os caçadores pudessem continuar sua exploração. Saliento, também, a absurda idéia defendida de que a destruição de outros seres vivos possa ser concebida como um esporte, praticado por “verdadeiros esportistas”.

“Mais uma vez, apelamos para os caçadores a fim de que pratiquem seu esporte predileto, como verdadeiros esportistas e não massacradores da fauna silvestre. É preciso que todos se compenetrem da necessidade de respeitar as determinações legais, pois estas têm como única finalidade proteger os interesses dos próprios esportistas, garantindo a proliferação constante das espécies e assegurando assim a continuidade da prática do esporte.” (GAZETA DO RIO PARDO, 12/05/1955)

No ano seguinte, foi publicado um artigo, relatando que a finalidade da intensiva fiscalização da caça e pesca no ano de 1955 foi evitar a destruição das espécies, visando o restabelecimento do equilíbrio biológico, dando indícios de que o apelo aos caçadores tenha enfatizado o benefício da preservação apenas para a prática do “esporte”, visando convencê-los a não levar a fauna local à extinção, já que eles mesmos sofreriam as conseqüências:

“Com a finalidade de evitar a destruição das nossas espécies terrestres e aquáticas, tomar medidas para coibir abusos dos caçadores e pescadores e restabelecer o equilíbrio biológico, a fiscalização da caça e pesca exerceu durante o ano passado intensa atividade nos municípios do Estado.” (GAZETA DO RIO PARDO, 07/03/1956)

Também a destruição da fauna, das florestas e das matas ciliares de outras regiões do país foi abordada nesta década, sendo que as conseqüências mais enfatizadas das transformações nos ecossistemas aquáticos e terrestres foram os efeitos negativos na “produtividade e economia nacional”, com decorrente prejuízo para os seres humanos.

“O sr. Herbert Levy, deputado por São Paulo, falando na Câmara Federal sobre a destruição dos nossos recursos naturais, no que tem isso de grave para a Nação, afirmou, inicialmente que ‘apenas a parte mais consciente da população brasileira se apercebe da gravidade que assume para a própria sobrevivência do País a destruição dos nossos recursos naturais. Essa destruição se processa de tal forma impressionante que não se limita mais à devastação de matas e recursos naturais espalhados pelos vários cantos do território brasileiro, mas atinge a destruição das matas ciliares, isto é, as matas marginais dos rios que protegem as cabeceiras e, portanto, as nascentes dos grandes rios do país. Essa destruição se não for imediatamente estancada, virá criar vastos desertos no país com irremediáveis conseqüências sobre a produtividade e sobre a economia nacional.

(...) Hoje a tartaruga, que costumava ser a alimentação por excelência dos amazonenses, está praticamente extinta. Ela custava 20 cruzeiros a unidade e custa hoje 400 cruzeiros e é sumamente escassa. Não existem por conseguinte os seus ovos para alimentação popular. Os crocodilos que constituíam comércio importante daquela zona e que existiam aos milhares, tornando difícil a passagem das canoas por certos rios e lagos, hoje são sumamente escassos e se encontram com dificuldade. O pau-rosa vai desaparecendo rapidamente da floresta do Amazonas e constituindo uma raridade’. ”
(GAZETA DO RIO PARDO, 26/ 04/ 1953)

Percebe-se que há uma abordagem dos ecossistemas e de seus constituintes, predominantemente, como bens de consumo ou meios de produção, havendo, desta forma, uma maior preocupação com os aspectos econômicos associados à degradação do ambiente que com os aspectos ecológicos, embora ambas as dimensões estejam presentes no artigo.

Foram encontrados, também, alguns artigos que denunciavam e condenavam a exploração predatória do meio, dando uma maior ênfase nas conseqüências desta destruição para os ecossistemas e seus constituintes:

“Ano a ano, no rico território brasileiro, avança a incidência de zonas estéreis, relegadas à condição de meras pastagens, enquanto os loteamentos, as queimadas e a erosão realizam sua obra assassina. Loteia-se o país inteiro, e quase sempre destas vendas de glebas anunciadas como sendo a Terra de Promissão, resulta apenas o desflorestamento do solo e o seu abandono à espera de uma valorização comumente tardia.

O nenhum respeito pela vida animal agrava esse quadro pouco animador. A mortandade de peixes, em determinadas regiões do Estado de São Paulo, motivada pelo chamado restilo das usinas de açúcar e álcool, atinge as raias de um crime de lesa-pátria; ao mesmo tempo desaparece a fauna ornitológica (sic) substituída a variedade de pássaros própria de nossas florestas pela multiplicidade nociva dos pardais alenigenas e destruidores. Nada se salva dessa faina que alguns confundem com progresso; nada resta.” (DAMANTE, 16/ 02/ 1955)

“Hoje tudo é sacrificado ao interesse imediato. Não pensamos no resultado de semelhante atitude nas gerações de amanhã. O povo (...) precisa rebelar-se contra essa depredação nociva aos verdadeiros interesses coletivos. Há uma necessidade urgente de leis que sejam efetivamente cumpridas por todos os prefeitos do Vale e os prefeitos que sucedem. Pleitearemos uma lei federal nesse sentido e com caráter de urgência” (GAZETA DO RIO PARDO, 06/ 03/ 1956)

Estes artigos surpreenderam por questionarem idéias e posições políticas ditadas na época, como a busca pelo “progresso e desenvolvimento do país” a qualquer custo. Nesta década, as idéias “progressistas” estavam em pleno processo de divulgação e

aceitação, já que a década dos anos cinquenta é considerada como o início da “era do desenvolvimento”, quando todos os esforços que visassem o desenvolvimento dos países era justificável. (SACHS, 2000)

4.1.3- Abordagem da temática ambiental relacionada à água

Muitas páginas da Gazeta do Rio Pardo foram cedidas no início da década para a discussão da polêmica proposta da prefeitura municipal de reformar e ampliar os serviços de abastecimento. Enquanto alguns artigos reforçavam a idéia de que a população mais carente estava sendo prejudicada na realização de suas tarefas em decorrência da falta de água, outros sugeriam que tal carência se devia ao consumo exagerado da população, reforçando, ainda, a idéia de que a água para o abastecimento da cidade não necessitava de tratamento, uma vez que era coletada do rio Pardo e alguns afluentes, que se encontravam livres de qualquer tipo de poluição.

Apesar da divergência de opiniões na cidade, as obras de reforma e ampliação dos serviços de fornecimento de água foram realizados, estando concluídos no ano de 1953. Os trechos abaixo citados fornecem uma idéia da evolução das obras e das opiniões dos moradores de São José do Rio Pardo:

“Lançado o edital de concorrência pública para execução das obras de reforma e ampliação do serviço de abastecimento de água da sede do Município” (GAZETA DO RIO PARDO, 17/01/1950)

“Em todas as partes, nos recessos dos lares, nas ruas, nos bares e confeitarias, nos logradouros públicos, onde houver uma reunião, não importa o número de pessoas, o assunto versa sobre a água. Lamentações, as mais pungentes, são lançadas pelas

donas de casa, que padecem os maiores sacrifícios que a concepção humana possa imaginar, para dar trato aos afazeres domésticos. Muitas delas se desesperam e vertem lágrimas ante os transtornos causados nos seus misteres rotineiros, pela falta do precioso líquido” (GAZETA DO RIO PARDO, 14/09/1952)

“Prevista para 1953 a conclusão dos serviços da água em São José do Rio Pardo” (GAZETA DO RIO PARDO, 31/08/1952)

“O atual Prefeito de S. José do Rio Pardo, senhor Dionysio Guedes Barretto, é bastante conhecido do povo rio-pardense, pelas suas virtudes pessoais, principalmente pela sinceridade de sua franqueza, qualidade que demonstrou desde os seus primeiros anos de convivência com todos os rio-pardenses, sendo hoje um homem perfeitamente integrado em a comunidade desta cidade, para a qual tudo tem feito e dado, para ajudar o seu progresso e do nosso município. Na direção do governo municipal tem orientado sua administração para proporcionar o bem estar à nossa cidade, com especial carinho para as classes menos protegida da sorte.

Ao mandar fornecer água abundante ao povo, a classe que se sentiu mais satisfeita foi a das lavadeiras, que agora podem desempenhar os misteres de suas obrigações com mais eficiência, facilitando-lhes assim os meios de ganhar o seu honrado dinheiro” (GAZETA DO RIO PARDO, 20/12/1953)

Percebe-se claramente que o jornal não se faz neutro frente às suas posições políticas, aproveitando-se da conclusão da obra para elogiar e engrandecer o prefeito da época. Cabe salientar que após a conclusão dos serviços, o jornal continuou a apresentar artigos abordando o problema de falta de água para o abastecimento. Em um momento posterior, foi sugerido a colocação de hidrômetros e contratação de funcionários que fizessem manutenção da rede de abastecimento, já que os problemas relacionados à falta

de água na cidade eram decorrentes, também, dos gastos demasiados por parte da população e por descuidos na manutenção da rede de distribuição:

“Pois é. Todos pagam. O povo paga e segundo muitos, à preço de ouro, a água que consome e isso não basta para implantar um pouco de economia do precioso líquido, em parte pelo próprio povo. Ah! certas torneiras que ficam dia e noite abertas (e que precisam ser fiscalizadas) e as bóias das caixas, que segundo observações de um nosso companheiro de trabalho, quando é de madrugada, escorre pela rua, cai no esgoto e vai certamente cair no mesmo rio onde veio, a água purinha, que custou horas de trabalho, desgaste de máquinas, material químico, energia elétrica, etc. E tudo por causa das bóias mal cuidadas, que mesmo após estar cheia a caixa, continuam teimosamente a escorrer.

Se não nos falha a memória, na noite de domingo último, quando passamos pelo ‘largo do mercado’, pudemos ver aquela grande caixa a jorrar talvez milhares de litros d’água límpida, que caía dentro do bueiro.

O nosso serviço de abastecimento é bastante aperfeiçoado, todos sabem, todos dizem – falhas como esta, são facilmente sanáveis, principalmente num bom serviço de abastecimento como o nosso.” (GAZETA DO RIO PARDO, 24/01/1956)

Os problemas relacionados à chuvas excessivas ou à secas muito prolongadas também foram abordados nesta década no jornal, sendo enfatizadas as conseqüências nas práticas agrícolas e na decorrente elevação dos preços de alguns itens da alimentação para a população. Foram relatadas, também, as conseqüências negativas das chuvas para as estradas, residências, vegetação urbana etc..

Não foram encontrados, porém, os constantes relatos sobre enchentes que estiveram presentes no jornal nas décadas posteriores. Esta constatação sinaliza para o

fato de que as chuvas abundantes não constituem o único fator responsável pelos transbordamentos dos rios, tendo grande contribuição, os fatores relacionados ao uso e ocupação do solo.

Com relação aos impactos negativos gerados nos ecossistemas aquáticos pelas atividades humanas e as alterações conseqüentes nestes ecossistemas, poucos foram os artigos que descreveram este processo. Houve algumas discussões sobre as causas e conseqüências da poluição da água, sendo apontada a deposição de esgotos domésticos e industriais, sem tratamento, nos ecossistemas aquáticos.

“A poluição afeta o homem de várias maneiras, quer direta ou indiretamente, prejudica a saúde e pode pôr em perigo a vida. Diminui ou elimina a vida aquática. Torna a água imprópria para o abastecimento público e industrial. Por todas essas razões vem a necessidade de reduzir os seus efeitos.

(...) A poluição tem como fontes principais os esgotos municipais e uma grande variedade de resíduos industriais. (...) Queremos acentuar a importância e a intangibilidade da vida aquática e do direito do homem à recreação. Mesmo quando todos os outros inconvenientes da poluição não estejam em causa, deve-se levar o tratamento até o ponto de tornar a água própria à vida aquática, à recreação e à estética exigida pela vida moderna.” (GAZETA DO RIO PARDO,03/07/1955)

Percebe-se que foi demonstrada uma preocupação com os prejuízos causados pela poluição para os seres humanos e para a vida aquática, havendo porém, uma maior ênfase das conseqüências negativas da poluição para os seres humanos. Foram encontrados, também, artigos que discutiram a qualidade da água de uma maneira bastante abrangente, considerando-se muitos aspectos que prejudicam ou levam à

extinção da vida aquática, havendo críticas às atitudes simplistas que visavam proteger a ictiofauna:

“Sempre que se atenta para o problema do despovoamento dos nossos cursos fluviais, observa-se que a providência, automaticamente reclamada, é a restrição da pesca. Evidentemente, para quem analisa superficialmente a questão, desde logo, restringir a intensidade da captura, no pressuposto de que a pesca constitui o principal fator do despovoamento, parece lógico.

(...) De nada vale a proibição rigorosa da pesca se as condições naturais do ambiente estão alteradas. São tais condições nas quais se incluem, de um modo geral, as características físico-químicas e biológicas, o regime do rio, a orla florestal das suas margens, as lagoas marginais e uma série de outros fatores que favorecem a propagação das espécies piscícolas e garantem a sua manutenção.

(...) devemos mencionar o desmatamento ciliar, a poluição, as barragens dos rios sem escadas ou canais, a destruição das lagoas marginais, etc., todos eles condicionados à capacidade de renovação das espécies ictiológicas que, por sua natureza, estão mais sujeitas a alterações de ambiente que os organismos de vida aérea.” (GAZETA DO RIO PARDO, 21/03/1955)

Cabe salientar a importância desta abordagem complexa, que considera os vários fatores que provocam distúrbios nos ecossistemas aquáticos na década dos anos cinquenta, uma vez que em bibliografias atualizadas sobre gerenciamento de recursos hídricos, os problemas da degradação da água, a necessidade de preservação dos ecossistemas aquáticos, bem como os parâmetros de escassez hídrica são colocados em função das necessidades de uso humano somente. (AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA & AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS, 2001 ; RODRIGUEZ, 1998)

Sem dúvidas, a dimensão sócio-econômica da importância da água não deve ser desconsiderada, uma vez que não somente a qualidade, mas também a viabilidade da vida humana está intrinsecamente relacionada à presença e à qualidade da água. Porém, por ser esta relação de dependência igualmente válida para as demais espécies, torna-se necessária a abordagem da importância da água em todas as suas dimensões, evitando-se, assim, a perpetuação da relação de dominância e oposição dos seres humanos em relação aos demais componentes dos ecossistemas onde estão inseridos.

4.1.4 - Energia

Uma das discussões mais recorrentes e aprofundadas no jornal Gazeta do Rio Pardo, na década dos anos cinquenta, relacionava-se à necessidade de se desenvolver fontes de energia no país, visando suprir as necessidades de um parque industrial, que poderia surgir, caso houvesse condições propícias. Havia uma grande expectativa de que este desenvolvimento industrial em território brasileiro possibilitasse o enriquecimento e uma conseqüente independência econômica do Brasil em relação aos países já industrializados:

“A força por excelência de um país está na sua indústria. Os produtos maquinários manufaturados constituem um caminho de libertação.” (GAZETA DO RIO PARDO, 1955)

As justificativas para uma produção imediata e em larga escala de energia, não eram dadas somente em função das demandas industriais, mas também, em função da

expectativa popular de melhoria em suas condições de vida, mediante os benefícios que a energia poderia trazer para o seu cotidiano. Consequentemente, estava presente no jornal uma constante discussão sobre a necessidade de produção e aproveitamento de diversas formas de energia.

Alguns artigos afirmavam a existência de uma grande quantidade de petróleo no território brasileiro, que estava apenas à espera de uma exploração eficiente. Porém, muito mais enfáticas e repetidas foram as discussões que sugeriam a utilização do grande potencial dos rios para a produção de energia hidrelétrica. A urgência de modificações legais era apresentada, sendo enfatizada a grande necessidade de se unirem os esforços dos diversos setores produtivos e sociais, afim de reivindicarem a tomada de providências, para que uma maior produção de energia hidrelétrica se concretizasse em um futuro próximo:

“Dentre os problemas vindos à baila, destacou-se o referente à necessidade de revisão do atual Código de Águas do País, o qual, já obsoleto em face de nosso desenvolvimento econômico, constitui empecilho, e dos mais sérios, ao nosso progresso industrial, por impedir a necessária produção de energia elétrica, de que S. Paulo tem precisão cada vez maior.

(...) Diversos industriais referiram-se, na Convenção, à conveniência de se apressarem os estudos e medidas tendentes a permitir que nosso Estado possa contar, e isso no menor prazo possível, com energia elétrica abundante e barata, sem o que serão irremediavelmente prejudicados nossos esforços em prol da completa independência econômica do Estado e da Nação.” (GAZETA DO RIO PARDO, 22/06/1951)

“Não cruzemos os braços, entremos na luta pela subsistência econômica e social, resolvendo nossos problemas, da maneira mais satisfatória possível, sempre colocando em primeiro plano os interesses da coletividade. Temos conhecimento de que vários elementos do comércio e da indústria rio-pardense estão empenhados em ampliar suas instalações com novas indústrias ou ramos de atividade, contando para tal, com o fornecimento futuro da energia elétrica em abundância.” (GAZETA DO RIO PARDO, 07/09/1952)

Não foi apresentada nenhuma consideração a respeito dos impactos ambientais que resultam da construção de hidrelétricas, incluindo-se aí os prejuízos para a fauna ictiológica que os barramentos representam e a degradação das águas, citados anteriormente num outro contexto. Ao contrário, as notícias referentes à tais construções projetavam grandes expectativas de melhorias para o futuro, sem comentários a respeito dos impactos negativos sobre os rios que poderiam ser acarretados.

“Como é do conhecimento dos prezados leitores, o Estado, por intermédio do DAEE, projetou a construção de duas usinas hidroelétricas, aproveitando o potencial do Rio Pardo. Estas duas citadas usinas hidroelétricas, receberam o nome de <<Euclides da Cunha>> e <<Limoeiro>>, sendo ambas situadas dentro do território rio-pardense. Com um potencial inicial de 270.000 H.P., teríamos energia com abundância, servindo mesmo vasta região, compreendendo São José do Rio Pardo e cidades vizinhas. Um futuro promissor se abria diante dos olhos rio-pardenses, que tinham suas esperanças voltadas para a projetada construção da usina <<Euclides da Cunha>>, situada a menos de 6 quilômetros da cidade.” (GAZETA DO RIO PARDO, 20/09/1953)

“(...) a SUMCC autorizou o empréstimo de 1 milhão e meio de dólares, a serem aplicados no aparelhamento das usinas do Rio Pardo, no município de São José do Rio Pardo. Sem dúvida, é esta notícia alvissareira para São José do Rio Pardo, que vê na construção das usinas do rio Pardo o seu promissor futuro industrial, pois, as usinas Limoeiro e Euclides da Cunha estão sendo erguidas dentro de seu território, a menos de seis quilômetros do centro da cidade.” (GAZETA DO RIO PARDO, 03/04/1955)

Uma relação de dominação, desrespeito e suposta superioridade dos seres humanos em relação a natureza, tornou-se bastante evidente em alguns artigos, como o que reportou a construção da Usina de Paulo Afonso, no rio São Francisco:

“Houve já quem chamasse aquela cachoeira de ‘simples trambolho natural’, porque impede a livre navegação no curso inteiro do rio São Francisco. Hoje, porém, dominada pelo homem e colocada a seu serviço pela moderna engenharia brasileira, será a fonte de vida e de trabalho para milhões de patrícios que até agora viviam sem esperança” (ABREU, 1955).

Também, em São José do Rio Pardo, quando “os cálculos infalíveis dos engenheiros” falharam em uma das etapas da construção da Usina do Limoeiro, o rio foi abordado como um verdadeiro inimigo dos seres humanos: raivoso, traiçoeiro, forte e rebelde, mas, que certamente seria vencido no final, assim como todo personagem vilão das histórias tem como destino a rendição ou a destruição total, como exemplificou o artigo abaixo:

“Enfurecido o Rio Pardo rompe a barragem do Limoeiro, que impedia seu curso pelo antigo leito. Às 18 horas do dia 27, com suas águas engrossadas pelas chuvas dos

dias anteriores, não respeitando os cálculos infalíveis dos engenheiros que pretendiam represá-lo, o Rio Pardo, como a onça que nunca ensina o último salto, investiu raivoso contra aquele amontoado de terra, que lhe obstruía o caminho secular, rompendo o cerco que o homem lhe havia feito. Subestimado pelos entendidos dos números, quando suas águas durante anos deram demonstrações de menos poderio, derruba o Rio Pardo as previsões mais pessimistas dos engenheiros, e exibindo repentinamente sua oculta força, desafia o homem a tentar novamente enfrentá-lo. Rio bravo, como animal que recusa ser domado, corcoveando, pulando, e galopando fogorosamente, estranhando o arreio incômodo, e o cabresto humilhante, ele derrubou desta vez o pião.

Novamente ele será laçado, e se preciso jogado ao chão. O homem não desanimará. Montado será outra vez, contra sua vontade, e tentará jogar por terra o dominador que agora mais cauteloso não errará seu cálculo, e o Rio será vencido.

(...) O Rio é forte, o Homem é forte. Dois grandes lutadores. Desta vez o Homem perdeu. Sucumbirá novamente? Onde estão seus cálculos e golpes estudados por tantos anos, toda sua técnica, seus anos de estudos? Erro de cálculo? Subestimou o inimigo? Numa obra dessas? Não, o pião sempre será bom, o cavalo é que é difícil de ser domado..." (GAZETA DO RIO PARDO, 01/03/1957)

É lamentável constatar que, o único artigo encontrado que discorreu diretamente sobre o rio Pardo na década dos anos cinquenta, tenha proposto e/ou relatado uma relação de confronto, dominação e desrespeito para com o rio.

Não foi encontrado no jornal nenhuma discussão que se mostrasse contrária ou que ao menos questionasse de alguma forma a construção das usinas, o que deve revelar o consenso do pensamento da época com relação a necessidade de aproveitamento hidrelétrico dos rios.

Porém, se a produção de energia hidrelétrica não gerou controvérsias, esteve presente na Gazeta durante a década dos anos cinquenta uma discussão bastante

polêmica a respeito do desenvolvimento e utilização da energia nuclear. Alguns colunistas se mostravam completamente contrários à utilização da energia atômica, uma vez que tal descoberta prometia muitas melhorias para a vida humana, porém, vinha sendo utilizada exatamente no sentido de destruir a vida:

“Os planos para o estudo ampliado da energia nuclear prometem um mundo de maravilhas. Esses planos, todavia, acabam de ser desviados para uma nova insuspeitada rota. Os sábios estão agora diante do mundo estupefato, construindo a chamada super-bomba de hidrogênio, cuja deflagração importará na transformação ígnea do universo, que preso de imensa fogueira, poderá arder até ao fim. Os sinais que vimos assistindo não constituem uma advertência ao homem para se deter à beira do abismo, em cuja profundidade poderá ser ele sepultado para sempre? Sombria interrogação que ficará suspensa em face dos dias plúmbeos que vivemos.” (LEITE, 1950)

Além da preocupação com a utilização da energia nuclear para fins bélicos, havia ainda uma preocupação com relação às mutações que a radiação atômica poderia gerar na vida animal:

“Já os nossos cientistas estão com medo das irradiações produzidas pelas desintegrações dos átomos; acreditam os estudiosos, que esse fenômeno poderá produzir monstros, poderá influir na nossa vida animal, transformando-a radicalmente, e o homem terá que enfrentar bichos como os anti-diluvianos.” (CARDOSO, 1953)

Outros colunistas, porém, viam na utilização da energia nuclear uma grande possibilidade de melhoria das condições de vida dos seres humanos, criticando a

utilização de um conhecimento “precioso” para abreviar a vida, ao invés de usá-lo para prolongá-la:

“Ao invés de preparar bombas que vão abreviar a vida do planeta, não seria mais inteligente valer-se de tão preciosos conhecimentos para solucionar o problema do Câncer, da Paralisia Infantil, da Esquistossomose e outros males que torturam a humanidade? Na Energia Nuclear, até hoje tão mal aproveitada, estará, por certo, a chave de tão palpitantes problemas e, em consequência, a melhoria do <<Homo Sapiens>>, acenando-lhe com dias mais felizes. (MORAES, 1955)

“O principal objetivo da Organização Internacional de Energia Atômica, segundo os estatutos agora concluídos é: “Esclarecer e ampliar a contribuição que a energia atômica presta aos ideais de paz, à saúde e à prosperidade do mundo”. (GAZETA DO RIO PARDO, 12/05/1956)

As principais críticas feitas à utilização da energia nuclear se concentraram no início da década dos anos cinquenta, sendo que a partir da metade da década, as opiniões se convergiram no sentido de que a energia nuclear deveria ser estudada, pois havia a expectativa da descoberta de inúmeros benefícios para a humanidade em diversos campos do conhecimento, tais como na Medicina, Física, Biologia, agricultura, indústria, entre outros.

Com relação às demais formas de energia, alguns artigos pontuais abordaram, também, a necessidade de se desenvolver formas alternativas de energia, como o aproveitamento da energia solar, utilização da água do mar entre outras.

4.2- Abordagem da temática ambiental nas décadas dos anos sessenta aos anos noventa

No ano de 1962, o jornal Gazeta do Rio Pardo foi assumido por uma família de tradição política na cidade, sendo que desde 1964 se alternaram no poder municipal os partidos políticos aos quais esteve vinculado o dono do jornal e os partidos adversários ao mesmo.

A partir da década dos anos sessenta, o jornal Gazeta do Rio Pardo passou a ser veiculado semanalmente, havendo uma grande restrição da abrangência das notícias, que se limitaram mais à cidade de São José do Rio Pardo. Os temas abordados se relacionavam predominantemente à política local e aos esportes, havendo uma grande restrição da temática ambiental, se comparada à década anterior, até o final dos anos setenta.

Somente a partir da década dos anos oitenta a discussão de problemas ambientais voltou a ser veiculada pelo jornal, tendo seu ápice na década dos anos noventa. Cabe salientar que no ano de 1987 foi fundado na cidade o Grupo Ecológico Nativerde, sendo tal grupo responsável por grande parte das denúncias e discussões sobre problemas ambientais da cidade divulgadas pelo jornal. Os principais temas ambientais abordados durante as décadas dos anos 60, 70, 80 e 90 serão apresentados e discutidos a seguir.

4.2.1- A abordagem de temas relacionados à flora

Nas décadas aqui consideradas, a importância da vegetação foi colocada, novamente, com ênfase na utilidade da mesma pelos seres humanos, havendo, também, considerações sobre sua importância para outras espécies. Porém, raros foram os artigos encontrados que abordassem o valor específico da vegetação, independente do benefício que esta pudesse trazer para outros seres vivos.

“As florestas e grande parte da cobertura vegetal natural tem enorme importância para o homem, não só pelos produtos que fornecem (madeiras, frutas, gomas, resinas, substâncias medicinais e tânicas, papel, etc.), como pelos efeitos indiretos que apresentam, e que, de certo modo, são imprescindíveis à própria manutenção da vida sobre a terra.” (GAZETA DO RIO PARDO, 30/05/1976)

“As árvores têm importância decisiva na qualidade da vida humana, agindo na renovação do oxigênio do ar. Atenuam o calor retendo os raios solares, reduzindo a temperatura ambiente. Protegem contra os ventos excessivos e atuam como filtro das partículas suspensas no ar. Absorvem ruídos estridentes, amenizando a poluição sonora. E, para completar, ainda nos fornecem alimentos extraídos de suas raízes, caules, folhas, flores e frutos. Por tudo isso, proteja o verde da nossa cidade. Quem sabe, no futuro, nossas árvores não tenham apenas um dia, mas o ano inteiro para comemorar.” (GAZETA DO RIO PARDO, 02/09/1989)

Em um dos artigos encontrados foi sugerido o respeito e o plantio de árvores, sendo apresentada, porém, uma classificação para as mesmas de acordo com a utilidade que poderiam ter para os seres humanos:

“Plantemos e respeitemos a nossa árvore, seja ela frutífera ou ornamental, lenhosa ou medicinal. Aprendamos a amá-la, reconhecendo que nela encontramos uma parcela de nossa felicidade e uma das garantias de nossa vida sobre a terra.” (LACERDA, 16/09/1973)

Com relação à vegetação local, especificamente, a maioria das informações obtidas foram a respeito das campanhas de arborização realizadas pela prefeitura, tanto em ruas e praças, como na recuperação de matas ciliares:

“Com a presença do Sr. Prefeito e outras autoridades municipais (...) estudantes do nosso ginásio plantaram oitenta árvores ao longo da Avenida Brasil, ou seja, a da entrada da cidade.” (GAZETA DO RIO PARDO, 24/09/1967)

“218 mudas de árvores foram plantadas em diversas ruas da cidade, na última sexta-feira, em comemoração do Dia da Árvore. A iniciativa foi do prefeito Luperico Torres, que mobilizou através dos diretores, quase uma centena de escolares dos vários estabelecimentos de ensino locais, para que efetuassem o plantio.” (GAZETA DO RIO PARDO, 23/09/1973)

“A arborização nas ruas deverá continuar neste verão aproveitando o tempo das chuvas, com plantas que estão sendo fornecidas pelos munícipes, através de uma campanha iniciada pela prefeitura. O interesse da atual administração é atingir até o final do mandato uma quota de 7 mil árvores, incluindo replantio no centro da cidade e o plantio de novas mudas nos bairros. Este levantamento foi feito há pouco pelos funcionários, revelando esta necessidade.” (GAZETA DO RIO PARDO, 20/11/1983)

“O programa de reflorestamento da mata ciliar do rio Pardo, nascentes, córregos e açudes, que foi iniciado recentemente através do convênio firmado pela prefeitura e CESP, continua sendo desenvolvido em São José do Rio Pardo. A CESP, pelo convênio assinado, se encarregou de repassar as mudas, que já estão sendo plantadas. São 5000 mudas nas áreas da prefeitura e propriedades rurais particulares, com variedades como araçá, ingá, cedro, jequitibá, paineira, aroeira, sangue d’água etc..” (GAZETA DO RIO PARDO, 02/030/1996)

Cabe salientar que, as informações sobre campanhas de reflorestamento e recuperação da vegetação só foram divulgadas pelo jornal quando a cidade estava sendo governada por algum membro da família Torres, que é proprietária do mesmo, ou por aliados políticos dos mesmos. Quando a oposição estava no governo, nenhuma notícia a respeito de plantios de árvores na cidade foi divulgada. Ao contrário, a administração municipal era criticada por não tomar iniciativas neste sentido.

“(...) qual o motivo pelo qual São José, a exemplo da maioria das cidades de clima semelhante, ainda não plantou árvores de sombra ao longo de, pelo menos, suas avenidas principais?” (MENDONÇA, 17/01/1871)

“Observa-se que muitas pessoas já estão plantando árvores em frente às suas casas, sem que os poderes municipais tenham dado início a qualquer estudo neste sentido. Não será o momento de iniciar uma campanha pela arborização geral da cidade, adotando-se o seguinte lema: ‘Não espere a prefeitura: plante você mesmo sua árvore’...?” (GAZETA DO RIO PARDO, 28/02/1971)

Apesar das notícias sobre a vegetação local, principalmente sobre a urbana, terem sido veiculadas, provavelmente, como forma de manipulação política, considero ter sido válido se trazer à tona a necessidade de arborização, bem como a necessidade de se valorizar as árvores da cidade.

4.2.2- A Abordagem da água enquanto recurso para os seres humanos

Enquanto na década dos anos cinquenta a falta d'água para o consumo da população era relacionada principalmente à necessidade de reforma e ampliação dos serviços de captação, nas décadas seguintes houve maior ênfase na necessidade de atuação da população, juntamente com o poder público, para se resolver o problema de escassez. As iniciativas populares mais requeridas nos artigos analisados eram a economia doméstica, a instalação de caixas d'água para um armazenamento extra e a manutenção das redes hidráulicas particulares.

A colaboração popular bem como a divisão da responsabilidade pelo bom abastecimento de água da cidade só foram requeridos junto à população nos anos em que o proprietário da Gazeta ou seus aliados políticos estavam no poder.

“(...) o gasto excessivo acarreta desperdício, e o meio para se corrigir a distribuição será a colocação de medidores ou hidrômetros.” (GAZETA DO RIO PARDO, 27/ 09/ 1964)

“O prefeito pede atenção dos senhores consumidores de água na observação do desperdício, evitando-o, para que não venham pagar excessos muito elevados, conforme está sendo observado pela leitura dos hidrômetros, que causam este desperdício, em

prejuízo da coletividade, e o encarecimento dos metro cúbico da água.” (GAZETA DO RIO PARDO, 05/11/1967)

“O novo Código Tributário Municipal, aprovado pela Câmara em fins de 1975, estabelece medidas rigorosas no setor de abastecimento de água, a fim de coibir o consumo excessivo do líquido na cidade.” (GAZETA DO RIO PARDO, 25/01/1976)

“A cidade está atravessando há alguns meses um problema igual ao de todo o estado de São Paulo: a falta d’água (...) A Prefeitura Municipal tem inspecionado algumas casas cujos moradores têm reclamado, e o que verifica é que seus depósitos quase nunca ultrapassam de 250 litros, havendo inclusive residências que não possuem. Esse fato provoca um esvaziamento dos reservatórios públicos durante o dia, enquanto, no período noturno, os mesmos reservatórios chegam a se extravasar, e esse excesso de água poderia ser acumulado nos reservatórios residenciais

(...) Outro fato que a equipe de inspeção da prefeitura tem verificado é o entupimento parcial ou apodrecimento dos canos de ligação domiciliares, o que também dificulta o abastecimento das residências, sendo esse problema de responsabilidade exclusiva dos proprietários.” (GAZETA DO RIO PARDO, 14/09/1975)

A cooperação da população foi requerida, ainda, não somente na tomada das providências e atitudes que lhe cabia, mas também, na compreensão com relação às limitações do poder público em resolver, de forma rápida, um problema complexo como o de abastecimento da cidade.

“Água exige soluções que não se encontra da noite para o dia (...) enquanto em alguns setores a água sobra para lavar carros, terraços e calçadas, em outros, como a

Vila Maschietto, a Vila Brasil, a Vila Formosa, parte da Vila Pereira e o alto do Santo Antônio sofre a população agruras permanentes.

A atual administração não quer que este estado de coisas continue. Mas querer não é imediatamente poder. (...) Não se iluda porém, o povo rio-pardense: a questão da água é de difícilíssima resolução, ainda mais que administração atual tem de arcar com a cômoda omissão da anterior, que nada fez para o encaminhamento concreto e definitivo de soluções.” (GAZETA DO RIO PARDO, 29/07/1973)

Quando, porém, os responsáveis pela resolução do problema da água eram os candidatos da oposição, a colaboração da população não foi requerida. Pelo contrário, todos os problemas foram colocados, sendo em inúmeras vezes solicitadas providências imediatas, como se a regra anteriormente mencionada (*Mas querer não é imediatamente poder*) deixasse de valer para a oposição.

“Os moradores da rua Francisco Ribeiro, no bairro Santo Antônio, reclamam constantemente da falta de água durante o dia em suas residências. O mesmo problema é verificado em vários locais (...) Hoje São José parece viver um péssimo momento na história de abastecimento de água domiciliar, com interrupções seguidas no fornecimento, além de outros problemas, como água em excesso de cloro, ou muitas vezes suja. Mesmo assim, os preços aumentam a cada mês, de acordo com a nova sistemática de cobrança, aprovada pelos vereadores situacionistas na Câmara Municipal.”(GAZETA DO RIO PARDO, 25/11/1989)

Pode-se considerar que os vários aspectos relacionados ao abastecimento de água na cidade foram amplamente abordados em todas as décadas analisadas, com a discussão de importantes questões como o desperdício de água pela população, a falta de

manutenção da rede de distribuição e a falta de iniciativas públicas que visassem sanar os problemas relacionados ao abastecimento. Porém, a responsabilidade da população em colaborar com os problemas relacionados ao abastecimento de água foi enfatizada nos períodos em que a administração pública era aliada à administração do jornal, sendo que a responsabilidade da prefeitura foi enfatizada em períodos em que a oposição política esteve no governo municipal.

Pode-se considerar fundamental a abordagem de questões relacionadas ao desperdício da água tratada, por perdas na rede de distribuição, que esteve presente no jornal, uma vez que, segundo estudos recentes, o Brasil apresenta perdas que variam de 30 a 60% da água tratada pela ineficiência da distribuição hídrica dos setores de tratamento até os consumidores finais, sendo o Brasil um dos recordistas neste tipo de perdas (SILVA, 2002)

4.2.3- A abordagem do problema representado pelo excesso ou pela escassez de chuvas

Assim como os problemas relacionados ao abastecimento de água, os transtornos ocasionados pela carência ou pelo excesso de chuvas foram bastante abordados pelo jornal em todas as décadas aqui consideradas.

“Há um ano e meio que estamos debatendo desesperadamente com a falta de chuva ou com sua má distribuição. (...) Estávamos completamente sem água nos mananciais e com más perspectivas para o próximo ano com relação às culturas a serem irrigadas. No entanto, com 15 dias seguidos de chuva alguns lavradores já estão aborrecidos.” (GAZETA DO RIO PARDO, 22/08/1965)

Além dos transtornos causados na agricultura, um dos problemas decorrentes das chuvas abundantes mais veiculados no jornal foi a ocorrência de enchentes em áreas próximas ao rio, com descrição de grandes prejuízos para a população ribeirinha:

“As incessantes chuvas durante a semana finda fizeram com que o Rio Pardo transbordasse. Apesar do adiantado da hora todos os socorros foram prestados aos moradores daquela parte da cidade. O prefeito municipal e muitas outras pessoas (...) foram de uma dedicação ímpar para com os que necessitavam de auxílio, naquele momento aflitivo.” (GAZETA DO RIO PARDO, 13/03/1966)

“Tromba d'agua deixa vítimas e grandes danos materiais no município (...) o prefeito Lupercio Torres participou pessoalmente dos trabalhos, providenciando alojamento para as famílias desabrigadas, e tomando outras medidas para minimizar as conseqüências do fenômeno.” (GAZETA DO RIO PARDO, 04/02/1973)

“Município sofre a maior inundação de sua história (...) Segundo o testemunho dos habitantes mais antigos da cidade, essa foi a maior inundação havida em São José, superando a de 1929, considerada até então como a mais violenta de todos os tempos.” (GAZETA DO RIO PARDO, 23/01/1977)

“Depois da enchente de janeiro de 1977, o rio Pardo voltou na tarde de sexta-feira, dia 11, a preocupar principalmente a população ribeirinha, pois o nível de suas águas atingiram o ponto máximo da enchente, de 3,45m. Marcados pela enchente anterior quando se verificou enorme prejuízo material, os moradores chegaram a desocupar suas casas e remover os móveis para um lugar mais seguro, enquanto uma pequena multidão se revezava nas proximidades da ponte metálica, para tirar suas próprias conclusões a respeito da possibilidade de nova enchente.” (GAZETA DO RIO PARDO, 13/01/1980)

Apesar do jornal ter divulgado amplamente os problemas decorrentes da enchente, poucos foram os artigos que discutiram as causas da mesma, que vão além das chuvas abundantes. Aqueles que abordaram tais causas, enfatizaram o problema da impermeabilização dos solos, a construção de residências muito próximas ao leito do rio, bem como o assoreamento do mesmo devido à supressão das matas ciliares.

“Pelos últimas amostras deste verão em curso, não está difícil prever que, acelerada a pavimentação das ruas e mantido o alto nível de construções, dentro em pouco, toda a chuva mais grossa, com meia hora de duração, trará apreensões e cuidado a um elevado número de moradores sujeitos às surpresas das águas violentas. (...) na verdade há casas situadas praticamente dentro dos cursos d’água que não podem continuar habitadas; na verdade este problema aqui lembrado é dos mais antigos e graves de São José do Rio Pardo, exigindo a constante atenção” (GAZETA DO RIO PARDO, 24/02/1980)

4.2.4- Energia

Contrariando as expectativas presentes nos artigos dos jornais na década dos anos cinquenta, a construção das hidrelétricas no município de São José do Rio Pardo não solucionou os problemas relacionados à crise energética ocorrida naquela época, como relataram alguns artigos:

“Pedem-nos comentar a crise de energia elétrica por que passa, atualmente, nosso município. Muitos não entendem porque nossa cidade, estando rodeada de usinas hidrelétricas que servem a inúmeros municípios tenha que sofrer o racionamento nesse setor. Pelo que sabemos, a estiagem prolongada é a causa primeira dessa situação, já

que a vazão dos mananciais mingua à olhos vistos. De qualquer maneira, gostaríamos de ouvir uma palavra esclarecedora da Concessionária para que os munícipes recebam uma explicação satisfatória.” (GAZETA DO RIO PARDO, 06/09/1964)

“Hoje, ao vermos terminada a primeira etapa de colocação de luminárias mistas em algumas ruas, elas se nos aparecem como o mais ofuscante dos metais. Porque, ultimamente andávamos às escuras. Ou pior, às cegas. Pior ainda, não nos conformávamos em possuir duas grandes usinas em nosso município, <<exportando>> energia, enquanto para nós a mesma era racionada. Não, não nos conformávamos e continuamos a não nos conformar.

Se por um lado, o problema da iluminação de ruas está resolvido, ou pelo menos, encaminhado, resta-nos o inconformismo de sofrermos repetidas vezes pela falta de energia em nossas casas ou firmas” (GAZETA DO RIO PARDO, 10/12/1967)

Além dos relatos sobre a crise de energia enfrentada pelo município na década de sessenta, não houve muitas discussões no jornal sobre questões relacionadas à energia, até o início da década de noventa, quando foram encontrados inúmeros artigos que discutiram profundamente a possibilidade de novas construções de usinas hidrelétricas no rio Pardo no município:

“A região passará a ter nos próximos anos mais quatro hidrelétricas, se os planos da CESP e da Cia Paulista de Energia Elétrica forem levados avante. (...) A CESP prevê projetos sem problemas com o RIMA – Relatório de Impacto Ambiental, porque segundo Abdala, ‘na realidade são usinas de médio porte e as áreas a serem inundadas não são grandes’. Mesmo assim, para uma etapa posterior ao início da construção da barragem é que deve ser feita a desapropriação.” (GAZETA DO RIO PARDO, 06/01/1990)

Apesar da previsão de ausência de problemas na construção das novas usinas, a obra não teve, naquela década, a aceitação generalizada, presente nos artigos que narraram a construção das usinas do município na década de cinquenta. Cabe salientar que a participação do grupo ecológico local na promoção de debates na cidade e de discussões no jornal foi de grande importância:

“O Nativerde convidou e deverá contar com a presença de ambientalistas de outras cidades, especialistas que ajudarão nos itens a serem abordados, que serão principalmente os ambientais e os sócio-econômicos. O assoreamento dos rios, a perda de matas e fauna, a piora da qualidade das águas, a perda de terras férteis para a agricultura, a irrigação, a captação de água e o lazer serão analisados.

‘O que acontecerá com os pequenos proprietários, com seus sítios quase totalmente inundados? Com as famílias que têm nessas pequenas propriedades sua única fonte de sustento? Como será o reflorestamento a ser executado pelos proprietários, eles terão ajuda financeira da CESP, ou só a técnica? Qual o real perigo dos sismos que estão acontecendo em outras regiões onde se implantaram represas, é tudo exagero dos ecologistas?’, indaga Marisia, prometendo formular tais questões aos enviados da CESP. ‘É uma ótima oportunidade, e que talvez, nessas condições, seja a última’, concluiu. (GAZETA DO RIO PARDO, 16/01/1993)

“A CESP descartou a possibilidade de adiamento ou cancelamento das obras de construção da Usina São José, conforme foi notificado pela TV. A usina está confirmada e aguardando apenas a aprovação do relatório de Impacto Ambiental – RIMA – para que seja dada a ordem de serviço, com a imediata implantação do canteiro e início das obras civis.” (GAZETA DO RIO PARDO, 03/04/1993)

“(...) os ecologistas locais – representados pelo Grupo Nativerde – dizem que o RIMA das usinas ‘falha por várias omissões’, e relatam quais são, no seu entender.

Segundo eles, o documento ‘não apresenta mapas-síntese que informem sobre áreas a serem inundadas, canteiro de obras, etc., em relação ao uso e ocupação do solo (vegetação natural, agricultura, estradas, pontes e outros)’. E afirmam: ‘Dos 37 impactos que a obra vai acarretar, 31 são negativos e apenas 6 são positivos, dos quais apenas um positivo é permanente. E dos negativos, 22 são permanentes e 12 irreversíveis’.

O Nativerde enfoca o problema do impacto no quadro de saúde: ‘O RIMA, referindo-se à possibilidade de que as alterações no quadro da saúde poderão representar um impacto altamente significativo, não aponta, contudo, como a CESP vai investir ou colaborar efetivamente com os ‘órgãos de saúde, sabendo-se que os órgãos estaduais e municipais já são normalmente sobrecarregados e descapitalizados’.

O mapa dos empregos constantes do EIA (Estudo de Impacto Ambiental), mostra para a usina São José ‘500 empregos por só 3 meses, sendo que a média mês a mês, não chega a 150 empregos’. O Nativerde lembra que representantes da CESP, em reunião, ‘admitiram que, pronta a usina, por ser do tipo desassistida, não gerará empregos, só haverá guardas de segurança.’

O grupo também critica a proposta de reflorestamento feita pela CESP: ‘Apesar de se perderem 99 hectares de formações florestais, o RIMA só analisa o impacto sobre a fauna, como se a vegetação (Mata Atlântica) não tivesse valor próprio, e a CESP só se propõe reflorestar 100 ha, deixando só de São José, 228 ha, para os proprietários reflorestarem’.

Mudanças climáticas apontadas no RIMA, e como elas eventualmente afetariam a agricultura local, formam um outro tópico ‘não suficientemente discutido, assim como os riscos da localização da Usina São José, nas cabeceiras da cidade e a não existência de escadas para os peixes nos dois projetos da CESP’, assinala o grupo.

E conclui, entre outras considerações: ‘Com tantos problemas previstos, o RIMA deixa claro que as UHEs Carrapatos e São José não vão trazer benefícios sócio-econômicos para a região, e vão deixar muitos impactos ambientais, perenes e



irreversíveis, somando-se a isso o fato de que as duas usinas produzirão em média 20,8 MW, fica difícil admitir que elas são realmente necessárias e úteis.” (GAZETA DO RIO PARDO, 24/04/1993)

Apesar dos inúmeros impactos negativos da construção das novas usinas terem sido colocados e discutidos, os representantes políticos da cidade consideravam a obra viável, já que os aspectos considerados não foram relacionados à viabilidade ambiental, mas a viabilidade econômica:

“Entre os pontos positivos da obra o prefeito enumera: 1. A nova represa servirá para o desenvolvimento turístico; 2. Haverá aumento de arrecadação de imposto, pois a geração de energia dá crédito de ICM. Em São José, para se ter uma idéia, 70% do ICM vem da Nestlé, e a segunda fonte é a CESP, com as represas já existentes. 3. De imediato, a geração de empregos: a Mendes Júnior diz que terá de 600 a 700 funcionários numa faixa em que há mais necessidade (motoristas, auxiliares, construção civil, etc.). 4. Contrapartida para o município: a. A avenida perimetral sobre o antigo leito da FEPASA (...) b. estação de tratamento de água com capacidade para uma população projetada até o ano 2040, perto da ponte nova (...) c. estação de tratamento de esgoto para a parte central da cidade (...). Giantomassi lamenta as perdas, como a de parte da mata da Tubaca, mas os aspectos positivos compensam.” (GAZETA DO RIO PARDO, 16/19/1993)

Apesar dos impactos negativos levantados e das falhas constatadas no RIMA, a construção das novas usinas, acabou sendo autorizada, porém, não foi implementada até o presente, devido à falta de recursos alegada pelo estado para a realização das obras.

“No momento não é possível assumir nenhum compromisso com relação à emissão de ordem de início das obras da Usina Hidrelétrica São José, disse quarta-feira ao prefeito Giantomassi, ao deputado Sílvio Torres e ao vereador Agenor Ribeiro Netto o secretário de energia, David Zylberstejn. O estado está sem recursos e créditos para pagar a obra, que só poderá ser viabilizada através de parceria com a iniciativa privada, processo já autorizado para início imediato.” (GAZETA DO RIO PARDO, 14/01/1995)

“Para Giantomassi, a expectativa era de que a própria CESP começasse imediatamente agilizar as obras. ‘Vamos continuar insistindo nesta possibilidade, desde que ela se viabilize financeiramente.’” (GAZETA DO RIO PARDO, 14/01/1995)

Torna-se evidente que a qualidade ambiental do município não foi a principal meta da administração da cidade na época. Porém, apesar de tal administração estar diretamente relacionada com a administração do jornal Gazeta do Rio Pardo, o jornal deu abertura tanto para abordagens que consideravam a implementação das usinas positiva, como para as que a consideravam negativa, não tendo havido, desta forma, manipulação do jornal em nenhum sentido, neste caso.

4.2.5- Abordagens sobre o rio Pardo e Ictiofauna

A partir da década de sessenta a Gazeta começou divulgar um maior número de notícias a respeito do rio Pardo, na cidade de São José do Rio Pardo. Uma notificação bastante comum apresentada no jornal foi a morte de pessoas por afogamento ou suicídio no rio no decorrer dos anos 60, 70 e 80 principalmente, sendo a notificação de tais mortes mais raras na década dos anos noventa, o que pode estar relacionado com a

diminuição do volume de águas no rio a partir desta década, ou com a falta de contato por parte da população com o mesmo, na área urbana, em decorrência da poluição.

“Na noite de quarta-feira, a cidade foi surpreendida com a notícia do aparecimento de um cadáver boiando nas águas do rio Pardo, nas proximidades do cemitério local.” (GAZETA DO RIO PARDO, 16/02/1964)

“A última tragédia do rio Pardo, ocorrida terça-feira à noite, com a morte de duas pessoas, traz de volta o problema de total ausência de estrutura de São José do Rio Pardo para enfrentar problemas de certa forma comuns no cotidiano desta população, que quase já acostumou aos casos de morte por afogamento no rio. Toda morte ocorrida no Pardo, é certo, causa comoção.” (GAZETA DO RIO PARDO, 22/11/1981)

Percebeu-se que a notificação das mortes por afogamento expressava, em geral, comoção, gerando sentimentos de tristeza com relação ao rio, que em alguns casos foi responsabilizado pelas mortes:

“O rio Pardo continua fazendo vítimas. Com apenas quinze dias de diferença, apareceu boiando nas águas do rio, outro corpo.” (GAZETA DO RIO PARDO, 28/ 04/ 1963)

A partir da década de setenta, surgiram também no jornal artigos que expressavam afetividade e admiração do povo riopardense pelo rio Pardo:

“Dizem que aqueles que saem de férias, quando voltam, estão com cara de quem precisa de férias. Não sei se isso se deu comigo. Mas sinto saudades do meu Rio Pardo

com suas águas correndo entre as pedras, os morros subindo das margens, o sol refletindo em suas corredeiras. Um rio é um prazer para os olhos. Os que com ele convivem sentem uma atração irresistível, assim como se fora a namorada de seus sonhos. Claras ou barrentas, não importa, faça sol ou chuva, mansa ou caudalosamente que seja o caminhar de suas águas o rio é sempre poesia.

O ruído característico ao deslizar por entre as pedras, tocando de leve as suas margens, ou outras vezes violentamente, desbarrancando a terra que lhe marca o caminho, é música para os ouvidos cansados da cidade grande.

Quando o caminho falseia e ele perde o pé, saltando de dez, trinta ou não sei quantos metros, tanto faz. É o salto ou a cachoeira, é o rio fazendo alarde de sua força. É a orquestra sinfônica das águas. Logo adiante, como cansado de esforço, ele se acalma se aquieta, e volta, a produzir a música suave que embala, a música dolente da água.

Muitas e muitas vezes faz uma curva para corrigir sua reta. Ou então se abre produzindo uma ilha encantadora. O rio é caprichoso quando envolve a ilha encantadora. É voluntarioso quando derruba um barranco. É volúvel quando suas águas vão beijando, uma a uma as folhas das árvores que se debruçam às suas margens.

Um rio que se chame Esperança ou um rio cujo nome é Pardo, tem o mesmo poder mágico capaz de transportar nossos pensamentos para muito longe, o longe sem fim. O meu rio é como todos os rios do mundo. Tem o mesmo ruído, o mesmo brilho do sol, a mesma fascinação, a mesma música. Mas enfeitiça mais porque é o meu rio.”
(SYLOS FILHO, 28/ 03/ 71)

“Sabe, eu tenho um rio de água de céu, que corre no quintal da minha cidade.

Ele leva o azul do infinito no seu correr. É azul.

Por isso, nem ligo quando cantam a beleza do Sena cortando Paris, do Tejo em Lisboa, do Nilo vivificando o deserto, do Arno espelhando as esculturas florentinas...

Não me emociono, porque tenho um rio que dizem ser pardo, e assim o batizaram: rio Pardo. Mas ele é azul. E é meu...

É um rio criança, que brinca. A terra sagrada o encaminha. E passa por mim sempre correndo, rolando, dançando, cantando, remoinhando, saltando, mergulhando e reaparecendo entre pedras, espumando ao encontro de barreiras.

Meu rio é paisagem.

Traz no seu correr, o canto das lavadeiras, o farfalhar das folhas, o trilar dos pássaros, o riso e o lamento dos homens.

Lava o suor molhado dos trabalhadores.

Reflete passantes passando sobre pontes.

Espelha turistas passeantes, parados pasmados à sua margem.

Reflete jovens e maduros intelectuais: visitantes emocionados do tempo de zinco e sarrafos.

Reflete imóveis e calmos pescadores.

Reflete o correr dos carros e lentidão das carroças...

No seu regaço amigo, solitárias canoas flutuam com casais amantes.

Acaricia corpos queimados de banhistas crianças e adolescentes.

E todos, e tudo, tremem e se ondulam no tremer e no ondular das águas.

Meu rio é vida.

Não me importo muito com os nossos grandes rios, porque tenho um pequeno rio que aciona turbinas de usinas, distribuindo energia e progresso.

Ele dá de beber.

Ele faz nuvens, e volta chovendo ao seu leito.

Ainda há peixes no meu rio. Peixes que rareiam a cada ano. E suas margens se enfeitam de coloridos ranchos, com ávidos-calmos pescadores equipados.

Meu rio está ali mesmo, no quintal da cidade: um quintal que troca o natural pela construção – as vezes exagera – do homem.

Meu rio pode morrer...

Sabe, meu rio, eu gostaria de o aconselhar: comece a ridicar sua água aos homens ricos, que de fora vêm, falando em progresso... Eles querem sua água para tocar máquinas e mais se enriquecerem... Eles devolverão a você o suor cansado e

amargo de nossos irmãos... Devolverão detritos indestrutíveis que o destruirão... E você morrerá, matando a vida que você acalenta e agasalha...

Meu rio, não seja tão pródigo! Não se suicide! Se você morrer, eu e o meu povo morreremos também...

Estou temeroso, meu rio...

Quero você criança, a brincar, a correr, a dançar. Quero que as novas gerações também o vejam remoinhando, mergulhando, espumando, trazendo cantares, reflexos, carícias e vida. Quero que elas saibam e vejam que eu ainda tenho um rio de água do céu, que corre no quintal da minha cidade.” (DEL GUERRA, 17/01/1982)

Inicia-se assim, a abordagem de alguns autores no jornal que expressam admiração pelo rio, não somente por aquilo que ele oferece para a população enquanto recurso, como sua utilização para o abastecimento, irrigação, produção de energia entre outros, mas também pelo que ele simboliza pelo simples fato de existir, resgatando sua importância desvinculada da necessidade de servir aos seres humanos.

No final da década dos anos oitenta, porém, iniciam-se relatos que evidenciam modificações das relações dos moradores da cidade com o rio, sendo descritos usos do mesmo no passado que foram restringidos:

“Sinto saudades da gostosa expectativa dos piqueniques da minha infância. Não se dormia naquela noite. A gente ia para a beira do rio (...) a cidade se esvaziava. Famílias inteiras se encontravam às margens de rios encachoeirados, desde a madrugada, afugentando o frio com o fogo entre pedras (...) Crianças e jovens queriam entrar na água. Maiô não se existia num interior sem piscina e em casa de operários. Calções de ginástica, largos os substituíam, quase sempre arrancados pela força da água... As moças, com saias e blusas, molhadas, ensaiavam braçadas no raso do rio, mostrando as formas com roupas grudadas no corpo...” (DELL GUERRA, 1989)

Alguns artigos deram indícios de que o menor contato da população com o rio após a década dos anos oitenta deve estar relacionado com a presença de focos de poluição e conseqüente degradação das águas, tornando a relação com o mesmo menos viável, para o lazer e contemplação:

“Em décadas passadas, contam os antigos moradores, o Pardo era um rio cheio de vida, limpo e muito piscoso. Atualmente, o que se presencia é a deterioração lenta e progressiva de suas águas, através da deposição ‘in natura’ dos esgotos domésticos, industriais e o uso abusivo e indiscriminado dos agrotóxicos nas áreas agricultáveis que margeiam, carregando estes venenos para sua calha, determinando um decréscimo significativo e cruel da flora e fauna aquática nativas da região.

O modelo de desenvolvimento econômico-social regional buscam cada vez mais a produção e o lucro, desflorestando suas margens. Hoje, com uma mata ciliar mínima, é o rio Pardo também intensamente assoreado, acarretando freqüentes transbordamentos e inundações nas regiões mais baixas e várzeas.

A falta de consciência ambiental dos usuários, clubes recreativos, ranchos e pescueiros transformam o leito do Pardo em um grande depósito de materiais descartáveis e outros produtos finais do lixo de uma população crescente e insensível à preservação deste importante patrimônio natural.” (GAZETA DO RIO PARDO, 17/02/1990)

Pode-se notar que as discussões a respeito da degradação do rio Pardo se tornaram complexas, havendo considerações sobre variados fatores que geram impactos no mesmo, tais como o modelo de desenvolvimento, as pressões demográficas, a insensibilidade da população entre outros, associando-se à estes impactos o “decréscimo significativo e cruel da flora e fauna aquática nativas da região”.

Com relação às discussões sobre modificações na diversidade de espécies decorrentes de impactos ambientais, a grande maioria dos artigos apresentados no jornal abordou com profundidade somente as modificações ocorridas na ictiofauna, não tendo sido encontradas discussões similares sobre alterações em outras espécies dos ecossistemas aquáticos ou terrestres.

“Outrora São José exuberava o verde e o sol resplandecia sobre suas colinas, com todo o fulgor. As águas límpidas do Pardo dançavam por entre as pedras nas correntezas, onde haviam cardumes de inúmeras espécies de peixes.” (GAZETA DO RIO PARDO, 19/05/1990).

De fato, o relato em variados artigos do jornal sobre a grande movimentação nos clubes de pesca da cidade, bem como as modalidades consideradas para o julgamento dos vencedores em campeonatos de pesca, dão indícios de que a quantidade e variedade de peixes eram grandes no rio:

“Continuam os fins de semana movimentados às margens do rio Pardo. Entre os chamados “Ranchos” de pesca muitos tem recebido grande número de simpatizantes da pesca.” (GAZETA DO RIO PARDO, 11/04/71)

“Maior quantidade, maior tamanho e maior peso, são os principais requisitos exigidos pelo regulamento do Campeonato Estadual de Pesca que o Clube Rio-pardense de Pesca organizou para o dia 13 de agosto.” (GAZETA DO RIO PARDO, 06/ 08/ 1972)

Muitos impactos foram apresentadas pelo jornal, como fatores que geraram alterações na ictiofauna. Entre estes fatores, foram bastante mencionados os processos de poluição das águas por diversos agentes:

“(...) a bióloga Maria de Fátima Celeste, atualmente trabalhando no setor de preservação do meio ambiente da CESP/São Paulo, fez um apanhado geral sobre a situação do rio Pardo segundo levantamento feito pela empresa, anos atrás. Constatou um alto índice de contaminação por agrotóxicos que coloca o rio Pardo entre os mais poluídos do estado, devido ao abuso de pesticidas e da não preservação das margens ao longo do rio (...).” (GAZETA DO RIO PARDO, 28/11/1987)

“Outra questão apontada pela secretária do Nativerde, como fator de desequilíbrio ambiental, foi a falta de preservação do rio Pardo. Conforme explicou, a cidade conta com apenas 2% de seu esgoto tratado, ‘e a outra parte é despejada no rio sem tratamento adequado e desta forma podemos concluir que o rio está poluído pela grande quantidade de lixo e detritos que são despejados diariamente em suas águas’.” (GAZETA DO RIO PARDO, 05/06/1999)

“O rio Pardo (...) é poluído por detritos industriais, esgotos domésticos de dezenas de cidades e agrotóxicos (...) (TORRES, 29/04/1989)

Um artigo relatou a morte de peixes em um afluente urbano do rio Pardo, em decorrência da poluição pelo esgoto da cidade:

“Na terça-feira, o córrego Macaúbas, que atravessa a Vila Pereira, chamou a atenção dos populares que se aglomeraram em cima da ponte na rua Rangel Pestana: uma grande quantidade de peixes mortos descia o córrego, enquanto outros morriam se

debatendo, pulando fora das águas visivelmente poluídas.” (GAZETA DO RIO PARDO, 30/08/1981)

“A Cetesb revelou na semana passada o resultado das análises feitas com as águas do córrego Macaúbas em cujo leito se registrou recentemente elevada mortandade de peixes. Praticamente os resultados oficiais foram aqueles suspeitados (...) falta de oxigênio causadas pelos esgotos domiciliares.” (GAZETA DO RIO PARDO, 27/09/1981)

Além da poluição da água, um outro fator que gerou o desequilíbrio da ictiofauna apresentado pelo jornal foi a pesca ilegal, com instrumentos proibidos e em épocas não autorizadas:

“Hoje é dia 8, dia da piracema e por isso nossos rios deverão receber número recorde de pescadores que tentarão ‘deter’ os peixes em sua anual subida. O CRP, por certo estará com suas dependências tomadas” (GAZETA DO RIO PARDO, 08/12/1968)

“Elevado é o número de pescadores que desobedecem as leis vigentes e pescam de redes e de covos, prejudicando seriamente a fauna piscícola. O maior número dos contraventores vem de longe, via Poços de Caldas e entram pelo distrito mineiro de Palmeiral. Até de S. Paulo vem pescadores.” (GAZETA DO RIO PARDO, 25/10/70)

“Foi apreendido farto material de pesca considerado proibido por Lei, consistindo em redes, tarrafas covos e outros petrechos, bem como foram lavrados diversos autos de infrações.” (GAZETA DO RIO PARDO, 23/11/1985)

Foram discutidos, também, os impactos gerados pela construção de barragens nos rios, sem escadas ou túneis, com conseqüente inviabilidade de reprodução das espécies de peixes:

“Com a construção de barragens sem a correspondente construção de escadas para a subida dos peixes, fica estabelecido um grave desequilíbrio ecológico e se não houver um trabalho constante de repovoamento artificialmente, em pouco tempo teremos um rio morto. E mesmo com esse trabalho, muitas espécies de peixes deverão desaparecer do Pardo, pois são do tipo que só conseguem desovar depois de percorrerem algumas centenas de quilômetros (é o caso do dourado, piracanjuba, piapara). Para compensar esta perda, a única alternativa é substituir a antiga fauna (de águas correntes e longos percursos) por outras de água paradas.” (GAZETA DO RIO PARDO, 07/06/1981)

Não somente os impactos ambientais que levaram à alterações na ictiofauna foram abordados no jornal, mas também uma série de medidas sugeridas ou implementadas no sentido de se reverter a situação foram apresentadas. Uma consideração feita no sentido de se viabilizar a manutenção da ictiofauna ainda existente no rio, foi a sugestão de se proibir a pesca profissional:

“O tenente Francisco Gôngora, de Casa Branca, está apoiando a iniciativa de um casabranquense conhecido como ‘José da Leda’, que quer o fim da pesca profissional nas águas do rio Pardo. Um abaixo assinado está sendo elaborado em Casa Branca por Leda nesse sentido e o tenente considera a medida oportuna. ‘Realmente a atividade (pesca profissional) no rio Pardo é inaceitável’, opinou o tenente. Ele argumenta que o rio não oferece estoque de peixes para abastecer o mercado, que a pesca é feita de forma irregular e ilegal e que a ação dos pescadores

profissionais não permite que a população de peixes aumente.” (GAZETA DO RIO PARDO, 01/05/1993)

No entanto, a proposta de proibição da pesca profissional não se concretizou até o momento, segundo relato da Polícia Florestal da cidade.

Outra medida tomada, no sentido de se recuperar a fauna de peixes do rio na região, foi o repovoamento com alevinos:

“A polícia Florestal de São José está elaborando um projeto de repovoamento e reflorestamento às margens do rio Pardo. Indústrias, comércio e outros segmentos da sociedade deverão integrar o projeto, que terá uma comissão encarregada de fiscalizar os itens que dele constarem.” (GAZETA DO RIO PARDO, 06/06/1992)

“No último dia de janeiro (31) a Secretaria Municipal de Agricultura (SMA) lançou ao rio Pardo 10.000 alevinos de carpa prateada, dando assim prosseguimento ao programa de repovoamento do rio. O lançamento dos alevinos aconteceu nas proximidades da Área de lazer e esta foi a terceira vez, em seis meses, que milhares deles são jogados no rio Pardo.” (GAZETA DO RIO PARDO, 03/02/1996)

“Os primeiros 10 mil dos 40 mil alevinos de curimatá advindos da estação experimental da CESP para o município foram colocados no rio Pardo em solenidade ocorrida na manhã do dia 19 último.

(...) o prefeito Giantomassi, o vice, Santurbano, o presidente da Câmara, vereador José Carlos Xavier (...) e convidados se encarregaram de despejar nas águas do rio os alevinos acondicionados em sacos plásticos (...)

Esteve presente também o gerente da CETESB de Ribeirão Preto, que veio a São José especialmente para prestigiar as ações em benefício do meio ambiente pelas autoridades municipais, segundo explicou.” (GAZETA DO RIO PARDO, 23/03/1996)

Sem dúvidas, nenhuma outra alteração nas espécies da fauna ou flora locais foi discutida quanto a fauna de peixes. Provavelmente esta ampla abordagem se deva ao fato das relações estabelecidas pelos seres humanos com a ictiofauna serem intensas, sendo que as alterações ocorridas trazem conseqüências também para aqueles que praticam a pesca recreativa, profissional ou para subsistência, sendo então mais passíveis de serem observadas.

Pode-se considerar que, durante os anos noventa, a maioria das discussões voltadas para a temática ambiental abordaram o rio Pardo ou elementos associados a este ecossistema, tendo sido possível encontrar uma grande quantidade de informações sobre o mesmo, que serão contrapostas com os relatos dos moradores da cidade no capítulo V.

5- Conclusões

⇒ Em todas as décadas analisadas, foram encontradas informações sobre a fauna, flora, conservação dos solos, energia e água, sendo que não foram encontradas informações a respeito da qualidade do ar na região, provavelmente pelo fato deste não apresentar índices significativos de poluição, devido ao baixo nível de industrialização local e regional;

⇒ A temática ambiental esteve bastante presente no jornal Gazeta do Rio Pardo na década dos anos cinquenta, sendo que os problemas e discussões relacionados à produção de energia e ampliação dos serviços de abastecimento de água na cidade foram os mais abordados na década;

⇒ Na década dos anos cinquenta havia abordagens de temas ambientais locais, regionais e globais, enquanto nas décadas seguintes esta abordagem se mostrou principalmente local;

⇒ Foi possível observar flutuações na abordagem das questões ambientais pelo jornal, dependendo do perfil de seus proprietários e diretores.

⇒ Nas décadas dos anos sessenta e setenta houve uma grande diminuição da abordagem de temas ambientais no jornal, sendo que a carência de energia elétrica e os problemas relacionados ao abastecimento de água continuaram sendo os mais abordados;

⇒ Nas décadas dos anos oitenta e noventa os temas relacionados ao ambiente se tornaram mais presentes e diversificados no jornal. Os processos de poluição e degradação do rio Pardo, com especial atenção nas alterações observadas na ictiofauna, bem como a probabilidade de se instalar novas usinas hidrelétricas no rio foram os temas mais abordados;

⇒ O grupo ecológico Nativerde teve grande importância na discussão de problemas ambientais na cidade de São José do Rio Pardo,

Capítulo V: Considerações finais

1- O rio segundo os olhares dos moradores, o rio segundo os olhares da imprensa escrita

Ao compararmos os dados obtidos através das entrevistas com os moradores, com os dados obtidos através da análise documental do jornal Gazeta do Rio Pardo, podemos concluir que há uma grande coincidência na descrição das alterações no rio, bem como nas modificações da relação da população com o mesmo. As principais modificações observadas pelos moradores, descritas também no jornal foram as alterações nas características da água do rio, modificações na ictiofauna e restrição dos usos múltiplos da água.

Com relação às alterações nas características da água, tanto os moradores como o jornal citaram a poluição da água, apresentando como causas a presença de lixo e de esgotos domésticos e industriais. No entanto, os artigos do jornal citaram, também,

como uma importante causa da degradação da água, a grande quantidade de agrotóxicos utilizados nas práticas agrícolas que chegam até o rio, não sendo esta causa apresentada por moradores das áreas rurais ou urbanas. Tais moradores, no entanto, apresentaram como uma das causas da degradação das águas a deposição de animais mortos no rio, não sendo estes relatos encontrados nos jornais, provavelmente por gerarem um impacto relativamente pequeno.

Com relação às modificações na ictiofauna, ambas as fontes de dados forneceram informações sobre a diminuição da quantidade de peixes e sobre a diminuição ou extinção local das espécies encontradas anteriormente no rio. As causas apresentadas para este fato também tiveram um grande grau de coincidência, sendo mencionadas a presença de esgotos domésticos e industriais, a diminuição das matas ciliares, a pesca ilegal e a construção de barragens no rio. Uma causa adicional apresentada pelo jornal para as modificações descritas na ictiofauna foi a destruição de lagoas marginais.

Com relação aos usos múltiplos da água, tanto os entrevistados quanto os artigos do jornal descreveram uma redução da utilização das águas do rio Pardo para recreação (nado e pesca) e alimentação (pesca).

A única alteração citada pela população que não foi identificada nos artigos do jornal foi a redução do volume de águas do rio, bem como o estreitamento do seu leito. Os relatos dos moradores, dão indícios de que esta diminuição não se deve apenas ao período prolongado de estiagem observado nos anos em que as entrevistas foram realizadas (2000 e 2001), já que tais relatos descrevem mudanças que não poderiam ocorrer apenas com o longo período de seca:

“ele era um rio, pra começar, ele nunca chegou a ficar tão vazio assim, como ele tá. Porque dá medo de ir lá olhar a régua. Dá medo! Difícil chegar a ter um metro e vinte; é um metro, é 95cm. Num chega a ter nem um metro. Eu nunca vi o rio tão baixo assim. (...) Nunca foi isto” (Francisco Gonsalvez)

Cabe salientar que o senhor Francisco realiza as medições do nível do rio Pardo diariamente, há mais de vinte anos. Também, variados relatos já incluídos e discutidos no Capítulo III, mostraram que a redução das águas foi bastante significativa, não podendo ser atribuída somente ao período de estiagem. Sendo assim, não foram encontradas explicações para a não citação desta alteração, já que todas as demais alterações exemplificadas pela população foram comentadas, também, nos artigos do jornal.

Com relação às principais memórias relacionadas ao rio descritas pela população e presentes nos artigos do jornal, também foi possível identificar uma grande coincidência de relatos. As principais memórias abordadas nas entrevistas e nos artigos do jornal foram as memórias sobre os diversos transtornos gerados na população pela enchente de 1977, as memórias sobre a grande quantidade e variedade de peixes encontrados no rio, bem como as memórias dos afogamentos ocorridos no mesmo.

Além disto, as mudanças afetivas ocorridas nas relações da população com o rio foram apresentadas tanto nos relatos como nos artigos analisados, indicando mudanças nos vínculos afetivos da população, que no passado apresentavam uma relação de maior contato e apreciação com o rio, passando tal contato a ser menor ou inexistente em

decorrência dos processos de degradação, modificação da paisagem e perturbações causadas em decorrência dos processos de poluição.

A triangulação dos dados obtidos nesta pesquisa revela que o rio Pardo sofreu e tem sofrido uma série de impactos negativos, sendo tais impactos responsáveis por diversas modificações no rio, bem como nas relações estabelecidas pela população com o mesmo. Algumas alterações apresentadas são passíveis de ser minimizadas ou eliminadas, sendo estas a poluição por esgotos domésticos e industriais, a poluição difusa por agrotóxicos e a presença de lixos variados no rio, havendo também a possibilidade de se implantar programas de recuperação das matas ciliares.

A reversão destes impactos citados não somente na cidade de São José do Rio Pardo, mas na Bacia como um todo, propiciaria melhores condições para o repovoamento do rio com peixes, devendo haver também uma maior fiscalização da pesca pelos órgãos responsáveis, bem como a elaboração e implementação de campanhas educativas junto à população. Porém, tais medidas cooperariam mais no sentido de aumentar a quantidade de peixes e não a variedade de espécies.

Isto porque, as demais alterações irreversíveis ocorridas no rio, como a construção das usinas Euclides da Cunha e do Limoeiro, em São José do Rio Pardo, sem escadas ou túneis, não viabilizaria a presença e procriação de várias espécies de peixes encontradas no rio anteriormente, podendo-se considerar a diminuição da diversidade de peixes como um impacto irreversível.

A diminuição dos focos de degradação do rio Pardo, aliada a campanhas educativas, poderia auxiliar no reestabelecimento de vínculos afetivos da população com

o mesmo, tornando mais harmônicas as relações entre os seres humanos e os ecossistemas onde estão inseridos.

2- Recomendações para o desenvolvimento de pesquisas futuras

Mediante os resultados obtidos nesta pesquisa, recomendo a elaboração e implementação de programas educativos que constem, por exemplo, das seguintes etapas:

⇒ Caracterização das águas do rio Pardo em diferentes pontos da cidade, incluindo análises físicas, químicas, biológicas e testes de toxicidade;

⇒ Identificação dos principais agentes de degradação do rio Pardo na cidade de São José do Rio Pardo, por equipes compostas por diferentes representantes da comunidade, tais como, estudantes, moradores, representantes do poder público e pesquisadores;

⇒ Elaboração de roteiros de excursões voltados para estudantes em pontos onde as transformações ocorridas no decorrer do tempo se mostrarem mais significativas, com a participação de moradores antigos da cidade como guias, que atuem como contadores de histórias sobre o rio;

⇒ Elaboração de materiais didáticos sobre o rio Pardo, tais como livros, maquetes, jogos, entre outros, que visem tanto contribuir para a divulgação de conhecimentos

atuais sobre o rio, como para a perpetuação das memórias sobre o mesmo, afim de que tais memórias não se percam com o passar do tempo, mas que possam se perpetuar com o registro escrito dos relatos orais;

⇒ Aplicação do material junto ao público alvo para o qual se destinarem e avaliação dos resultados obtidos;

⇒ Divulgação dos resultados obtidos após a implementação do programa educativo na cidade, junto aos comitês de Bacias Hidrográficas e demais instituições, como uma possibilidade de contribuir para a elaboração de programas educativos em outras cidades da Bacia Hidrográfica do rio Pardo, ou mesmo para outras bacias.

Referências

A cidade se ilumina... por fora... **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 10 fev. 1967.

A morte na poluição. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 30 ago. 1981.

ÁGUA: escassa, suja e cara. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 25 nov. 1989.

ÁGUA, o problema. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 29 jul. 1973.

ÁGUA – o problema da cidade. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 14 set. 1952.

ALMEIDA, R. DE C. **Memórias do Monjolinho: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos**. 2001. (Mestrado apresentada ao Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos)

APESAR da seca, cidade escapa de situação caótica no abastecimento de água. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 14 dez. 1975

AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, topofobia e topocídeo em Minas Gerais. In: DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. (org.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

ARBORIZAÇÃO deve continuar com mudas doadas. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 20 nov. 1983.

BRASÍLIA. Agência Nacional de Energia Elétrica & Agência Nacional de Águas. **Introdução ao gerenciamento de recursos hídricos**. Brasília, 2001.

BONETI, L.W. **O silêncio das águas: políticas, meio ambiente e exclusão social**. São Paulo: UNIJUI, 1997.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOTTURA, G. **A compreensão das formas de relação da população com o meio ambiente. Estudo de caso no reservatório de Salto Grande (Americana- S.P.)**. 1998. Dissertação (Mestrado apresentada ao Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos)

BRUNI, J.C. **A água e a vida**. Tempo Social, São Paulo, v.5 n.1-2, p.53-65, 1993.

CAMPANHA do hidrômetro. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 27 set. 1964.

CAMPEONATO estadual de pesca amadora fluvial. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 06 ago. 1972.

CARDOSO, L. **O perigo atômico**. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 11 jan. 1953.

(CESP) **Análise preliminar da enchente de janeiro de 1977 na bacia do alto rio Pardo**. São Paulo: CESP, 1977.

CESP confirma a presença de seis pessoas em São José no dia 20 para novas discussões. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 16 jan. 1993.

CESP confirma construção da usina. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 03 abr. 1993.

CESP produzirá 10 milhões de peixes. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 07 jun. 1981.

CIPARDO: um consórcio tenta dar vida ao rio Pardo. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 17 fev. 1990.

CLUBE rio-pardense de pesca. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 11 abr. 1971.

COMBATE à poluição das águas. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 03 jul. 1955.

CÓDIGO tributário prevê medidas rigorosas para o consumo excessivo de água. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 25 jan. 1976.

DELL GUERRA, R. J. **A São José, nostra nuova storia**. São Sebastião da Gramma: Grass, 1999.

_____ **Conhecendo Euclides da Cunha: ano 100 (1898 – 1998)**. São José do Rio Pardo: Prefeitura Municipal, 1998. (Coleção Municipal, v. 2).

_____ **Do ventre da terra mãe (São José do Rio Pardo)**. São José do Rio Pardo: Graf-Center, 2001.

_____ **Meu rio.** Gazeta do Rio Pardo. São José do Rio Pardo, 17 jan. 1982.

_____ **Piquenique preservado.** Gazeta do Rio Pardo. São José do Rio Pardo, 29 abr. 1989.

_____ **Riquezas do baú provinciano.** São Sebastião da grama: Grass, 2000.

_____ **São José do Rio Pardo: história que muitos fizeram.** São José do Rio Pardo: Prefeitura Municipal, 1997. (Coleção Municipal, v.1).

DESPOVOAMENTO dos rios. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 21 jun. 1955.

DEZ mil alevinos são postos no rio pardo. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 23 mar. 1996.

DIA da árvore. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 16 set. 1973.

DIA da árvore: 218 mudas plantadas. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 23 set. 1973.

ENERGIA elétrica. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 06 set. 1964.

ENERGIA elétrica – fator de progresso. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 07 set. 1952.

FALTA de oxigênio, a causa da matança dos peixes. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 27 set. 1981.

FERREIRA, A. B. DE H. et. al. Dicionário básico de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, M.A.V. ; OLIVEIRA, H.T. Análise dos conceitos e percepções de alunos da 8ª série do ensino fundamental sobre o Rio Pardo, no município de São José do Rio Pardo. In: ANPED, 24. 2001. Caxambu. Anais... [S. l.] Microservice, 2001. 1CD.

FLORESTAL prega conscientização e prevê o caos se não houver mudanças. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 19 maio 1990.

FLORESTAL quer repovoar o pardo; nativerde faz ato público em apoio à eco-92. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 06 jun. 1992.

HOBBSAWN, E. Sobre história. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

IMPORTÂNCIA das florestas. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 30 maio 1976.

INAUGURADOS 2 novos geradores da usina Euclides da Cunha. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 28 nov. 1965.

LANG, A. B. S. G. Documentos e depoimentos na pesquisa histórico-sociológica. In: LANG, A. B. S. G. (org.) **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU. s. 2 ; n.3. 1992, p. 78-96.

LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990

LEI que restringe indústria no rio pardo será alterada. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 01 maio 1987.

LEI regulamenta indústria na bacia do pardo. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 11 abr. 1987.

LEITE, O. P. **A natureza conturbada**. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 1950.

LÜDKE, M. ; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEIO ambiente local sofre. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 05 jun. 1999.

MENDONÇA, M. **Necessidade de arborização**. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 17 jan. 1971.

MERRIAM, S. B. **Case Study: research in Education – a qualitative approach**. San Francisco: Jorsey – Bass Publishess, 1988.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec – Abrasco, 1993.

MONSMA, K. **Apresentação: água e cidadania**. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, n.24-27, p.3-6, jan.- dec. 1998.

MORAES, P. **A energia nuclear e os sofrimentos do homem**. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 22 maio 1955.

MORGADO, M. A. **Aprovação popular da violência policial: um desafio político-pedagógico para o movimento dos direitos humanos**. In: ANPED, 24. 2001. Caxambu. Anais... [S. I.] Microservice, 2001. 1CD.

MUITAS vantagens da usina da Cesp para o meio ambiente. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 16 out. 1993.

MUNICÍPIO sofre a maior inundação de sua história. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 23 jan. 1977.

NO ano que vem nós vamos comemorar o dia desta árvore. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 02 set. 1989.

NOGUEIRA, D. **Pesquisa social: introdução às suas técnicas**. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1988.

ORGANIZAÇÃO atômica. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 12 maio 1956.

PARA os ecologistas, o rima das usinas “tem falhas”. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 24 abr. 1993

PERRY, M. Et. al. **Civilização Ocidental: Uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

POLÍCIA florestal de casa branca apoia fim da pesca profissional. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 01 maio 1993.

PREVISTA para 1953 a conclusão dos serviços da água em São José do rio Pardo. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 31 ago. 1952.

PROSSEGUE o programa de reflorestamento de matas. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 2 mar. 1996.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. M. V. (Org.). **Experimentos com histórias de vida** (Itália-Brasil). São Paulo; Vértice/ Editora Revista dos Tribunais, 1988 p. 14-43.

QUEIXAS quanto a pesca irregular. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 25 out. 1970.

REGIÃO terá mais quatro hidrelétricas, cpee deverá construir uma. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 06 jan. 1990.

RESOLVIDO o problema da água. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 20 dez. 1953.

REUNIÃO de prefeitos municipais a fim de tratarem sobre a paralisação das obras das usinas <<Euclides da Cunha>> e <<limoeiro>>. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 20 set. 1953.

REUNIÃO ecológica no centro cultural ítalo-brasileiro. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 28 nov. 1987.

REVISÃO do código de águas. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 22 jun. 1951.

RIO pardo faz mais uma vítima. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 16 fev. 1964.

RIO pardo ganha mais 10 mil alevinos. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 03 fev. 1996.

RIO pardo volta a assustar população. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 13 jan. 1980.

RODRIGUEZ, F. A. (Cord.). **Gerenciamento de recursos hídricos**. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal & Secretaria de Recursos Hídricos. Brasília, 1998.

ROMPE o rio pardo a barragem do limoeiro. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 01 mar. 1957.

SACHS, W. **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Petrópolis: Editora vozes, 2000.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **A água no olhar da história**. São Paulo, 1999.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Macrozoneamento das bacias dos rios Mogi Guaçu, Pardo e Médio Grande**. São Paulo, 1995.

SALEM, T. Entrevistando famílias: notas sobre o trabalho de campo. In: NUNES, E. DE O. (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SELLTIZ, C. et. al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São paulo: EPU, 1974.

SEMANA da árvore. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 24 set. 1967.

SERVIÇO de buscas, uma necessidade. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 22 nov. 1981.

SETE notícias por semana. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 28 abr. 1963.

SILVA, R. T. **Indicadores de perdas nos sistemas de abastecimento de água**. In: PROGRAMA NACIONAL DE COMBATE AO DESPERDÍCIO DE ÁGUA. Disponível em: < [http:// www.pncda.gov.br](http://www.pncda.gov.br)>. Acesso em: 23 jan. 2002.

SYLOS, H. **Arborização, uma necessidade**. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 28 fev. 1971.

SYLOS FILHO, J. **O meu rio**. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 28 mar. 1971.

THAME, A. C. M. (Org.). **A cobrança pelo uso da água**. São Paulo: Instituto de Qualificação e Editoração LTDA, 2000.

TORRES, S. **O apelo do rio pardo**. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 29 abr. 1989.

TREVISAN, A. F. **“A fundação da capela de São José do Rio Pardo”**. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do rio Pardo, 19 mar. 1982.

TROMBA d’água deixa vítimas e grandes danos materiais no município. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 04 fev. 1973.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

USINA da Cesp deve ser privatizada. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 14 jan. 1995.

VULTUOSOS empréstimos às usinas do rio pardo. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do RioPardo,03abr.1955.

Anexo

Roteiro das questões formuladas na entrevista, nas áreas rural e urbana.

1- Nome

2- Tempo de residência próximo ao rio

3- Da época em que reside aqui, você/ o senhor/ a senhora/ percebeu alguma modificação no rio Pardo? Qual? (em caso de respostas afirmativas)

4- Na sua opinião, o que causou estas mudanças?

5- Você acha que é possível fazer algo para reverter estas mudanças que você mencionou?

6- Você tem alguma lembrança, alguma recordação relacionada ao rio Pardo? Qual? (em caso de respostas afirmativas)